



Ana Cristina Silva

A SEGUNDA MORTE DE ANNA KARÉNINA

Quando uma mulher apaixonada é traída,
os custos da vingança podem
ser terríveis.



OFICINA
DO LIVRO



Ficha Técnica

Título original: A Segunda Morte de Anna Karénina

Autoria: Ana Cristina Silva

Edição: Maria do Rosário Pedreira

Capa: Maria Manuel Lacerda

Imagens da capa: © Shutterstock

ISBN: 9789897410970

OFICINA DO LIVRO

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2013, Ana Cristina Silva

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: info@oficinadolivro.leya.com

www.oficinadolivro.leya.com

www.leya.pt

A autora escreve de acordo com a antiga ortografia.

*As famílias felizes parecem-se todas;
as famílias infelizes são-no
cada uma à sua maneira.*

LEV TOLSTOI, *ANNA KARÉNINA*

Lisboa, 18 de Julho de 1918

Para lá do portão do cemitério do Alto de S. João começa a terra dos mortos e termina a azáfama dos vivos. O Sol é um balão inchado e o vento sopra morno entre as árvores. Ao longo do muro branco, os ciprestes agitam-se ao de leve, negros, num movimento de luto.

Uma carruagem sobe lentamente a avenida paralela ao cemitério. Diante da entrada, o cocheiro refreia com suavidade o cavalo. Lá dentro, reina a vasta noite da eternidade, mas a vibração do calor transforma as pessoas que acompanham o funeral de um oficial numa neblina de contornos indistintos. O único passageiro da carruagem é uma mulher que contempla o território das campas com um olhar vago. Violante de seu nome, atriz de profissão, apeia-se devagar. É uma senhora na última floração da juventude; em breve, a sua beleza estará perdida, seca como uma asa de borboleta, mas, por enquanto, persistem no seu rosto sinais de uma perfeição intacta: os olhos azuis brilhantes como os de uma menina, a fina e esculpida linha do perfil. Uma expressão pensativa contraria, porém, o seu aspecto gracioso, quase improvável numa mulher de quarenta e cinco anos. Pede ao cocheiro que a aguarde e dirige-se em passos vacilantes para o cemitério.

Espera uns instantes ao portão, deixando afastar-se o cortejo fúnebre. Só então percorre as alamedas, contemplando com um ar perdido os corredores de sepulturas antigas. Os seus olhos vagueiam pelas velhas pedras tumulares do século passado; fixam, com uma atenção distraída, os rostos das estátuas nos jazigos, cujas formas, imobilizadas no mármore, captam a

fugacidade das expressões humanas. Essas figuras brancas – e as outras escurecidas pelos líquenes – pouco diferem de fantasmas, pensa. Depois de muito caminhar, chega à zona mais recente do cemitério. Aí, como uma criança que procura um esconderijo, coloca-se atrás de uma árvore.

O funeral já decorre há algum tempo. Um grande ajuntamento de pessoas rodeia agora o caixão à entrada do jazigo da família. De onde se encontra, Violante consegue distinguir a voz do padre: na oração fúnebre, discorre sobre a violência e a brutalidade dos seres humanos, deixando passar um inesperado cepticismo sobre a alma dos pecadores; com um olhar míope, observa à esquerda e à direita o seu rebanho e alerta para o estado do mundo numa voz cansada; protesta contra os tempos em que ninguém parece ter sentimentos claros sobre coisa alguma – só raramente se pensa nas baixas da guerra em França e a maior parte dos portugueses prefere manter os seus mortos à distância; refere a turbulência da época, em que o próprio clero é hostilizado pelas leis republicanas. A certa altura, perde-se no fio do raciocínio e, pondo então de parte as facetas mais sombrias do discurso, retoma os bons ofícios do sacerdócio, consagrando as últimas palavras à perfeição do Senhor e recordando à assistência como a eternidade é um rio de águas límpidas, de onde transbordam as virtuosas dádivas de Deus. Insiste na piedade do Pai, que envia as almas para o Paraíso, e na Sua bondade que nunca declina.

Violante foi-se entretanto aproximando, tendo-se ocultado atrás de uma pedra tumular. Já não é capaz de se concentrar nas palavras do padre, que continua a falar de um Paraíso invisível numa linguagem francamente abstracta quando, afinal, a morte é tão concreta. Dispersa-se e firma o olhar numa jarra de flores sobre a campa mais próxima: algumas pétalas espalham-se no chão; o vento apodera-se das folhas mortas, elevando-as e deixando-as depois cair até se perderem de vista entre milhões de grãos de poeira. Também Violante se perde e, em vez de ouvir as palavras do sacerdote, sente o borbulhar escaldante da luz, escuta o sussurro da brisa entre a folhagem das árvores, distingue os seus próprios suspiros como se pertencessem a outra pessoa.

Quando finalmente o padre termina, uma companhia de soldados perfila-se em sentido e presta honras militares ao oficial falecido. Violante pensa que o mais natural seria desatar a chorar. Deseja essa dor intensamente, anseia por viver a agonia do luto. As lágrimas seriam bem-vindas, um

brando véu de água que a faria pertencer àquele mundo, mostrando uma infelicidade que esbraceja dentro de si para se libertar. Quer sentir os olhos húmidos, o pescoço vincado pela dor, os dedos trémulos. Aspira ser inundada por um desespero que a transforme, mas os olhos quedam-se fixos e teimosamente secos. Não consegue ajustar os seus sentimentos à tragédia da morte. É incapaz de ultrapassar essa espécie de torpor que a aridez do seu coração revela. Interroga-se então o que foi ali fazer, ela, que nunca foi a mãe do defunto, mesmo que o tenha dado à luz.

Quando o bebé nasceu, esteve com ele nos braços por instantes. Depois, com uma estranha mistura de indecisão e segurança, entregou-o para que o levassem. Rodrigo Borges Castro, o seu filho, teve uma vida longe de si em que foram importantes a mãe adoptiva e a esposa, duas mulheres agora despedaçadas pela sua morte. Ela não. Nunca fez parte da existência de Rodrigo. Do seu esconderijo, Violante escuta os lamentos de ambas. Desfazem-se em lágrimas e essa dor ecoa nos seus ouvidos, mas nem por contágio consegue encontrar no próprio peito um grito lancinante com que se penitencie. Não se trata das exéquias de um soldado anónimo, mas de um homem de vinte e cinco anos muito amado; um oficial do Corpo Expedicionário Português, gaseado nos últimos dias da batalha de La Lys, que acabou por morrer num hospital de campanha em França. Para aquelas duas mulheres que observa, a angústia é um remoinho tão grande que as empurra e faz cair de joelhos. O mundo delas desfaz-se no vazio. Violante sente inveja dessa desolação: queria poder sentir uma dor assim, como uma fractura exposta, como um osso que lhe rasgasse a carne.

Foi ali cumprir uma obrigação, um dever evidentemente penoso, é o que diz a si mesma, embora sem se convencer. A justificação é indefinida e obscura e também não explica porque a cerimónia fúnebre não lhe desperta a mínima comoção. A dor, que lhe parecia iminente antes de ali chegar, é na verdade inalcançável.

Há um contraste profundo entre o que sente e o que gostaria de sentir. O que não lhe é dado experimentar está a acontecer ali à sua frente, mas sem ela. Contudo, mesmo contra a sua vontade, os filamentos das recordações puxaram-na para aquele território de onde sempre se esquivou. E, agora, do bebé que ainda habita a sua memória, resta apenas o cadáver de um jovem. A lembrança de ter tido um filho naturalmente nunca desapareceu, mas tornou-se uma imagem tão pálida como os rostos em certas fotografias que,

com o tempo, vão perdendo a nitidez dos traços. Imaginar a existência de Rodrigo seria sempre mergulhar no desconhecido, entrar numa fotografia que não lhe pertence. Alguns pormenores da vida do rapaz chegaram ao seu conhecimento pela criada, mas de forma fragmentária. Foi assim que ficou a saber que Rodrigo frequentara o Colégio Militar e se casara com uma jovem de boas famílias, um casamento muito publicitado, aliás, nas páginas sociais dos jornais. Nada disso serviu, no entanto, de matéria para uma recordação pessoal que pudesse ter sido cunhada pelo seu amor à criança. Porém, quando leu no jornal, na secção da necrologia, a notícia da sua morte, sombras disformes brotaram de todos os lados empurrando-a e causando-lhe vertigens, ainda que nada na fotografia do oficial identificasse o recém-nascido que tivera nos braços vinte e cinco anos antes.

A criada confirmou-lhe a data do funeral. O pai adoptivo, coronel na reserva, moveu o céu e a terra para trazer o corpo de França e devolvê-lo ao solo da Pátria.

Por um instante, Violante fecha os olhos. Assalta-a a mais sinistra das visões, uma imagem do filho deitado de costas no caixão, de olhos também fechados, o cabelo ondulado como o seu, macio como o de um bebé. Por incrível que pareça, não vê nele rosto algum. Talvez a sua dor exista sem se dar conta de que é dor, talvez essa busca de uma razão para chorar não lhe permita ver como o seu coração faminto de desespero já avança pelo caminho do sofrimento. Bruscamente, o seu devaneio inverte o rumo: a cerimónia fúnebre muda de súbito para uma cena mais ampla em que a população de Lisboa participa. O público que sempre a aplaudiu nos palcos dos Teatros D. Maria e D. Amélia, fazendo dela uma estrela, fica a saber de toda a história e o enredo converte-se em escândalo. O círculo de adoração quebra-se. As pessoas deixam de assistir às suas peças e os aplausos cessam definitivamente. Violante transforma-se numa proscrita, condenada ao exílio pela cidade. Na noite em que isso acontece, ao sair do teatro, vê no céu a imagem de um pergaminho onde está escrita uma palavra com caracteres estranhos. Não a consegue ler, mas imagina que seja uma praga. Existirá decerto uma maldição ligada a essa palavra, uma punição pelo seu comportamento de mãe desnaturada. O seu crime não pode ficar impune, isso é evidente.

A alucinação configura os seus piores temores. Abre então os olhos, aterrorizada pelas próprias assombrações. É, de resto, por isso que nunca

vai a funerais: abomina o espectáculo das lamentações e a dolorosa imagem de Cristo na cruz, oscilando como uma ameaça à vida dos presentes. Detesta ainda mais a afectação sempre deslocada daquelas damas e senhores que assistem às exéquias por obrigação, aceitando as causas naturais da morte. Essas pessoas transmitem os pêsames ao mesmo tempo que proferem com sensaboria frases vãs sobre a imponderabilidade do destino. Neste momento, odeia os militares de elevada patente que assistem à cerimónia em trajes de gala, cheios de condecorações, e despreza a sua pompa e a indiferença pelo morto, quando foram eles os principais responsáveis pela morte de Rodrigo. A revolta parece atingir as suas emoções, aflorando a barreira que as bloqueia. Ondas de agitação começam finalmente a espalhar-se como se o seu espírito fosse um deserto tomado de repente pelo vento.

Violante vai repetindo para si própria: «Era meu filho.» A sua boca sussurra insistentemente aquelas palavras que, sem estarem vivas, não estão mortas no seu coração. O grupo em torno do caixão persiste coeso, não se desfaz. Aquele ajuntamento de desconhecidos é como uma parede que a afasta de Rodrigo, um portão que ela não sabe abrir. De súbito, deixam de lhe importar os motivos que a conduziram ali e a sua única necessidade é reduzir a distância daquele filho. Quando deu Rodrigo para ser criado por uma conhecida de uma amiga sua – uma jovem casada, de boas famílias, que não conseguia conceber e cujo sobrenome era igual ao do seu marido –, pareceu-lhe a atitude certa. Sabia que, por ser actriz, nunca proporcionaria ao bebé o afecto de uma mãe que está em casa todo o dia com a criança. Além disso, não sabia dizer se o pai de Rodrigo era o marido ou o amante, e por isso a adopção lhe pareceu vantajosa para todos: libertava o bebé de uma mãe que, por não haver conhecido, não teria mais tarde de lamentar.

Na época, chegou a congratular-se por ter decidido tão sabiamente o destino da criança. Ao mesmo tempo, fez feliz uma jovem mulher de ventre oco mas de inspirados instintos maternos. Tinha a certeza de que ela odiaria todas as pessoas que descobrissem defeitos em Rodrigo e que o ajudaria a triunfar na vida. Foi com esse espírito que tomou a resolução de entregar a criança; e, no entanto, agora acha que não existe palavra na sua língua capaz de qualificar esse abandono. Ergue os olhos para o céu, mas nada nele faz avançar o tempo, nada o faz recuar também, de forma a alterar o passado.

O funeral faz-lhe lembrar a encenação de uma peça de teatro, uma farsa que pouco tem que ver com a morte de um filho. Por fim, as pessoas começam a afastar-se. O caixão, onde o corpo de Rodrigo começará a cumprir o seu destino, foi colocado no jazigo de família. Ali ficará sozinho, num tempo sem luz, sem estações e sem fim, ao pé do qual a vida parece breve. Do seu esconderijo, Violante fixa de novo a viúva, uma mulher jovem de rosto destroçado que emite uma torrente de gemidos. A mãe adoptiva de Rodrigo ampara-lhe os passos trôpegos, com a face sulcada pelo desespero. O enorme cortejo segue-as na direcção do portão de saída como se nenhum esforço devesse ser poupado para as consolar.

A porta do jazigo de família permaneceu aberta. Violante dá-se alguns instantes antes de se aproximar. No preciso momento em que para lá se dirige, um homem novo entra discretamente no edifício, mas logo sai, com um ar comprometido. Só quando o vê distanciar-se, Violante penetra no jazigo. É um local com espaço para seis cadáveres. Sobram ainda três lugares. A urna que os coveiros colocaram na prateleira e o volume do caixão mostram-lhe o espaço que o filho ocupa na eternidade. Os dois funcionários continuam lá dentro, arranjando as flores, mas saem pouco depois.

Violante não trouxe nem uma simples rosa. As coroas espalhadas no chão – brancas, amarelas ou lilases, entrançadas com plantas de folhas verdes – vêm acompanhadas de uns cartões nos quais alguém exprimiu a sua mágoa pelo desaparecimento de Rodrigo. Ela não escreveu nada, mas lê a lápide com o nome do filho, a data do seu nascimento e um epitáfio em latim – que não consegue decifrar. O seu coração de mãe é um músculo pisado, batido e esmurrado que, sem que encontre razão, não apresenta uma única nódoa negra. Imagina aquele filho regressando ao seu útero, mas a ideia de refazer o passado, sobretudo de o consertar, retrai-se como uma impossibilidade. Não consegue pensar. Talvez seja uma maneira de a mente se anestesiar contra uma coisa que é demasiado violenta. Deve existir um defeito em si, uma deformação da alma por ainda não ter chorado.

A pedra-de-toque é o que o coração não sente. No seu peito, ele bate, mas devagar e muito longe. A sensação de vacuidade persiste, um sentimento não demasiado diferente daquele que experimenta quando termina a representação de uma peça. Quando profere a última fala e sai de cena,

quase sempre uma espécie de irrealidade cai sobre si. Também diante do túmulo do filho, as palavras já só desvendam a escuridão.

Agradece a quietude e a penumbra do jazigo, o manto flutuante de silêncio que a rodeia. Precisa de ficar só para introduzir ordem na confusão do seu espírito. Necessita daquela solidão. Ninguém virá em seu apoio com uma resposta às suas dúvidas, ninguém a ajudará a dar um sentido às mentiras que disse a si própria no momento de entregar o filho.

Está de pé, a sua figura desaparece na estreita poça de luz do jazigo. De súbito, pressente uma sombra. Alguém empurrou a porta que os coveiros haviam deixado encostada ao saírem. Percebe quem é essa pessoa mesmo antes de a ver. Evita há anos o seu nome. Mantendo-se de costas, sem precisar de se virar, sabe que não é um fantasma. Reconheceu-o pela leveza dos passos, pela sua forma peculiar de andar. A escassos metros de si está o homem com quem se casou aos dezasseis anos e que fez dela a melhor actriz de Lisboa. O tempo que ele demora a aproximar-se parece-lhe infinito. No ar, flutuam odores acres e estranhos, que mais não são do que o cheiro da morte.

Vestido com um fato negro, usando roupas caras, Luís Henrique Borges Castro, outrora seu marido, coloca-se a seu lado. Há anos que Violante se afastou das lembranças desse homem, porque essa era a única maneira de o expulsar de si. As suas cabeças viram-se e os olhares cruzam-se. Violante está hesitante quanto ao que dizer. Faz uma bizarra vénia, mas, ultrapassado o primeiro impacto, não desvia os olhos. Sem dúvida terá de lhe falar, mas enquanto houver maneira de contornar a palavra «traição», em toda a sua crueza, não a pronunciará diante dele. É isso que Luís Henrique espera dela: que se retracte pelo adultério.

Desde adolescente que é actriz. Sempre foi a sua vocação. Era capaz de maravilhar o público com os movimentos do seu corpo, a naturalidade com que dizia as palavras e a forma como as frases ganhavam fluidez nos seus lábios. Textos que na boca de outras actrizes pareciam definhar, ditos por si despertavam todo o género de emoções. As paixões que repousavam nas profundezas dos seres humanos revelavam-se em toda a sua eloquência quando Violante subia ao palco. O seu encanto fluía, espontâneo, exprimindo uma natureza trágica ou cómica, consoante a natureza da peça. Apesar dos seus talentos, ao encontrar Luís Henrique diante do sepulcro do filho, Violante apercebe-se de que algo da sua espantosa capacidade de

representar se desvanece. A firmeza das suas pernas não resiste ao encontro. À cabeça vazia não chega uma palavra em seu socorro.

Nenhum dos dois disfarça o embaraço. Continuam calados. As primeiras frases serão falsas e artificiais. Ao mesmo tempo, examinam-se com minúcia, como dois cães que se farejam, procurando no rosto um do outro as marcas deixadas pela vida nos últimos vinte e cinco anos. As razões do seu ódio mútuo desaparecem momentaneamente, já que diante de um tumulto merecem sem dúvida ser esquecidas.

Haverá um momento em que um deles terá de avançar. Violante percebe que Luís Henrique continua à espera de uma palavra sua; não só a aguarda como a exige, porque, quanto ao fim do casamento, continua convencido de que foi a parte lesada. Finalmente, trocam alguns cumprimentos em voz baixa e, apesar da barreira de embaraçosa distância, começam a conversar. As suas palavras parecem possuir uma existência independente da sua vontade. Em vez de recordar o filho morto, Violante questiona o marido sobre os sítios por onde andou. Procura assuntos mundanos, mesmo sabendo, através de colegas de profissão, que Luís Henrique percorreu os palcos da Europa, tendo-se fixado há anos em Inglaterra. Ele refere vários teatros de Londres e ao mesmo tempo faz um gesto largo como se marcasse num mapa os lugares onde actuou. Chegou recentemente a Lisboa, conta-lhe. As vozes elevam-se então um pouco e o tom das perguntas que fazem é cortês.

Tanto um como outro deseja livrar-se dos seus espectros, incluindo o do filho. As memórias do seu casamento são debilitantes e inoportunas. Violante sustenta uma postura artificial que se desvia da sinceridade, fazendo apenas uma vaga alusão à morte de Rodrigo. Intui que Luís Henrique veio apenas confirmar, procurando parecenças, se o oficial enterrado seria ou não seu filho. Não é difícil prever como, durante anos, terá sido impossível desembaraçar-se dessa incerteza. Violante imagina como essa dúvida se terá feito ouvir em momentos de completa solidão. Contudo, diante de um caixão fechado, a única verdade ao alcance de ambos é a morte do rapaz.

Luís Henrique luta por encontrar as palavras certas. Há vinte e cinco anos a sua boca estaria cheia de injúrias, mas hoje deixou de alimentar sentimentos de rancor contra a mulher. Muitas vezes fantasiou estar face a face com Violante. Jamais, porém, previu que isso pudesse acontecer diante

do túmulo daquele que podia ser seu filho. Mesmo que o ressentimento não tenha serenado, o ódio e o ciúme deixam de reclamar satisfações.

Partiu para o estrangeiro de forma a evitar cometer um assassinio por amor. Ou teria sido por uma questão de posse? Não consegue responder. Sabe apenas que não existem limites para as loucuras do coração humano e os sentimentos de traição são os que mais rapidamente levam aos tortuosos caminhos da fúria. O desejo irresistível de fugir, esse impulso causado pela vergonha, foi graças a Deus mais forte, senão teria matado Violante. Desde então, dedicou-se a uma existência sem afectos e entregou-se inteiramente  profissão de actor.

Viajou pelo mundo, observou as pessoas, analisou as vidas de outros casais. Procurou reflectir sobre as flutuações e as mudanças no amor, distinguir as circunstâncias que conduzem ao adultério, esforçando-se por explicar a partir de leis mais gerais o seu caso em particular. Apenas compreendeu o que já sabia antes: a infidelidade acontece num instante, mas a humilhação dura para sempre.

Sentiu uma espécie de inveja quando conheceu casais felizes. A sensação de fracasso que sempre o acompanhara desde que deixara a mulher não lhe permitiu construir uma nova família. Ficou são, mas concedeu frequentemente uma pausa  solidão com relacionamentos efêmeros. Nesses, nunca havia o perigo de atingir a intimidade: os únicos segredos partilhados entre os amantes eram os da carne. Em qualquer dos casos, não se poderia casar de novo porque estava apenas separado. Agora, passados tantos anos, o único ajuste de contas é com o que ainda deseja descobrir: aquele rapaz era seu filho? Por isso, em vez de enveredar por subterfúgios, diz simplesmente a Violante: «Vim porque soube da morte dele e esperava encontrar-te aqui. Queria conversar contigo, pelo menos mais uma vez. Não será natural?» «Não sei», responde-lhe Violante, «talvez sim, talvez não». O débil sorriso que Luís Henrique lhe dirige não é de raiva nem de triunfo, fica a meio caminho do perdão.

Violante não sabe se existe sentido naquele encontro, mas aceita que se vejam mais tarde. Luís Henrique não conhece um bálsamo que possa passar nos sítios ainda doridos da alma, mas achou que devia pedir-lhe uma última vez para desvendar um passado há muito fechado  sua compreensão. Ela não levanta entraves. Como se estivesse possuída por uma fatal inércia, não lhe recusaria pedido algum. E, ao agir assim, os ressentimentos

relativamente ao marido são substituídos por uma vontade de pacificação que reúna os acontecimentos do passado aos do presente. Sugere que ele jante em sua casa daí a dois dias e indica-lhe uma hora. Enquanto escreve o seu endereço num papel, pede-lhe, em todo o caso, que se vá embora. Diz-lhe apenas: «Preciso de ficar sozinha com o meu filho.» Ele faz-lhe a vontade e uma nova onda de silêncio apaga o rasto dos seus passos, deixando Violante parada diante do túmulo.

Os dois coveiros reentram para varrer as folhas mortas. Ela observa-os: o suor escorre-lhes pelas costas. Recua lentamente até à rua, recusando velar o filho no meio deles. As chamas do sol erguem-se muito acima das árvores. Há um peso terrível naquela luz, um peso que a afecta. Uma abrupta tristeza invade-a de repente. Lágrimas copiosas enchem-lhe por fim os olhos e sente-se submersa por uma vertiginosa sensação de dor. O sentimento é tão avassalador que o seu corpo baloiça como os ramos de uma árvore. Por causa do seu egoísmo perdeu a vida de Rodrigo e Deus não lhe concedeu espaço para o arrependimento. Enganou a velhice até agora, mas em poucas horas envelheceu muito mais do que nos últimos anos.

Ouve o murmúrio dos ciprestes, prometendo-lhe aquela espécie de silêncio que vem depois do remorso. Do que imagina do filho não consegue distinguir a realidade da ilusão. Pela primeira vez, compreende como a glória do palco em nome do qual renunciou à criança foi, afinal, coisa de pouca monta, algo que poderia facilmente deitar fora como o vazio de um sono sem sonhos. Sente a necessidade de renunciar ao mundo tolo e frívolo onde tem vivido. Dá-se conta de como a ambição é um logro e a fama um deslumbramento estúpido. Essa descoberta coincide com uma outra: do ângulo onde se encontra, à entrada do jazigo, distingue um molho de cartas escondidas atrás de uma imagem que se parece vagamente com um anjo. Imagina que tenham sido deixadas pelo jovem que entrou e saiu do jazigo antes dela. Sozinha no relvado, decide reentrar mal os coveiros saíam para as levar consigo.

Os homens vigiam pelo canto do olho a mulher elegante que nunca mais se vai embora. Fingem não a ver, porque a experiência treinou-os a resguardar a privacidade. Apesar de serem pessoas analfabetas, os trabalhadores dos cemitérios sabem que devem tratar os parentes como pessoas doentes. Compreendem, sem que ninguém lhes tenha explicado, que a alma amargurada dos familiares se refugia numa frágil concha que a

evocação dos falecidos consegue despedaçar. Não dizem nada, habituados que estão aos transtornos da loucura ligados à morte. Um deles, excelente fisionomista, reconhece em Violante o rosto de uma famosa actriz que já viu em cartazes. Perante o espectáculo da sua tristeza, é tão discreto que nem o comenta com o colega.

Violante ergue o olhar. Lá em cima apenas existe o algodão do Verão silencioso, o bordado das nuvens. Discorre sobre a possibilidade de aquelas cartas serem dirigidas a Rodrigo. Imagina que aquelas folhas de papel lhe possam trazer um vislumbre da vida do filho e esse pensamento desencadeia uma nova explosão de lágrimas.

Quando os coveiros vão fechar o jazigo, pede-lhes para ficar mais uns instantes. Aproxima-se da imagem e retira o molho de cartas. Pelo remetente, percebe que foram escritas pelo próprio filho e estão endereçadas a um tal Eduardo. Os gemidos aumentam, fluem como água que escorre por uma estrada suja. Ajoelhada, e depois quase prostrada no chão, precisa de se deixar cair. Tudo por causa daquele filho que nunca conheceu.

Sente o corpo a esquentar, exposto à indiferença do pequeno anjo de pedra. A sua angústia precipita-se com as horas. O tempo vai passando, indefinível, como se não arrastasse consigo o futuro. Através da pequena janela do jazigo, Violante vê o Sol deslizar pela tarde escaldante e, finalmente, decide-se a partir. Só o céu ainda lá está em cima e também ele mudou de azul para cinzento. Leva consigo o embrulho com as cartas. Percorre o cemitério em direcção à saída, distingue poucas coisas pelo caminho e apenas de modo vago. Ressente-se das linhas grandiosas do horizonte, do esplendor da folhagem das árvores, parece-lhe vergonhosa a forma como a beleza do mundo sobrevive aos mortos.

Doce continua a ser a luz e deixa uma sensação aprazível sobre a sua pele. A escuridão, porém, alcança a parte mais profunda de si. Nada em seu redor possui uma sombra que não caia obliquamente das árvores. Violante sabe que continuará a viver, rodeada pelo respeito do seu público. Contudo, naquele momento, enquanto caminha pelas alamedas do cemitério, a sua única vontade é abandonar o teatro, excluir da sua vida todas as falas.

A carruagem encontra-se no mesmo sítio, à espera de a conduzir a casa. O cocheiro nada lhe diz sobre a demora. Violante ainda tenta justificar-se, mas a voz sai-lhe estrangulada. Prefere pagar de imediato a corrida,

acrescentando-lhe uma gorjeta generosa, para não ter de voltar a encarar o homem. Em silêncio, recomeça a chorar.

Quando chega a casa pede à criada que lhe aqueça água para um banho. Ao serão, decide começar a ler a correspondência de Rodrigo. Dirige-se para uma sala pequena, onde costuma estudar as peças de teatro e reina um silêncio tão profundo que se ouve o crepitar da madeira dos móveis. Abre a janela, perscrutando o luar e a penumbra da rua. As trevas adensam-se no seu espírito e penetram no aposento, fazendo vacilar a solidez das mesas e cadeiras. Violante regressa para dentro com os seus passos leves de actriz. Serve-se de um cálice de vinho do Porto, retira as cartas do embrulho e senta-se. As palavras da primeira carta ressoam nos copos e na garrafa de cristal, tal como os sons de um instrumento musical podem reflectir os distintos acordes de uma alma.

Flandres, 4 Janeiro de 1918

Caro Eduardo,

Quando vires no envelope donde vem esta carta e identificares a minha caligrafia no remetente, é bem possível que, mesmo antes de a leres, destruas todas as suas páginas. Seria o mais razoável. Darias um fim definitivo a uma relação que ambos lamentámos que tivesse sucedido. Rasgar a carta ou deitá-la à lareira seria, sem dúvida, o mais sensato. Com um simples gesto, branquearias o passado, bloqueá-lo-ias num espaço neutro, libertá-lo-ias de recordações. A minha passagem pela tua vida, um segredo só por si inconfessável, seria apagada de vez. Há muito que gente como nós aprendeu a mentir ou a dizer coisas diferentes das que pensa ou deseja realmente. Suponho que gostarias de imaginar que o fogo te libertaria de todos os teus desejos censuráveis.

Compreendo que parte de ti queira aproximar um fósforo à matéria incandescente do papel. A vitória das labaredas consagraria a recusa do amor no momento em que a carta ficasse reduzida a pó. Decerto, quedar-te-ias a observar as suas cinzas escuras, sedosas, como um cetim de luto. Um desses momentos de reflexão que, sem me nomeares, seria sinal de uma paixão sufocada, sentimento que desesperadamente procuraste ocultar. Porém, se num primeiro impulso te der para agires dessa maneira, o mais provável é que acabes a queimar os dedos para resgatares a carta das chamas. Qualquer coisa começaria a arder dentro de ti mal as visses

animarem-se, o fogo a tornar-se mais vivo e a pressa do lume a destruir as palavras. Não tens possibilidade de te proteger, nem com o desprezo e a negação, nem com a leitura da carta. Não é possível escapares ao dilema, estás encurralado. Precisas de saber se estas folhas poderão ajudar-te a resolver certas dúvidas que, sozinho, não consegues solucionar. Sabes disso e vais lê-las até ao fim, porventura até mais de uma vez.

Um homem de negócios como tu também amou, mesmo que eu não tenha uma resposta clara sobre o tipo de amor que te possuía. Queimares ou retalhares estas páginas seria apenas mais uma mentira, um gesto irreflectido de que virias a arrepender-te. Irás, portanto, lê-las, mas como se fosses carcereiro de ti próprio, vigiando as celas da tua mente com uma lamparina que alumie a tua lucidez. «Não será uma simples carta que me vai impedir de pôr ordem nos meus instintos», dirás a ti próprio antes de iniciares a leitura.

Mais forte do que os sentimentos de cólera é a necessidade de compreenderes por que razão procurei refúgio na guerra em França. Tantos oficiais se recusaram a partir, muitos mais foram presos por deserção, enquanto eu me oferecia como voluntário. Precisas de ficar a sós com estas palavras para desvendares o enigma. Além do mais, não consegues entregar-te por inteiro ao desdém: podes tentar iludir-te, mas não consegues evitar essa mistura de amor e de ódio que sentes por mim. Estou plenamente convencido de que procurarás um esconderijo seguro para esta carta e que irás relê-la sempre que o teu coração o exigir. Depois, com o peito apertado, serás tentado a deixar-te levar pelo grande turbilhão que se desenrola na tua cabeça.

Vejo-te a rasgar o envelope com as próprias mãos, desdenhando do elegante abre-cartas de prata que tens em cima da secretária, sentindo o corpo a tremer numa desordem que não controlas. Se esta conjectura se confirmar, demonstra como a tua paixão subsiste e como, sem teres perdido a faculdade de desejar, te esforças por resistir-lhe, como quem tenta, em vão, disfarçar inscrições gravadas numa pedra. Amaste-me. Por um largo período da tua vida, foi amor o que sentiste por mim. A minha solidão alegra-se com essa esperança que torna o mundo em que vivo um pouco mais habitável.

Fechei por instantes os olhos para rever a tua figura neste momento, não sendo difícil imaginar os esgares de desgosto do teu rosto ao decifrares a

palavra «amor». Nunca a proferimos em voz alta no tempo em que estivemos juntos. Ambos a sentíamos a pulsar na boca e a esquivar-se no último momento dos lábios. Como se sofrêssemos com o facto de falarmos do que sentíamos. Porém, essa palavra ausente sustentava tudo o que acontecia entre nós. No fundo das tuas recordações, enrolado como um casulo, escondido numa secreta tristeza, talvez persista, corajosamente, esse amor silenciado.

Obedecíamos em quase tudo à proibição associada à ligação entre dois homens, como se tivéssemos um defeito. Isso levava-nos a calar o que sentíamos, a ajustar os nossos comportamentos aos critérios da falsidade. Não posso deixar de qualificar como estupidez a mútua repugnância em assumirmos que nos amávamos. Era como se falássemos uma língua estrangeira sempre que aludíamos aos nossos afectos. Talvez nem se tratasse de hipocrisia, evitava-se simplesmente fazer menção ao que era talvez demasiado chocante se fosse expresso. De qualquer modo, não te posso acusar de nada, uma vez que fui eu quem partiu.

A minha própria fraqueza esmaga-me até hoje. Vim para França por cobardia, ainda que aqui a minha vida esteja em contínuo risco. Só depois de ter visto tantos cadáveres tomei consciência de que as leis que denunciam a nossa ligação como crime se apoiam em princípios ainda mais estúpidos do que as próprias batalhas.

Pressinto que devoras as palavras desta carta, tentando descobrir o que quero de ti, o que insisto em querer de ti, após meses de silêncio. E, de facto, o que poderei eu pretender de ti? Amanhã posso estar morto – porventura, ainda hoje. Na guerra de trincheiras todas as mortes são a mesma morte. As circunstâncias podem ser diferentes, mas em nada alteram os efeitos. Os ataques do inimigo são súbitos e recorrentes: tiros de metralhadora, granadas, artilharia pesada, obuses caindo sobre o nosso buraco. Todas essas mortes projectam a mesma cena: a compulsão dos soldados em protegerem-se, o que, as mais das vezes, não lhes vale de nada. Durante as batalhas não existem paradas militares triunfais nem exércitos vitoriosos, tão-só homens exaustos e desorientados, procurando abrigar-se do perigo.

Se a neve deixar de cair ou o sol começar a iluminar as tropas escondidas nos sulcos da terra, é provável que a aviação inimiga avance para mais um bombardeamento. A luz aqui é brilhante e faz desprender do céu clarões

azuis e ardentes como os das estrelas, mas mortíferos. É uma dessas flotilhas de aviões que passa a rasar as trincheiras, impune e inacessível à artilharia antiaérea, com acrobacias que são outras tantas armadilhas à resistência dos soldados e que metralham as nossas forças de infantaria. Nós também matamos, sem reconhecermos, tal como eles, traços humanos no rosto inimigo, mas as contas são quase sempre favoráveis aos alemães. Mais provável do que um ataque aéreo, é desatar a cair uma saraivada de obuses, provocando em minutos dezenas de baixas. A devastação está sempre à espreita e, quando chega, arrasa tudo menos este pânico colectivo que vai reduzindo as feições de cada um de nós aos nervos dementes de fugitivos. Felizmente, agora o céu está escuro, ameaçando uma tempestade terrível.

Mata-se e morre-se diariamente sob o olhar vazio dos que sobrevivem. Poucos são os maqueiros que, debaixo de fogo, lutando abnegadamente contra o temor das balas, saem em busca dos feridos que caíram na terra de ninguém, o espaço entre as duas trincheiras. A cobardia sabe falar com o olhar dos maqueiros. Os que ainda tentam resgatar os moribundos arrastam-se penosamente, mas voltam para trás como piões que, ao menor impacto, desatam a girar em sentido contrário. Nenhum acto heróico é intencional, toda a coragem tem de ser instigada por ordens superiores. Os soldados retidos nos abrigos tornam-se espectros evanescentes. Como ninguém sabe se chegará vivo ao dia seguinte, a dor dos outros apenas desperta um vago eco de antigas comoções. Toda a sensibilidade se anula. São poucos os sentimentos que um espírito em pânico se permite. O corpo despedaçado de um companheiro de armas é apenas um incidente. Os gemidos não passam de ruídos que se juntam ao barulho infernal da artilharia. Os mais afortunados transformam os lamentos dos feridos num vago rumor ou mesmo numa música. Os verdadeiramente loucos usam as palavras como evasão para poemas de amor. A maior parte encolhe-se, cola-se ao chão perante o infindável troar das balas. Seguram com mais força a sua arma enquanto pressentem o cerco da morte. Mas todos, sem excepção, obedecem à lei militar segundo a qual não devem gritar quando tudo parece desmoronar-se.

Ainda falamos uns com os outros, mas as palavras pouco significam. Resta-nos uma escassa piedade pelos vivos e uma ínfima compaixão pelos mortos. De olhos fechados, agachados na lama, evitamos imaginar a

trajectória das balas, estando sempre a pensar nelas. Agimos com perseverante indiferença e com desalentada atenção, procurando apenas não sermos atingidos. Estou tão exposto à morte como os homens sob o meu comando, a única diferença é que faço o possível para que eles pensem o contrário. De um momento para o outro, tal como com eles, podem matar-me e o meu corpo fragmentar-se em pedaços tão minúsculos ao ponto de não dispor de um cadáver no meu próprio funeral. Isso, aliás, pouco importa, porque por estas bandas não há tempo para ritos fúnebres. Alguns militares são enterrados apressadamente em terrenos próximos e projectados para a superfície depois de um novo ataque de artilharia. Pernas, braços e cabeças voam como um punhado de grãos de areia lançados ao ar, dispersos em todas as direcções com o impacto dos obuses. Quando voltamos a enterrá-los, não temos tempo para identificar as partes e os corpos acabam por misturar-se nas entranhas da terra. Já não possuímos rituais: só temos sensações violentas sem qualquer ligação entre si. No entanto, quase não incluímos nelas o rancor ao inimigo. Pode haver momentos de raiva, desejo de vingança, mas o terror domina-nos e torna impossível esse ódio frio e ponderado, à espreita do momento certo para a retaliação. Não existe espessura suficiente entre cada homem e a sua morte para que a dignidade persista. O medo faz de nós uns estranhos e a compaixão transforma-se numa sensação superficial perante o alívio de se ter escapado incólume às últimas investidas dos alemães.

Neste buraco, a coragem que existe é a de conviver com o medo sem o demonstrar. A palavra covardia deixou de ser uma injúria. Muitos dos soldados foram obrigados a vir para o Corpo Expedicionário Português, arrancados a aldeias remotas da província. Não foram apenas tirados às suas terras, foram igualmente espoliados da sua juventude. Aos poucos, vão-se desagregando neste sobressalto diário. O treino que receberam em Tancos foi tão primitivo que se tornam devotos da Nossa Senhora da Conceição, da Nossa Senhora de Lourdes e de todos os oráculos da sorte e do azar. Aguardam, de expressão vazia e expectante, que os venham render, e o tempo desliza muito lentamente, dando ideia de que as horas ficam presas nos dias. Enquanto estão vivos e se arrastam nas trincheiras, são forçados a respirar o cheiro do seu suor misturado com o da putrefacção. De vez em quando, erguem a cabeça e vêem passar diante dos olhos enxames de balas tremeluzentes. No cérebro, debaixo do capacete, o sangue paralisa, e os

traços do rosto cedem ao pavor. A vida neste labirinto escavado na terra, onde alguns morrem quando uma bala os atinge na cabeça ou no pescoço, é uma perpétua agonia. Hoje, o céu está nublado e provavelmente não teremos baixas, mas dentro das trincheiras habitamos o próprio corpo como se fosse o de um estranho.

É impossível que consigas imaginar o que descrevo. Poderia colocar nestas páginas mais meia dúzia de incidentes para expor outros tantos episódios de horror. Talvez assim compreendesses. Mas de que serviriam essas histórias? Não é útil para ninguém escrever sobre o terror, sobretudo quando a argila a partir da qual moldamos as palavras transporta apenas uma ténue ideia do que sucede na guerra. Nada do que escrevo nesta carta consegue registar a maneira como os homens se assemelham aos piolhos e aos percevejos à medida que os seus sonhos vão, um a um, morrendo. As minhas palavras não têm densidade suficiente para expor as mordeduras dos ratos nem a tortura que esses bichos trazem ao sono dos soldados. As minhas palavras não transmitem o cheiro nauseabundo dos mortos, nem te transportam até ao brilho dos olhos dos moribundos. Aqui em baixo, neste mundo subterrâneo, as palavras cruzam-se com a inutilidade da linguagem. Talvez um poeta soubesse conduzir a língua aos seus limites, abrindo as entranhas de cada verso, para depois os usar como um véu negro numa ode à crueldade. Talvez exista um poeta suficientemente sublime que consiga inventar palavras transparentes. Sendo de vidro, talvez os poemas pudessem ser um espelho que levasse aos outros o mundo da guerra. Mas as frases de um militar só têm utilidade para dar ordens e matar. Talvez as metáforas consigam expor a aparência dos meus homens, o seu ar enrugado, a pele já como morta. Que disparate! A guerra não se deslumbra com a poesia, apenas desfaz os homens em pedaços, precipita-os no vazio eterno, mesmo quando sobrevivem.

Nas trincheiras resistem melhor aqueles que se deixam penetrar pelo devaneio, que fantasiam visões mais brandas, que imaginam o Sol no ponto mais alto do céu, quente e cintilante, enquanto as suas pernas e os seus braços enregelam com o frio glacial deste Inverno. Estas experiências terríveis forçaram-me a reconhecer que o medo de a nossa relação ser descoberta nunca fez o menor sentido. No meio das bombas, a vergonha é um luxo a que ninguém se pode dar. Questiono-me, ainda estupefacto com a minha estupidez. Como foi possível ter-me oferecido como voluntário para

França para escapar à felicidade que me proporcionavas? Se era violência o que procurava, bastar-me-ia a dos salões da sociedade. Ali, onde as figuras dos nossos amigos e conhecidos interpretavam as deixas de uns e de outros sem nunca se enganarem nos seus papéis, como se a vida fosse uma sequência de gestos e falas predeterminados. Essas salas da alta burguesia nas quais se comentavam os últimos assassinios das figuras da República também continham os seus crimes e as suas mortes.

Os combates aqui são tão ferozes que me fazem banir da consciência todas as censuras. Neste buraco cheio de poças de água, não existe nada que se pareça com uma «reputação» ou um «estatuto». A morte trata todos por igual. As reminiscências da inveja ou do ciúme que alimentam as elites da sociedade lisboeta transformam-se em memórias frágeis, um sopro de vento parece capaz de as derrubar. Lembro-me de como a nossa relação nos exigiu mil mentiras e mil cuidados. Após seis dias nas trincheiras, deixa de fazer sentido classificar o que fizemos como vicioso. Não matámos ninguém, pois não? E, no entanto, de tal modo sentia a interdição que a grandeza do pecado me conduziu a este inferno.

Como vês, a infâmia associada à nossa felicidade pertence a uma outra época, a uma outra vida, se bem que a cada passo a minha mente ainda se ligue a essas recordações. As horas em que nada acontece aqui são escassas. Aproveitei esta inesperada acalmia para te escrever. Desde que desembarquei em França que senti necessidade de o fazer. Durante estes meses, indiferente aos caprichos das balas ou ao troar dos canhões, a memória do teu rosto insistiu em aparecer-me. A tua face resistia ao esquecimento, como se tivesse sido criada para me fixar. A tua imagem olha-me desde o fundo de um espelho, fazendo-me acreditar que existe um sentido para a minha vida, mesmo encontrando-me rodeado de morte.

Os teus olhos andam por todo o lado e protegem-me das balas. Reapareces entre um sonho e outro. A tua visão ajudou-me a criar uma espécie de isolamento, enquanto sobrevivia um dia após o outro nas trincheiras. Saías subitamente para a claridade como vindo de um túnel. Consegui guardar durante meses um espaço de luz que habitas e de onde foram banidos os obuses, os gases mortíferos, o cheiro a podre e o frio gélido.

Lá fora, e não me estou a referir apenas à guerra, rugem as forças da sociedade, mas aqui, nestas páginas – que um amigo francês irá colocar no

correio para trocar as voltas à censura militar –, as palavras permitem-se ser verdadeiras, excluindo as sombras da hipocrisia e adoptando como princípio uma sinceridade incorruptível. Não existe mais nada senão o que te escrevo. Atrás de mim, um Sol pálido emerge por instantes, semelhante a um olho cego que logo regressa à escuridão. As rasuras que já fiz e as frases que já reescrevi demonstram que a minha felicidade nunca se afastou do teu nome. Contudo, os meus limites humanos fizeram com que optasse pela morte e pela destruição. A culpa e a vergonha empurraram-me para este mundo sem horizontes. Do sofrimento, sei aquilo que a sociedade me impôs ou que eu achei por bem aceitar.

A quietude deste dia é uma rara oportunidade. Há horas que não caem obuses, nem nas trincheiras, nem na terra de ninguém. Uma estranha neblina envolve-nos – a mim e aos homens que comando. Não me lembro de um dia como este em que não soasse um único tiro. As manhãs e as tardes são habitualmente preenchidas pelo ruído dos morteiros. Nesses momentos o meu cérebro pulsa em sobressalto: procuro fixar o terreno com uns binóculos em busca de um derradeiro lugar seguro.

Hoje, excepcionalmente, pude mandar os soldados reforçarem as defesas. As actividades de escavar e reparar as trincheiras tiveram prioridade sobre a limpeza das armas. Cada vez mais os perigos da guerra ocupam o meu cérebro, como se o meu crânio fosse um território de carnificina. Em todo o caso, fui abençoado por estas horas de paz, abrindo um espaço para te escrever.

A morte está sempre presente, porque chega quando quer, das mais variadas maneiras. Os massacres a que assisti puseram em causa todas as noções que me foram transmitidas pela educação. Os meus pais amaram-me, mas, como bons burgueses, o seu amor era condicionado pelas regras. Lá em casa, vivia-se de acordo com princípios severos, condição agravada pela rigidez do meu pai, coronel do exército português. Até à minha ida para o Colégio Militar, sentia os seus ensinamentos como castigos, exactamente como quando as crianças são mandadas para um quarto escuro por não se submeterem ao que os adultos dizem.

A minha mãe era mais doce, mas não menos rigorosa. Todas as suas palavras suaves que, ao longo da infância, eram meras proibições que visavam proteger-me, sinto-as agora como preconceitos inúteis. A submissão à família, a consagração da vida à honra, esses valores que os

meus pais fizeram crescer em mim ao mesmo tempo que eu tomava consciência das coisas, renego-os totalmente. Os princípios que me legaram tornaram desprezível o nosso amor. Pessoas como tu e eu eram consideradas criminosas devido a uma inclinação doentia e a «impulsos perversos». Se tivéssemos sido criados com liberdade na casa da infância, pensaríamos da mesma forma? Foi preciso ver dezenas de homens com as tripas de fora, foi necessário ouvi-los gemer pela mãe no momento da agonia, para me revoltar. Fiz explodir todas essas ideias para fora dos seus limites, ensinando o meu coração a ter os olhos livres.

Ao veres-me tão empenhado em derrubar altares e erigir em seu lugar um culto ao cepticismo, talvez imagines que me transformei num perigoso anarquista. Apenas me sinto demasiado consciente da brevidade da vida. Como consequência, os meus pensamentos já não renegam quem sou. Graças ao sofrimento da guerra, deixei de ocultar, pelo menos para mim próprio, as minhas inclinações. Porém, depois destes longos meses, não faço a menor ideia do que pensas ou deixas de pensar. Aliás, mesmo quando estávamos juntos, pouco conheci dos teus anseios, porque contigo fui sempre temeroso: sofri a cobardia dos que escondem do mundo e de si mesmos as renúncias que impõem à própria alma e por isso fracassam na vida. Repito-o: fui cobarde perante a grandeza do nosso amor, e a ideia de fugir para a guerra foi medo disfarçado de coragem.

Como vês, mudei muito nestes meses. Enterrado na lama das trincheiras, pouco posso fazer com esta nova consciência. Ainda assim, quero que me reconheças o direito a reexaminar a nossa história. Quero que saibas que até te conhecer fui uma marioneta moldada pelas expectativas dos outros e, ao mesmo tempo, um fantasma que dissimulava desejos interditos. Um dia seduziste-me e partilhaste comigo a ideia de que a tua solidão residia na tua inclinação por homens. Com evasivas, acrescentaste, no entanto, que nem por isso deixavas de apreciar as mulheres. Não hesitei em dizer que te percebia no meio da incompreensão. Nunca senti prazer em estar com a minha mulher, mas nem a mim próprio o confessara.

Houve sempre muita hesitação – sobretudo da minha parte – enquanto fomos amantes. Precipitávamo-nos um sobre o outro como se viajássemos rapidamente entre o nada e o tudo. Devorámo-nos, fechando os olhos do espírito para que os da carne mergulhassem no prazer. As sombras dos nossos temores vinham, porém, à superfície mal acabávamos de fazer amor:

com a luz acesa, desfaziam-se os vestígios da paixão. Enquanto nos vestíamos, já quase tudo se tinha desvanecido. Depois de a apetência carnal ter sido saciada, o círculo do medo voltava a fechar-se sobre nós e eu retrocedia para um comportamento formal sob a pressão da vergonha. Após o momento insensato que tivéramos na cama, estabelecia-se uma atmosfera desconfortável. Afectava-me mais a mim do que a ti, reconheço-o.

Fomos amantes, sendo ambos casados. Isso não era apenas um pormenor. As nossas esposas eram amigas de infância e, se assim não fosse, nunca nos teríamos conhecido. A nossa vida familiar mantinha a tensão nos nossos encontros. Os segredos entre nós ligavam-nos com uma força singular, mas exerciam também uma estranha radiação maligna quando nos juntávamos os quatro, ora na casa de um, ora na do outro. Durante meses, andei apavorado com receio de um escândalo, acreditando que no dia em que se descobrisse a nossa relação o mundo viria abaixo. Porém, por vezes alimentava o mórbido desejo de que assim sucedesse por não suportar mais aquela tensão. Desejava uma solução urgente para o medo. Foi fácil e rápido, enquanto militar de carreira, partir para uma guerra de que todos tentavam escapar.

Com esta carta não pretendo defender-me. Ansiava pela tua proximidade, mas não era capaz de te confrontar com estes sentimentos confusos através de palavras simples. Não tenho desculpa, eu sei. Vim para França. Nem sequer me despedi e isso não se perdoa facilmente. Deves questionar-te sobre as razões por que só agora aprofundo estas memórias. Deixa-me dizer-te o que aprendi nestes últimos meses: quem vive lado a lado com o anjo da morte precisa de encontrar a verdade; e quem procura a verdade só pode começar a busca dentro de si. No meio destes massacres, descobri que pouco interessa o que as outras pessoas pensam. No final, quando se morre, não importamos quase nada para o mundo. Só nos atinge o que persiste no coração vivo dos que amámos.

Seríamos evidentemente proscritos se viéssemos a ser descobertos, mas nada disso teria sido tão difícil se não me tivesse casado com a Ana Matilde, se não fosse forçado diariamente a defrontar-me com a sua candura. Há pessoas assim, de quem toda a gente gosta, para quem todos reservam um sorriso benévolo e carinhoso. A Ana Matilde sabia envolver os amigos e a família com sentimentos afectuosos, transmitindo-nos a sensação de que os deuses nos haviam dado um anel de sorte, secreto e

invisível. Ao fim de algum tempo, tornou-se-me quase impossível lidar com a confiança que ela me reservava e traí-la com um homem que, ainda por cima, era o marido da sua melhor amiga. Mal entrava em casa, após um encontro contigo, achava-me incapaz de encontrar um espaço neutro, um território onde as minhas palavras se ajustassem às da minha mulher. Ser um estranho em casa era mais um fardo.

Talvez por ter pensado na Ana Matilde, imagino-te sentado sozinho na secretária do teu escritório na casa da Guarda, com os campos cobertos de neve, o excesso de brancura estendendo-se até ao horizonte. Atrás de ti, está aquele quadro magnífico da Mariana Amélia. Lembro-me de te gabares de que a pintura era obra de um artista espanhol muito em voga, que estivera em Lisboa para pintar o retrato do próprio Afonso Costa. Na tela, a tua jovem mulher inclina a cabeça e, com um olhar terno e sério, fita o infinito como se te perguntasse: «Porquê?»

É bem provável que me iluda ao pensar que, com a minha carta na mão, fixas a expressão enigmática da tua mulher. Em todo o caso, ela nunca te interessou, excepto pelo dinheiro da família que muitos benefícios trouxe à casa de câmbios que possuis no Chiado. O relativo desprezo que sentias não te impedia, porém, de dormires regularmente com ela. Enfim, cumprias o teu dever de macho, como me disseste em mais de uma ocasião. Não só eu era o teu amante, como o homem a quem tu confidenciavas essa representação conjugal. E a questão constituía para mim uma violência. Depois, o ciúme espalhava-se em estilhaços pelas minhas frases.

Um dia, levado por uma confiança que nascia do modo carinhoso como me tratavas, enchi-me de coragem e perguntei-te: «Se dormes com a tua mulher, porque estás comigo?» «Durmo com mulheres, mas só gosto de homens.» A tua resposta foi proferida num sussurro, como se vertesses o teu segredo numa concha para que mais ninguém no mundo o ouvisse. O que disseste fez-me sentir feliz, pensando que tinhas colocado o nosso amor numa categoria especial.

Continuo a imaginar-te. Talvez observes a paisagem em frente da janela e a nostalgia te atinja de repente como se me tivesses tocado. Mariana Amélia chama-te para o jantar. Ocorre-te como é humilhante ter de suportar diariamente os silêncios penosos dos serões conjugais, inabitáveis como desertos. O que torna tudo ainda mais repulsivo é a notória beleza da tua mulher. Desces para o jantar e sentes os braços misteriosos da solidão em

volta do teu corpo. Afinal, um homem também se mede pelas suas carências e cada vez que levas uma colher de sopa à boca tens a noção de que o tédio do teu casamento é um modo de vida construído artificialmente. Consegues sobreviver, seguindo uma disciplina rigorosa. Aviso-te: corres o risco de, um dia, tal como aconteceu comigo, perderes a cabeça.

Penso tudo isto deitado no charco de águas turvas em que se transformou o chão desta trincheira. O mais provável é que estejas em Lisboa, e não na Guarda – aliás, esta carta será enviada para o endereço do teu escritório no Chiado. Porém, como neste momento neva ligeiramente, desejei partilhar contigo algo concreto, nem que fosse um elemento tão circunstancial como uma paisagem com árvores despidas e flocos de neve que transformam os campos em lençóis de linho branco.

Continuo a ter um corpo que te deseja, mas aqui só serve para se queixar do frio. Até quando o tempo está seco, a água jorra dentro da trincheira como uma nascente. Para além da chuva e das coisas mortas – ratos, cães, pernas e braços de cadáveres –, rios de água escorrem continuamente das paredes de terra, forçando-nos a permanecer enterrados na lama, os pés gelados, os membros entorpecidos. Tudo fica húmido: o uniforme, a roupa interior, as cobertas com que nos tapamos à noite, o tabaco de enrolar, as fotografias da família. O próprio céu parece viscoso e as nuvens têm um aspecto molhado, mesmo quando não chove. Do buraco onde me encontro, evito erguer o olhar para o arame farpado que separa a nossa companhia da terra de ninguém. Cada pormenor da paisagem, cada arbusto calcinado, representa a morte de um homem. Mais à frente, noutra trincheira igualmente húmida, estão os alemães, tão enregelados como nós. Dormimos pouco por causa dos ratos, dos percevejos e dos fantasmas nocturnos – há noites em que a tortura dos piolhos não nos dá tréguas – mas, quando caímos no sono, partilhamos decerto com o inimigo pesadelos sobre bombardeamentos ininterruptos.

Fugi de ti por te amar demais. Não há outra maneira de o dizer. No momento em que o afirmo, faço passar o amor pela proibição que nos envolvia como se fosse por um buraco de uma agulha. Aqui, as reservas do futuro são tão reduzidas que a condenação moral já não me amedronta e apenas pretendo transpor para palavras um relance de verdade. Pois bem! Fui à procura de luta e encontrei morte em toda a parte. Hoje, excepcionalmente, ainda não se ouviu a artilharia dos boches. Persiste este

silêncio cristalino. O vento amainou. Sobre aquele pedaço de terra entre as trincheiras, cuja posse ninguém reclama, estende-se uma vasta película de gelo. Que estranha e assustadora é a tranquilidade! Estendido no meu canto, oiço o murmúrio das árvores que me promete uma espécie de segundo silêncio, o silêncio do que vem a seguir ao arrependimento. De qualquer modo, obtive aquilo que quis. A elite lisboeta já nada pode fazer contra mim, a minha mulher não pode acusar-me. A moralidade dos costumes foi reposta, isto numa cidade onde quase todos os dias existem distúrbios e efusões de sangue por causa dos conflitos políticos. O meu amor por ti tinha poder para perturbar o modo de vida burguês em que cresci. Também disso tive medo. Aqui, as consequências são, sem dúvida, menores, tiros e obuses podem tirar-me a vida, mas nunca a reputação de homem honrado.

A coberto da neblina, pressente-se o rumor das tropas inimigas deslocando-se para novas posições. Enquanto oficial responsável por este sector, seria minha obrigação gritar com os praças que fazem sentinela, ordenar-lhes que coloquem a cabeça do lado de fora da trincheira e exerçam funções de efectiva vigilância. No entanto, os capacetes que deram aos nossos militares são demasiado frágeis e deixam os homens vulneráveis às balas. Além disso, metade deles tem febre e sintomas de pneumonia. Calo-me e não digo nada. A aproximação da batalha arrasta consigo uma espécie de torpor em que cada um se protege como pode.

Uma bruma cinzenta esbate os matizes do horizonte e a noite começa a cair. Esta acalmia mais parece uma ameaça. Só pode ser o prelúdio de um novo ataque. Por detrás de mim começa a surgir uma lua crescente, feita de espuma. Por detrás dela, nos confins do mundo, existirá a paz, mas aqui não existem refúgios, nem para as balas nem para as recordações. Devia gritar para as sentinelas, dar ordens como um militar. Em vez disso, penso: «Que tudo deflagre; de que serve retardá-lo?» Aliás, para eles, e refiro-me ao governo português, os soldados agrupam-se por números como em rebanhos. Recomeçaram os disparos. Desculpa, não tenho condições para prosseguir.

Teu para sempre,

Rodrigo

Lisboa, 3 Fevereiro de 1918

Caro Rodrigo,

Regozijo-me por te encontrares de boa saúde. Compreendo que estejas a passar por um momento difícil na guerra em França, mas não me parece razão suficiente para nos correspondermos nem para nos envolvermos em penosas reflexões sobre o passado. Não existem motivos para ficarmos presos ao que aconteceu. Não sei se a Ana Matilde te contou nas suas cartas, mas a Mariana Amélia está grávida. Desde que soube a novidade, pus de lado a minha indiferença por ela e deixei para trás esses desejos perversos que na altura me absorviam, reconheço-o. Como sabes, os negócios ocupam-me muito, ainda mais numa altura em que aqueles que possuem alguma riqueza tentam trocar a nossa moeda por divisas. Mas, mesmo com tanto trabalho, garanto-te que, quando o bebé nascer, todas as manhãs irei visitá-lo ao seu quarto antes de sair e, no regresso, exigirei a Mariana Amélia que me informe sobre se o pequeno comeu, dormiu, chorou ou teve cólicas. Será um rapaz, disso não tenho dúvidas. Sinto-me outro homem, sou outro homem. Esqueci essas inclinações doentias de que ambos fomos vítimas. O nascimento de um filho muda tudo. Talvez um dia venhas a compreender e a partilhar desta felicidade. As prioridades alteram-se e tudo na nossa existência se torna mais sólido. Não conheço ninguém que não tenha os seus segredos e períodos turvos na vida. Porventura, nem todos serão tão abomináveis como o nosso. Mais uma razão para os

abandonarmos ao esquecimento. Hoje em dia só penso no meu filho. À medida que se aproxima a data do seu nascimento, vou tecendo uma fina rede de fantasias em redor da sua minúscula figura. Irei protegê-lo como se o envolvesse num casulo feito com o meu próprio corpo. Sinto-me feliz. Rejeito as tuas tentativas de insinuação de que ainda sou isto ou desejo aquilo.

Despeço-me com amizade.

Eduardo

Flandres, 18 de Março de 1918

Caro Eduardo,

Li o teu bilhete, mas foi como se tivesse nas minhas mãos uma página em branco. Aliás, devolvo-to juntamente com esta carta. Talvez assim entendas que não foi para o autor dessa resposta que antes escrevi. Há duas noites que ando com ele no bolso, releio-o até sentir na própria alma o ferrão do teu desprezo ou seja lá o que for que queiramos chamar ao que renegas. Continuo a pensar que a tua réplica encobre um coração dividido, embora repitas a ideia absurda de que o nosso amor foi uma doença. Não é digna de ti. Descrevi-te as minhas angústias, expus-me, e tu a nada respondeste. Não penses que és mais forte por não ficares com os olhos molhados perante a saudade. Em casos como o nosso, os sentimentos são a coragem – e tu, pelos vistos, preferes a cobardia.

Decidiste estilhaçar o nosso passado com os mesmos juízos moralistas de que tantas vezes me acusaste. Com o que escreveste, tornaste mais ténue o fio que nos unia até quase o quebrares. Não sentes vertigens por teres escrito tantas mentiras? Naturalmente, felicito-te pelo futuro nascimento de um filho. Vais ser pai e pensas que uma criança te vai servir de apoio para resistires às tuas inclinações naturais. Tentas iludir-te, mas não conseguirás sustentar essa falsidade por muito tempo.

Confesso que, quando terminei de ler o que escreveste, me senti desmoronar emocionalmente, sofri com o fim anunciado do nosso amor.

Tive vontade de te responder com rogos e censuras. Foram escassos os momentos de felicidade entre nós, mas a paixão que vivemos pareceu-me, na altura, prometer claramente mais.

Não é de modo algum verdade que a dor nos torne melhores ou mais sábios. Em alguns casos, deixa-nos mais frios e indiferentes, como vejo que aconteceu contigo. Desejei que as minhas saudades não continuassem a matar-me, mas não consegui deixar de me sentir cada vez mais só, uma solidão dolorosa que gira sobre si mesma. É certo que me fui embora inesperadamente, sem me despedir, e o que fiz não tem desculpa; mas na tua carta renegaste tudo o que existiu. Repito: nada te autoriza a qualificar a ligação que tivemos como uma afeição doentia.

Não és livre de contradições. Atravessam-te pensamentos sombrios e censuras a um tipo de desejo que te esforças por rejeitar. A tua resposta está cheia de frases obscuras, porque os sentimentos de que te falei continuam a ser inaceitáveis. És daqueles que preferem preservar as aparências, focar a sua atenção no fingimento e odiar o que realmente és. Compreendo-te porque já fui assim. Temos de sobreviver, com cobardia ou cegueira, com ressentimento ou prudência e tu resistes à verdade. Necessitas do olhar dos outros para te consagrares como um homem de reputação inatacável – da qual, aliás, depende o sucesso dos teus negócios. Só mantendo esse estatuto poderás retirar vantagens, ganhar dinheiro numa sociedade que só respeita o lucro.

Não duvido de que venhas a amar profundamente o teu filho, nada disso. Mas chegará uma altura em que esse amor não será suficiente. Não te bastará essa cena familiar, normal e corrente. Procurarás então provavelmente outro amante, jovem e tímido como eu fui, mas porventura mais manipulável. Encontrar-te-ás com ele às escondidas, mantendo em casa a tua vida confortável. Como são selvagens e impiedosas as exigências do desejo! Mas não conseguirás evitar o medo e a tua cobardia advertir-te-á de que não vás longe demais nessa relação. Tudo se passará numa clandestinidade horivelmente restritiva, como aconteceu connosco.

Conheço a tua verdadeira natureza, vejo a sombra do pinheiro selvagem que se agita no deserto dos teus anseios. Mais tarde, quando te deitares com a Mariana Amélia, serás um homem diferente daquele que se despe nos teus devaneios eróticos. Senão, por que motivo me enviaste um dia uma fotografia tua que outros poderiam considerar indecente?

Se nunca mais nos virmos, quero ainda assim dizer-te que o nosso passado me libertou. A experiência de ser amado – sim, houve amor entre nós! – mudou-me, fez-me abandonar as minhas limitações. Já sou capaz de viver uma vida sem constrangimentos. Aventuro-me a ir até ao fim com outros homens, a fazer o que bem entendo com o meu corpo. Ganhei imunidade à ditadura da moral e dos bons costumes. Nunca conseguiria amadurecer neste sentido sem o que vivemos juntos e sem a guerra. A liberdade interior mergulhou-me numa exaltação que se aproxima, às vezes, da verdadeira alegria. Onde antes subsistia a agitação, a incerteza e a hipocrisia irrompeu uma espécie de fuga a essa vida cheia de normas para que fui educado. Cedi a desejos que me fazem ver as coisas de uma forma diferente, como o gume de um punhal pode ser uma cintilação de luz em vez de uma arma mortal.

Dou-me com um oficial francês. Não posso afirmar que me sinto possuído por uma paixão avassaladora, o que até torna as coisas perfeitas. Tudo é real, firme, sem sombras nem ilusões. Quem tem a morte como perspectiva para o dia seguinte não está disponível para aventuras românticas. Se me der ao luxo de ter sentimentos profundos, arrisco a minha vida e a dos meus homens. A consciência de que os dias nas trincheiras são imprevisíveis mantém a minha capacidade de fantasiar encarcerada. O presente é tudo, e cada instante com o meu amante pode ser o tempo inteiro, desde que ambos nos sintamos livres para preencher esse minuto com intensidade. É assim quando estou com ele: as horas e os dias deslizam como a brisa amena sobre os ramos das árvores, sobre o suave verde dos bosques.

De seis em seis dias somos rendidos nas trincheiras e ficamos quase uma semana numa aldeia de retaguarda. Foi nesta povoação – Gravelle, meia dúzia de casinhotos separados por caminhos enlameados onde as árvores se movem em sincronia com os ventos de Inverno – que conheci Paul. Estou feliz com ele, sem aquela culpa que cada encontro contigo desencadeava. Com Paul a corrente do amor é tão impetuosa que não consigo ouvir o eco de nenhum remorso. A consciência de mim torna-se brumosa e o meu corpo obedece a um ritmo preciso, perdendo todas as amarras que o unem à realidade.

Do ponto de vista da logística, tudo sucede com tranquilidade. Dada a escassez de alojamento para oficiais, somos forçados a partilhar os

albergues disponíveis. Quando acontece pernoitarmos na aldeia nos mesmos dias, arranjam forma de ficarmos juntos num quarto, na casa de um dos habitantes. Deitamo-nos. Não temos muito que falar: as conversas tornam-se mórbidas logo que começamos a evocar bombardeamentos e cadáveres. Só a voz da acção importa: a sensualidade apodera-se de nós, os nossos corpos comunicam e sinto-me de novo vivo.

Depois da experiência da guerra, no que toca a questões de sexo, estou disposto a aceitar todas as aberrações, compreendendo que se possa descer a abismos de prazer físico que, em si mesmos, são reprováveis pela sociedade. O desejo fala-nos numa infinidade de línguas. Os gregos compreenderam isso muito bem. Eram homens livres, e não escravos, e só seres libertos conseguem mergulhar sem medo em águas tão agitadas.

Pronto, sou admitido na quente intimidade de outro homem. Os sentimentos melancólicos desvanecem-se e as saudades são afugentadas. O prazer sobe como o mercúrio num termómetro, enquanto as mãos dele vão e vêm sobre o meu pénis. O meu corpo entra numa espécie de vácuo, vagueando para longe de mim e bloqueando a passagem à tua recordação. Paul e eu soubemos encontrar um espaço para nos escondermos daquilo que surge quando a porta se abre. Entre mim e ele não existem nem ofensas nem acusações, como acontecia connosco. Tudo é simples, parecido com a felicidade. A arte das suas mãos e da sua boca faz-me flutuar como se eu fosse feito de papel. Quando o sexo acaba, oiço vagamente o sino da aldeia, o grito do soldado que conduz os cavalos, e depois tudo isso deixa de pertencer aos meus sentidos quando mergulho no sono.

Não penses que esta confissão tem como objectivo fazer-te ciúmes. Bem, talvez um pouco. Face ao teu desprezo, as minhas palavras não estarão totalmente livres dessa intenção. Porém, com Paul a minha imaginação fixa-se aos limites do que é corporal. Depois de fazermos amor, à medida que o silêncio cai sobre nós, os seus traços como que se apagam, tornando-se-me impossível distingui-lo de qualquer outro homem atraente. Connosco era diferente; e agora, quando não adormeço logo, sinto as rodas do tempo a girarem em sentido inverso e, envolto numa espécie de volúpia, torna-se-me impossível desembaraçar-me das comparações. A tua ausência faz com que os outros homens se tornem silhuetas, fantasmas que se movem numa neblina.

Confidencio-te as minhas novas experiências através do que é possível contar por palavras. Pode ser que sintas alívio por eu ter encontrado alguém. Contudo, muita coisa de ti permanecerá para sempre no meu coração. Continuarás a ser o juiz da minha existência no tempo que me resta. As dúvidas que tenho irei submetê-las ao teu veredicto. És a testemunha que escolhi para a minha vida. Mesmo que recuses esse papel e olhes para o que escrevo como uma história que não te diz respeito, continuarei a escrever-te. É possível que não me respondas, que te recuses a mandar-me mais cartas, que me esqueças definitivamente. Eu, porém, nunca desistirei totalmente de ti, porque, além do meu amor, só existe a interminável espera nas trincheiras e o receio de me converter numa sombra que não deixe marca nesta terra. Preciso de que continues a ter um rosto que me permita povoar os meus sonhos.

Inevitavelmente, acabarei morto um dia destes, com o corpo misturado com os dos meus companheiros de armas, enquanto tu continuarás incólume e vivo, algures no mundo. E haverá vestígio mais importante do que as minhas recordações do que vivi contigo, as lembranças que guardei do homem que amei?

Abençoo o tempo em que estivemos juntos. A guerra trouxe-me, pelo menos, a oportunidade de reconstruir a existência nos meus próprios termos. Isso explica o à-vontade que tenho com Paul e a aceitação do que é prioritário na vida e torna o resto superficial e mesquinho. Por isso, se hoje uma granada levasse os meus olhos, eles continuariam a ver a luz com que vislumbrei a exaltação do amor. O período em que mantivemos uma ligação reflecte a paixão que brilhou sem se dar conta de quão cintilante era; um sentimento de tal modo intenso que o cérebro rejeitava as outras realidades como uma matéria estranha. A sociedade explodia lá fora, existiam as lutas intestinas entre republicanos, as conspirações dos monárquicos, as greves e os assaltos a mercearias e a armazéns. No meio da desordem do mundo, houve instantes em que conseguimos fechar as persianas. Expulsávamos as outras personagens da nossa vida – esposas e família – e o tempo passava a pertencer inteiramente aos nossos sentidos. Outras vezes, a beleza desses momentos perdeu-se em agonias estúpidas, porque na altura acreditava que o nosso amor, e tudo o que ele exigia, era um fardo demasiado pesado.

Há cerca de um ano, confuso, acabei por reduzir o nosso amor à sordidez e da ausência de moral de que por certo um dia nos acusariam. Parti então

para a guerra e desembarquei no porto francês de Brest. Perante a escassez de oficiais, puseram-me ao comando de uma companhia. Senti-me completamente perdido: a minha especialidade não era a infantaria e é preciso não esquecer que no quartel de Lisboa fazia sobretudo trabalho burocrático. Face à desorientação dos soldados, tive, contudo, a noção de que perdera o direito às minhas angústias privadas. Acompanho-os há um ano num percurso em que a excitação da batalha e o turbilhão do medo são contínuos. Entre estes homens exaustos, neste sítio em que o terror e a glória se misturam, pus em causa todos os princípios. Aos poucos, fui percebendo como a vida nos impõe certas regras, faz de nós seres uniformes, sem vontade própria. Somos os nossos próprios carrascos, sabes? Aqui fui forçado a fazer longas vigílias aos moribundos e assisti aos últimos momentos de muitos feridos. Percebi como as verdades em que fomos educados eram decrépitas. As interdições a que obedeci durante anos tornaram-se um animal velho que já não mete medo. Vemos os outros seguirem as leis e pomo-nos a imitá-los, sem sabermos muito bem nem porquê nem para quê. O mundo da guerra revelou-me finalmente que as intenções dominadoras da sociedade burguesa não significam nada.

Na frente de batalha, quando os espectros nocturnos soltam os seus últimos suspiros aos primeiros alvares da madrugada, contamos os mortos. Somos invadidos pela indiferença e pelo desânimo. Usamos a frieza dos números para não deixar que a alma se estilhaça. Um pequeno pedaço de céu azul vislumbra-se sobre as nossas cabeças, já que não existe paisagem para além do arame farpado e dos sacos de areia que rodeiam as trincheiras. Após a contagem dos corpos, esse fragmento de céu fica de súbito mais escuro, ou então é dos meus olhos que, depois de examinarem tantos destroços humanos, enchem de azul o rosto dos cadáveres.

Às vezes, nessas manhãs em que os fantasmas se somam, deixo que os meus pensamentos se movam em círculos. O Sol já ilumina. A terra, para lá das trincheiras, é extensa, só falta mesmo uma outra raça de homens que não se mate. Procuro uma razão que me faça ver se existe ainda um sentimento de compaixão algures. Mas, como não a encontro, evado-me para além da linha do horizonte. Penso que a muitos quilómetros daqui existe um mundo onde nada se modificou. Bastaria entrar nos salões dos meus sogros, na sua casa do Estoril ou do Conde Redondo, para penetrar num lugar cheio de cadeiras douradas, onde as damas se limitam a discutir

as últimas novidades de Lisboa e ao lado, no salão amarelo, com quadros nas paredes e móveis luxuosos, os cavalheiros, afundados em poltronas, inteiram-se das últimas movimentações políticas, analisam a derradeira revolta militar, comentam as transgressões do povo ou a forma sacrílega de agir dos ministros republicanos que, como se não existissem os mandamentos do Senhor, mandam atacar os clérigos.

Naqueles salões onde tantas vezes fui forçado a mentir, seria de facto capaz de expor o peito às intrigas? Seria suficientemente ousado para desvendar a minha natureza homossexual? Penso na Ana Matilde, no rosto branco da minha mãe, na sua figura desfalecendo de joelhos, no desdém implacável dos homens. Eu, que me julgava imune, que disse a mim próprio tantas vezes «agora estou livre de tudo», dou comigo a pensar que, em casa, as coisas podiam ser ainda mais perigosas do que nas trincheiras. Continuo, afinal, a sofrer com a minha vulnerabilidade.

É preciso não esquecer que as nossas mulheres são amigas de infância, cresceram juntas, partilharam as lições no colégio interno. Foste-me, aliás, apresentado no dia da minha boda. Na época, já eras casado com a Mariana Amélia. Conversámos pela primeira vez durante o copo-de-água em casa dos meus sogros. Sucedeu de imediato uma inclinação mútua que depois se aprofundou, como acontece quando duas pessoas não podem escapar a um destino. Lembro-me de termos falado durante algum tempo numa varanda que dava para o jardim. Não recordo a conversa em si, mas evoco-a com o cheiro das laranjeiras e o luar afastando a escuridão. No jardim, a festa estava animada. E nós, absorvidos um no outro, distraídos da música e dos pares que dançavam. Acredito que o que dissemos teve importância, talvez uma importância decisiva, mas qualquer coisa que vinha do mais fundo da alma juntou-se às palavras. Quando me chamaram para regressar aos festejos, senti-me um exilado no meu próprio casamento.

Lutámos contra o que sentíamos, cada um à sua maneira. Terá sido em vão, porque desde o princípio pressagiámos que não resistiríamos à sedução mútua. Na tua presença, o desejo consumia-me. Os nervos, esses, faziam-me tremer. Durante algum tempo, representámos o papel de amigos íntimos. Controlámos o impulso de nos tocarmos, dando apertos de mão e palmadinhas nas costas. Uma amizade viril! Mas a paixão foi-nos envolvendo de forma assustadora. Organizámos então formas de convívio que excluía as mulheres: caçadas e passeatas de barco no rio.

Combinávamos também encontros na Brasileira e noutros cafés da Baixa, onde tomávamos conhaque ou *whisky*, enfim, bebidas de homens: aromas e desejos eram destilados no líquido dourado. Atrás de mim, o vulto severo que antes me ordenara que não fosse ter contigo fechava os olhos e deixava-se embalar, levemente embriagado.

Conversávamos muito, mas o que dizíamos era quase sempre diferente do que realmente desejávamos dizer. As palavras nunca abordavam o desejo que nos ligava. Éramos dois homens comprometidos, presos a bons casamentos e com uma educação irrepreensível. Mesmo assim, como era agradável estarmos parados à meia-noite, encostados ao gradeamento do jardim da tua casa, antes de acabarmos por aceitar a penitência das nossas vidas regradas e regressar. Durante algum tempo, quis crer que a nossa ligação era apenas isso, uma amizade sólida. Até que trocámos o primeiro beijo.

A vida das nossas famílias decorria com actividades conjuntas devido à ligação das nossas esposas. Tinha plena noção de que os meus sentimentos nunca poderiam ser nomeados, porque as palavras que faziam parte da nossa linguagem nos encheriam de insultos.

Lembras-te? Aconteceu a primeira vez numa tarde de sábado. As nossas mulheres tinham ido juntas a um chá de caridade. Estávamos em tua casa e fomos para o teu quarto. Foi maravilhoso, apesar da minha inexperiência. Comecei a compreender como o teu corpo se mexia. Ávido de sensações, aprendi a imitar-te. Dessa tarde, recordo o momento em que me puxaste para ti e me lambeste com a segurança de um animal selvagem. O prazer que crescia à medida das carícias impedia-me de distinguir as formas do quarto. Pressenti o armário a vacilar, senti a cama a deslizar sob o nosso peso. Demorou muito tempo até os pensamentos emergirem dos confins da vertigem e regressarem à consciência.

Logo de seguida, o encantamento deu lugar ao pânico, minando a intensidade do que vivêramos. É impressionante a nitidez com que me vejo no meio do quarto, vestindo-me à pressa. Tudo o que acontecera me parecia de repente imundo e sem brilho. Bastaram alguns minutos para que a luxúria me causasse uma tremenda repugnância. A luz do meu desejo tornou-se a pior escuridão. Só queria sair dali. O contraste entre os dois instantes foi tão intenso como é a diferença entre o medo e a coragem.

A desonra era proporcional à gravidade do pecado. Esse estranho vício que os moralistas designam por sodomia enchia-me de repulsa também pelo respeito que devia à minha mulher. Odiei-te. Tinhas-me feito cometer um crime, sentia-me um homem marcado. Morte, era essa a sentença da sociedade para miseráveis como nós.

Ainda estávamos no quarto quando se ouviram, ao fundo das escadas, as vozes da Mariana Amélia e da Ana Matilde. A minha mão tocou na tua antes de se retirar, exactamente como duas solidões que se beijam. Sorriste-me, não para me agradeceres, mas em comunhão com o meu gesto. Mal entrámos na sala e cumprimentámos as nossas mulheres, tudo regressou à banalidade da vida burguesa. Como dois conspiradores, juntámo-nos ao diálogo. A linha das aparências manteve-se firme. Naquele momento, parecia impossível a existência de um crime em qualquer lugar da casa.

Era inevitável! Tornámo-nos amantes. Vivía atemorizado, possuído pelos remorsos, mas também consumido por um desejo insaciável. Combinava encontros contigo sempre que podia e ia porque o meu corpo não parava de chamar pelo teu. Mas não tinha ilusões. Mais cruéis do que verdugos, as pessoas iriam despedaçar-nos se viéssemos a ser descobertos. Morávamos em Lisboa, uma cidade provinciana onde um amor secreto era difícil de manter. Vivíamos angustiados, lutando por cada momento em que pudéssemos ficar a sós. Encontrávamo-nos geralmente no teu escritório, que não garantia a nossa privacidade. Beijávamo-nos com ansiedade, ateando incêndios dentro de nós, mas nunca nos esquecendo de que podíamos ser surpreendidos por algum dos teus empregados. Estávamos permanentemente em alerta. As paredes e as portas ganhavam olhos, na sua superfície colavam-se ouvidos. Às vezes, tinha a impressão de que inventávamos o perigo. O nosso temor e a insistência até à exaustão na mesma pergunta – «Será que alguém terá dado conta?» –, tudo isso foi desgastando a relação. Não raro, saía desses encontros enterrando até aos olhos o meu chapéu de feltro para esconder lágrimas indignas de um homem.

Às vezes, passávamos fins-de-semana no Estoril, em casa dos meus sogros. Recordas-te de como engendrávamos todo o tipo de pretextos para escaparmos à família – andar a cavalo, jogar ténis, dar um mergulho na praia – e ficarmos a sós? Dessas actividades nascia uma agitação de que era impossível fugir: as árvores moviam-se para nos ocultarem durante um

beijo, os nossos corpos envolviam-se um com o outro numa zona do bosque mais sombria. Não conseguíamos reprimir o desejo, desprezávamos as consequências, felizes com a ilusão de que tudo o que queríamos estava contido naquele instante.

Tivemos acessos de coragem, não muitos, mas tivemos-los. Na realidade, uma única vez fomos mesmo imprudentes. Lembras-te daquela tarde escaldante no Estoril em que subimos ao meu quarto depois do almoço? Em baixo, no salão, entre parentes e visitas, estariam vinte pessoas que tinham acabado de almoçar. Tratava-se de gente de elevada condição – deputados, advogados, banqueiros. As mulheres envergavam vestidos leves e elegantes e os cavalheiros apresentavam as faces bem escanhoadas. Nem uma partícula de pó estava autorizada a poisar nas suas roupas e nenhuma suspeita crescia na sua imaginação burguesa. Decerto, se tivessem subido ao andar de cima e nos tivessem surpreendido, não se apresentariam tão distintos nem tão afáveis. Porém, estavam demasiado pesados para se levantarem dos sofás. Repousavam, meio adormecidos, empanturrados de comida, embrutecidos pelo calor e seguros de que, sob aquele tecto, os comportamentos eram todos respeitáveis. Só mais tarde, no momento em que descí as escadas de regresso à sala, tive consciência dos riscos. Nunca como naquele instante me dei conta de como estava comprometido com aquela gente, de como era prisioneiro das disposições morais dos que representavam a autoridade e o dinheiro. Fazia parte de tudo aquilo, ainda que escondesse o meu verdadeiro rosto. Deixava as mentiras falarem em meu nome e interpretava um papel: era uma personagem cuja alma nunca alcançava o repouso.

Embora nunca tivesse vencido o medo, entreguei-me ao amor, descendo mais profundamente no abismo. Percebia que estava a construir uma esperança que acabaria por me destruir. Para ti, porém, o percurso seguia a direito: assumias que tanto gostavas de homens como de mulheres. Temias vagamente pela tua reputação, mas, como hábil construtor de discursos, usava-os consoante as circunstâncias. Enfim, eras um verdadeiro mestre na arte de sobreviver.

Uma vez fora da tua presença, esforçava-me por transformar aquele amor em pura ficção, mas toda a evidência me dizia que mesmo à distância o desejo permaneceria firme. Mesmo assim, quando viajavas em negócios, tentava apagar do espírito a nossa relação. Na medida em que aquela paixão

não era do conhecimento de mais ninguém, por vezes acreditava que os meus devaneios eróticos não tinham mais realidade do que as carícias executadas num sonho. Tu assumias claramente ter-te casado com a Mariana Amélia por causa do dinheiro da família, mas eu gostava da Ana Matilde, ainda que raramente dormisse com ela. Atormentava-me o que fazia contigo, andava confuso sobre o bem e o mal. E, durante a tua ausência, conseguia uma certa tranquilidade, como se fosses apenas uma sombra no meio de outras.

Porém, mal regressavas, recomeçava tudo. As circunstâncias dispunham-se venenosamente a favor dos nossos encontros. Era impossível afastarmos e esquecermo-nos um do outro. As nossas mulheres eram as melhores amigas, viam-se quase diariamente, e para elas era uma bênção que os maridos se dessem tão bem. Tinham uma amizade duradoira, tendo acrescentado às recordações de infância a intimidade dos restantes períodos da sua vida. Eram duas belas mulheres, cujos afazeres tomavam os caminhos de uma certa futilidade, enquanto nas ruas a agitação da República e as greves prosseguiam. Não conseguiam tolerar nenhuma interrupção no curso das suas ocupações e, por isso, preservavam a inocência, abstraindo-se dos acontecimentos mais brutais. As criadas iam para as filas abastecer-se de comida, tratavam das questões práticas. E elas prosseguiam na paz das coisas familiares e, quando estavam juntas, transformavam-se em duas raparigas despreocupadas e fúteis. Passavam horas diante do espelho ou iam às compras nas boas lojas do Chiado enquanto eu e tu nos dedicávamos ao prazer. Os quatro parecíamos unidos como cristais, segundo as leis de um material precioso e inquebrável. Submetendo-nos às exigências da Ana Matilde e da Mariana Amélia, tudo se ajustava entre nós. Elas enviavam mensagens e convites uma à outra, frívolas e ingênuas, enquanto nós entrávamos e saíamos dos nossos jogos amorosos.

Desde jovem que me dedicara a reflexões inúteis sobre a origem dos meus instintos perversos. Desejava perceber o que teria contribuído para a minha condenação. Questionei-me muitas vezes se tudo não teria começado na altura em que tomara conhecimento de que havia sido adoptado. A lembrança dessa revelação do meu pai regressa frequentemente e com nitidez. Tinha dez anos quando ele decidiu esclarecer-me de que eu não era seu filho verdadeiro. Ao ouvi-lo, senti-me atordoado. Era como se me

tivesse transformado em vento e andasse perdido pelas ruas. Esse facto não constituía, contudo, uma explicação suficiente para as minhas inclinações viciosas.

Vivíamos na altura em Campo de Ourique, num casarão alugado. Era um fim de tarde de Outubro. Descansávamos no alpendre da casa, em frente aos castanheiros do jardim. O meu pai falou e eu fiquei paralisado como uma árvore. Eis o vento. Eis o rumor das asas dos pássaros a alinharem a sua fuga destes tempos de Outono. Eis a folhagem das árvores a abanar com a ventania. Eis tudo o que consegui pensar enquanto o meu pai insistia no amor que nos ligava. «És meu filho e sempre o serás», repetiu por duas vezes. As suas intenções seriam boas, mas, depois daquela confissão, se alguém me perguntasse o que sentia, não saberia o que responder. O desejo do meu pai era provar que os laços filiais não passavam exclusivamente pelo sangue. Com delicadeza, queria fazer-me crer que tinha comigo uma relação de amor igual à de qualquer outro progenitor. O tom de voz era hesitante, mas, sem dúvida, eram comoventes os seus cuidados, sobretudo para um homem que parecia estar sempre acima dos sentimentos humanos, parco em palavras e inacessível.

Na época, eu era um rapaz taciturno, dócil, de feições afiladas, que declamava poemas inteiros como se tivesse sido o seu autor. Assustei-me, por isso, quando, no decorrer da conversa, o meu pai me participou que em breve eu teria de partir para o Colégio Militar. A carreira de oficial fazia parte da tradição familiar e não havia melhor maneira de demonstrar que pertencia à família do que ir para a escola que ele próprio frequentara e, antes dele, o avô. «Ser militar é prepararmo-nos para sermos homens de honra na sociedade», anunciou em jeito de preâmbulo. Acrescentou que no colégio o meu carácter sairia fortalecido, ganharia hábitos de disciplina que me beneficiariam o resto da vida. E que, por causa disso, escolhera dar-me a conhecer a verdade naquele momento.

Enquanto o ouvia, sentia no coração a facilidade com que os pais podem abandonar ou desistir de amar os filhos. Nesse preciso momento, deixei de ser uma criança feliz. Recordo-me de que corri para o quarto. O horror da adopção fundia-se com a ida para o colégio, uma coisa tocava na outra. No meu desamparo, tive a tentação de apelar a Deus. Em vez disso, porém, invoquei a face da minha mãe. Mas o mesmo rosto que todas as noites me ia dar um beijo pareceu-me de súbito irreal, uma vez que nenhuma das suas

palavras estivera isenta de mentiras. Pensava na minha mãe verdadeira e os meus olhos alternadamente enchiam-se de lágrimas e secavam. Foi assim durante horas até me chamarem para o jantar.

Nunca mais me senti seguro. Os meus pais eram os mesmos, mas a meus olhos tinham-se transformado. Por detrás dessa mudança, surgia uma conjuntura em que todas as palavras que me tinham dito até então podiam muito bem esconder coisas que eu desconhecia.

Só fui para o Colégio Militar aos doze anos, porque a minha mãe resistiu a que partisse mais cedo. Mas, durante aquele serão, a voz penetrante dos meus pais a discutirem por causa da minha ida para o internato misturava-se com as voltas que dava na cama. Do meu quarto não conseguia distinguir o que diziam e imaginava terríveis arrependimentos por me terem aceitado em sua casa. Desconhecia a história completa da adopção e nunca tive coragem de perguntar sobre ela. Contudo, a minha mãe lutava contra a confusão que sentia, continha os meus temores dentro do seu corpo, abraçando-me todas as noites.

Um dia, depois de terminar o Verão, subi finalmente com o meu pai para uma carruagem de modo a ingressar no Colégio Militar. A minha mãe ficou à porta de casa, olhando-me longamente. O seu braço erguido eternizava um gesto de adeus. Ao contrário do que seria de esperar, os dois primeiros anos no colégio foram os mais agradáveis. Fiz amigos com naturalidade. Os rapazes estavam ainda naquela idade em que o sexo não tinha orientação definida – como se ainda não tivessem decidido. Era fácil descobrirmos o companheirismo no meio de brincadeiras pueris e de exercícios militares, que eram outra forma de brincar, apenas um pouco mais séria. A escola afirmava-se como um ambiente seguro. Tudo se tornou familiar, os tons de voz dos professores, os seus modos, a disciplina, a atmosfera das salas de aula. Seguia-se um regulamento rigoroso, prescrito pela prática e pela experiência de séculos. Todas as manhãs praticávamos esgrima, fazíamos ginástica e andávamos a cavalo. À tarde, estudávamos matemática, geografia e outras matérias. Os horários eram rígidos, cada hora implicava as suas tarefas, tudo calculado para que nos tornássemos não apenas bons oficiais, mas também cavalheiros e homens honrados.

Senti-me feliz naquele colégio até o crescimento ter feito o meu corpo entrar num estranho alvoroço. Cedo percebi que o desejo falava comigo numa língua diferente sobre as coisas do prazer. O que mais me confundia

era observar os rapazes nos balneários. Os meus olhos consentiam em reconhecer a beleza dos seus peitorais e o meu sexo estremecia como uma ave em busca de um ninho proibido. Crescia dentro de um corpo estranho, não me era fácil desviar o olhar e fruía assustado do que mais ansiava por rejeitar. Quando tomávamos banho, o sangue corria-me apressado nas veias e a luxúria fazia-se sentir nas alterações violentas de humor. Era como se vivesse acompanhado por um inimigo.

Virei-me para a religião. Desejava do fundo do coração habitar uma existência casta. Todas as noites rezava para me sentir livre da tentação, mas alguma coisa desconhecida parecia impor-se. Deus Pai era infinitamente misericordioso, infinitamente bom: iria perdoar-me as minhas fraquezas. Rezava a mesma oração todas as noites para me livrar do mal. O Senhor saberia ouvir-me e com os seus infinitos poderes conseguiria extirpar de mim o demónio.

Os outros rapazes começavam a gostar de mulheres e a perscrutar os segredos dos adultos. A política pouco lhes interessava, mas o assassinato do rei D. Carlos e do príncipe gerou uma onda de agitação. Os oficiais responsáveis, cuja atitude autoritária e inacessível sempre fora imperturbável, comentavam nervosos o regicídio. O crime era uma cópia de outros atentados contra personagens reais por parte de lunáticos europeus. As conversas abordavam o caos da vida no exterior – a população abatia-se sobre as suas nobres presas e parecia capaz de as devorar. Todavia, nem a excitação do sangue fez o assunto durar mais do que umas semanas. Com as mulheres era diferente. Eram intermináveis as conversas à volta das suas figuras evanescentes. As silhuetas que arduamente se conseguiam vislumbrar para lá dos altos muros do colégio desencadeavam comentários grosseiros e versos de duvidosa qualidade. Cada uma delas – ou simplesmente a sua sombra, vultos que mal se distinguiam na rua – servia de objecto a uma veneração inatingível, como um ídolo a quem não se chegou a ver o rosto, mas tão antigo e primitivo quanto o desejo. À noite, no dormitório, juntava a minha voz ao coro de vozes excitadas dos rapazes, vangloriando-me como os outros de prazeres docemente lascivos – um ou outro toque malicioso na criada, um ou outro beijo roubado – e de tentativas ilícitas de seduzir mulheres mais velhas. O meu envolvimento nessas conversas era inteiramente fingido. Graças a Deus, um dos vigilantes acabava sempre por aparecer de rompante e nos mandar calar.

No silêncio da noite deslizava para um estado mental de agonia. Na penumbra do dormitório, uma sensação de angústia fazia arder lágrimas nos meus olhos bem abertos. Os exageros espalhavam-se nas palavras dos meus colegas, excedendo largamente os seus feitos. É claro que as aventuras com mulheres de que eles se gabavam não passavam de fanfarronice. Porém, as minhas mentiras enraizavam-se numa falsidade ainda maior. O sono acontecia tarde e era uma espécie de desfalecimento, um refúgio para os meus desejos imundos.

Tornei-me discreto, tímido nos comportamentos. Comecei a evitar qualquer alusão às relações amorosas. Lourenço, um colega dois anos mais velho, percebeu o meu segredo porque sofria do mesmo mal. Os seus olhos penetrantes fixavam-se em mim mais longamente do que os dos outros. Apresentou-se como um protector. Ajudou-me na matemática, disciplina em que tinha mais dificuldades. Desenvolveu-se uma amizade entre nós que se aprofundou quando, nesse ano, o convidei a passar alguns dias de férias com a minha família na Figueira da Foz. Nessa semana, partilhámos tudo, lemos o mesmo livro, discutimos as virtudes e os defeitos dos nossos colegas, descobrimos a vida social da cidade. Eu apresentava Lourenço a toda a gente – passava férias naquela praia desde criança – como se fosse uma obra de arte, mas ao mesmo tempo queria ocultá-lo de todos, temendo que alguém descobrisse que era a minha paixão.

Raramente os alunos mais velhos se davam com os mais novos. Não percebi que Lourenço me estendia uma mão com o propósito de me seduzir. De volta ao colégio, a nossa ligação tornou-se ainda mais forte. Existia entre nós uma ternura, uma seriedade e uma dedicação que eu associava a uma vida pura. Vivíamos num certo estado de graça, cujo manto nos protegia dos amores prematuros, confusos e dolorosos que os outros rapazes experimentavam.

Uma noite, depois do jantar, fomos para o ginásio sozinhos praticar esgrima. De tronco nu, atirámo-nos um ao outro, brandindo o florete. Por fim, exaustos, deixámo-nos cair lado a lado, encostados à parede. De repente, Lourenço ergueu-se e roçou os lábios nos meus. Fiquei hirto. Senti no peito uma opressão difusa, o suor a espalhar-se pelo rosto e um ardor no sexo sob as calças. Os meus segredos tornaram-se menos secretos e quase tudo foi revelado quando retribuí. Depois, como se a minha intimidade tivesse sido devassada, desatei aos socos a Lourenço. Desfazendo-o à

pancada, resistia à minha própria natureza. Aos quinze anos tinha plena consciência de que a sociedade seria devastadora perante aquela simples carícia. Lourenço reagiu e deu-me um murro em pleno rosto. Senti o sabor amargo do sangue nos lábios, mas a dor não vinha da boca. Roguei-lhe uma praga ao vê-lo sair do ginásio. Não conseguia entender como a sensação de ter seguido as minhas inclinações me parecia fatalmente errada. Sentei-me no chão. Na escuridão profunda, chorei baixinho.

A minha amizade com Lourenço esfriou desde esse dia. Cumprimentávamo-nos de longe e pouco mais. E com que fim? Para me libertar do mal? Não estaria antes a divorciar-me do bem? Muitos dos meus actos futuros viriam a ser contaminados pela covardia daquela noite. Tinha partilhado com ele uma certa inocência que consistia em ter pensamentos impuros sem nunca os exprimir. Havíamos participado, com a nossa juventude e beleza, de esplêndidos momentos. O amor estivera sempre lá, mas não podia ser desvendado. Ríamo-nos muito para o esconder um do outro. Ainda assim, o desejo escapava-se, às vezes, contra a nossa vontade. Quando o dominávamos no rosto, esgueirava-se pela voz. Quando conseguíamos sustentar a voz e o rosto como estátuas, sentíamos-lo à beira dos dedos. Não nos atrevíamos a dar um nome às sensações que se fundiam com o nosso afecto. A briga foi intencional e as consequências previsíveis: ambos desejávamos uma ruptura definitiva.

Estava ciente de que os meus desejos aspiravam a uma forma de prazer pela qual seria impossível esperar o perdão. Se cedesse a essas inclinações, teria transposto um limiar. Durante meses, senti-me vagamente febril com o afastamento do meu amigo, mas também curado de um vício. Era melhor assim. Um ano depois, Lourenço completou o curso e partiu. Tal como aconteceu contigo, não me despedi dele.

Nos dois anos que me faltavam para terminar os estudos, submeti-me à disciplina militar como se a minha vida dependesse da dureza marcial. Sujeitei-me a todas as regras e apliquei-me nos exercícios físicos, decidido a proteger-me das desordens do coração. Nem a destituição do rei, nem a implantação da República fizeram abrandar o meu zelo. O país lá fora desmoronava-se, perdia-se o sentido da autoridade, mas no colégio nenhuma rotina foi alterada.

Tal como o crente aceita o castigo e renega o próprio corpo, nunca me permiti abandonar uma postura rígida. Temia o amolecimento das sensações

suaves, detestava melodias voluptuosas ou românticas, tirava consolo do ruído das marchas militares. Tornei-me duro. Tentei gostar da austeridade do exército. Fazia exercício até à exaustão, convertendo o esgotamento do corpo num escudo contra os vícios. Para encontrar a paz precisava de medidas ainda mais decisivas. Num fim-de-semana de licença, alguns colegas convidaram-me a participar numa visita de grupo a um bordel. Aceitei. Tratou-se de uma tentativa desesperada de me persuadir de que era tão homem quanto os outros, de provar a mim próprio que tinha virilidade suficiente para desejar uma mulher.

Um corredor escuro conduzia-nos ao prostíbulo, no qual a claridade vinha de uma luz amarela. Aí, deslizava-se por zonas de penumbra. A escuridão facilitava desejos subterrâneos, inclinações animais e as paixões duvidosas dos clientes. As meninas eram de várias idades e havia-as grandes e pequenas, para todos os gostos. Usavam vestidos minúsculos, chapéus com plumas e os seus rostos brilhavam atrás de pesada maquilhagem. Escolhi Gigi, uma rapariga magra, com um ar tão macilento quanto um fantasma, carente de quaisquer encantos femininos. Subimos juntos para um quarto. Aquele corpo ossudo que em breve iria tomar nos braços era real, opressivamente real. Estava seguro de que iria pôr fim aos meus tormentos. Entrámos abraçados num aposento minúsculo. As coisas começaram a correr mal quando a vi nua na cama. Não sabia o que fazer. Aquela nudez desencadeou uma repulsa instintiva, a visão do seu corpo pálido impendia sobre mim como uma pena de morte. Ainda assim, recusei voltar atrás porque a minha alma mo suplicava. Para que a vontade não fracassasse, ela ajudou-me. Fiz amor com a rapariga como se estivesse a pregar um prego. No final, acabei sendo o vencedor da mais miserável das vitórias.

A falsidade passou a ser a minha segunda natureza. Cada mentira era também um sinal de resistência, um indício da minha capacidade de me tornar um verdadeiro homem. Não te disse a verdade quando afirmei nunca antes ter tido experiências sensuais. Na adolescência haviam surgido, como descrevi, os primeiros sintomas. Eu conhecia as minhas tendências, muito outros homens depois de Lourenço reavivaram as minhas inclinações. Fingia também para mim, ao ponto de a consciência dos meus impulsos se ter tornado intermitente.

As mentiras acumulavam-se. Menti, por exemplo, ao meu pai na cerimónia de graduação dos oficiais. O ruído da banda militar era tremendo e a marcha do contingente seguia o ritmo da música marcial. Depois da parada e do juramento à bandeira, logo a seguir à voz de comando ter mandado destroçar, o meu pai abraçou-me, orgulhoso por o filho se ter tornado um oficial do exército português. Eu retribuí-lhe o abraço e sorri-lhe, não vendo nada do que me circundava, nem os meus superiores, nem os colegas de curso, nem o público que viera assistir. Mal acenei à minha mãe. No fundo, detestava o exército. Era um dos poucos sítios onde os homens exibiam com naturalidade o corpo. Inquietavam-me os meus futuros comportamentos. O comando de uma companhia ou qualquer outro posto de autoridade trazia outras tantas oportunidades para que se abrissem fendas nas minhas defesas. Os jovens soldados eram um perigo. Certas forças primitivas podiam irromper, fazendo com que a minha autodisciplina fraquejasse com o desejo.

A voz dos meus pais continuou a fazer-se ouvir noutras matérias. A minha mãe aconselhava-me, abordando, sem subtilezas, a questão do casamento: «Sozinhos estamos incompletos, somos feitos para estar com alguém.» Evidentemente, os seus conselhos tinham um sentido mais profundo, obedecendo ao que estava prescrito na sociedade para um homem da minha idade. Eu trazia a obediência no coração, por isso, submeti-me como se, acatando as regras, pudesse ter o que os outros tinham. De facto, ainda sonhei com a possibilidade de a Ana Matilde me desviar das minhas inclinações, como um milagre que viesse alimentar o amor de outra maneira.

Mal me casei, as mentiras multiplicaram-se. E, quanto te conheci, nunca mais terminaram. A minha mulher fazia-me, às vezes, perguntas. Onde estiveste? Por que motivo chegaste tão tarde? E eu respondia-lhe de uma maneira sincera quando podia ou dava respostas evasivas quando chegava de um encontro contigo. Com a prática, as desculpas melhoraram, tornaram-se mais verosímeis. A falsidade perdeu importância, e o meu casamento transformou-se num fingimento.

Gostaria de continuar, pois não disse ainda tudo o que quero, mas chamam-me lá fora para pôr cobro a uma luta entre dois soldados. Tenho de interromper esta carta, que retomarei noutro dia. Despeço-me com amor.

Teu

Rodrigo

Flandres, 19 de Março de 1918

Caro Eduardo,

Desta vez o Paul irá colocar duas cartas no correio. Ontem, interrompi precipitadamente a escrita para ir apartar dois homens que rolavam no meio da neve. Enquanto estamos na retaguarda, os soldados, na sua ânsia de sobreviver, são capazes de se matarem uns aos outros só para não terem de voltar às trincheiras. Antes da minha chegada, ninguém tinha feito nada para os separar. Havia quem zombasse com uma espécie de prazer sádico, mas a maior parte apreciava a cena sem se mexer. Os olhos deles – selvagens e desesperados – exprimiam algo que não se consegue definir facilmente. Sabem que amanhã regressarão ao inferno da frente. A tensão é tal que, em vez de comerem a ração da noite, se alimentam com sonhos de fuga. Muitos atolam-se na bebida que compram na taberna da aldeia. Cambaleiam e gritam antes de começarem a partir garrafas. Qualquer disputa os faz afiar as garras. Uns insultam-se: uma injúria arrasta outra até ficarem demasiado trôpegos para esmurrarem com acerto o adversário. Outros quedam-se numa bebedeira mais sossegada, protegendo-se de tudo o que os espera. Ainda que só consigam balbuciar, o medo não lhes abandona a voz quando deitam cá para fora palavras incompreensíveis.

O instrumento disciplinar de que disponho, nomeadamente a ordem de prisão, é, nestas circunstâncias, inútil. Quando os praças se armam em desordeiros, agarram-se à esperança de que eu exerça o meu poder e os

mande para a cadeia. Se tomasse essa decisão, ficaria, porém, sem homens para combaterem. Rapidamente, os bêbados passam do riso ao choro ou dos gritos ao silêncio. Peço auxílio aos mais sóbrios para carregarem para os celeiros os companheiros alcoolizados. Precisam de um abrigo para não morrerem enregelados no meio da neve. Aqui, só depositamos cadáveres debaixo da terra, na planície gelada, depois de estarem cobertos de sangue.

Todas as nacionalidades trazem para o exército as suas características particulares. No caso dos militares portugueses, a ronha aguça-lhes o engenho. Inventam mil pretextos – doenças, ferimentos que infligem a si próprios com facas, intoxicações por beberem petróleo – para não regressarem à frente de batalha. Não os consigo convencer de que os destinos da Europa são de enorme importância para a nossa pátria. Tento explicar-lhes que, para nós, tudo terá começado com os alemães a tentarem deitar a mão aos nossos territórios em África. Não tenho obrigação nenhuma de os persuadir, mas parece-me que uma morte sem sentido é ainda pior do que a morte sustentada pela crença no dever patriótico. Duvido, mesmo assim, da minha própria pedagogia. Eles bem sabem que os políticos, cujas decisões nos empurram para o massacre, revelam grande indiferença pelo nosso destino. Embora os seus cérebros tenham sido adestrados para a submissão, os soldados têm consciência de que nesta guerra não há glória, apenas castigo.

No estado em que se encontram, escutam continuamente ecos de bombas e vêem os fantasmas dos companheiros mortos. Podia falar da cabeça dos meus homens como de um espaço semelhante à terra de ninguém entre as trincheiras. Mesmo que sobrevivam e regressem a Portugal incólumes, não vão sair facilmente deste inferno, de tal forma a guerra está instalada nas suas mentes. O que aqui viveram irá persistir durante muitos anos dentro deles.

Os nossos oficiais duvidam, e com razão, da consistência das orientações que recebem. Pressentem que não há ninguém que consiga ter uma visão geral das investidas, um planeamento organizado e decisivo para o ataque às trincheiras inimigas. Nem o Estado-Maior dos ingleses, a quem foi atribuído o comando supremo do Corpo Expedicionário Português, sabe o que há-de fazer. Infelizmente, esta suspeita aproxima-se demasiado da realidade. O mais grave é que a desorientação dos ingleses faz alterar

constantemente o curso das minhas ordens, retirando-me credibilidade junto dos meus homens.

Mesmo quando pernoitamos na retaguarda, a situação mantém-se tensa. Os soldados ocupam o tédio das depressões com quezilentos jogos de cartas. Ainda que com boa mão, a maior parte das vezes deitam o jogo abaixo, desinteressados do seu desfecho. A comida é outro problema. Nunca tive preconceitos alimentares e sou pouco exigente com o que como. Porém, a maior parte das tropas portuguesas tem muita dificuldade em aceitar as rações dos ingleses. Acostumados a bacalhau com batatas ou a um belo casqueiro com sardinhas, não suportam o *corn beef* britânico ou aquelas bolachas com doce de laranja. Na hora da refeição, espreitam a comida do vizinho para terem a certeza de que a ração é igual para todos.

O frio é também uma ameaça temível. Em Portugal, o Inverno faz apenas aparições mais ou menos breves, contudo, aqui instala-se por longos meses, interminável e sempre com temperaturas gélidas. A fúria do vento faz silvar os pulmões. A má qualidade e a fraca impermeabilidade dos nossos uniformes obrigam cada um dos homens a esforçar-se mais por conservar o calor do corpo do que para manter a coragem. A presença deste inimigo impessoal, quase abstracto, produz um desânimo indescritível e antecipa a derrota.

No dia de rendermos as tropas e regressarmos à frente, carrego quase sempre atrás de mim uma companhia desalinhada: militares de lábios gretados pelo frio e pelo álcool, remoendo cada um dos perigos que os espera. Com a ressaca, espezinham tanto as palavras na boca como a neve com os pés. Prosseguem a passo lento. Não se parecem em nada com um regimento orgulhoso, antes se assemelham aos destroços de um exército. Olham-se no fundo dos olhos durante o percurso, imaginando quantos daqueles que agora caminham a seu lado voltarão vivos à aldeia. O medo permanece isolado em cada uma das cabeças, no entanto, é impossível não ver que, quando se riem de uma piada estúpida, exprimem um riso duro, forçado, que não alivia a tensão.

A morte é uma amante obstinada, mas, ultimamente, os incidentes de guerra têm-nos causado baixas pouco significativas. O frio e os nevões anulam os planos do inimigo, forçando-nos a viver – tanto a nós como aos alemães – em corredores estreitos, escuros e labirínticos. Nas trincheiras, os homens andam sempre enregelados e sujos. Não há sujidade mais

impertinente do que a da lama que transforma a pele e os uniformes numa massa castanha e enrugada. Os soldados nunca levantam a cabeça nestas galerias sombrias, inclinam-na apenas, embrulhados em mantas encharcadas. O tamanho do mundo está assim reduzido aos túneis escavados nas entranhas da terra, nos quais mal se respira e cujas fronteiras são definidas por sacos de areia. A vida prossegue dentro destas tocas. Ninguém precisa que lhes digam quem são, nestas circunstâncias, os animais acossados.

Certos dias, o silêncio percorre toda a trincheira, só se ouvem os fios de água a escorrerem pelas paredes; noutros recorre-se a um excesso de palavras para exprimir um desejo tão banal como o de uma côdea de pão. As noivas ou as mulheres nunca andam longe das conversas, mesmo que a maior parte dos homens tenha ensinado a saudade a resistir às lágrimas. À noite, o peso dos seus corpos desaba sobre as tábuas ou sobre a lama escorregadia com a densidade de uma rocha, mas quase ninguém consegue dormir.

Como já referi, por estes dias tem havido poucos ataques dos alemães – aliás, a principal luta é com os parasitas e os ratos – mas isso não impede os homens de sentirem uma pressão contínua. Este estado de alerta permanente e a ausência de bombardeamentos faz muitas vezes com que as tropas se perguntem se não estarão já mortas.

Como os restantes soldados, esforço-me por preservar a vida. A minha mudança de atitude em relação ao suicídio é consequência de ter visto morrer o primeiro homem gaseado. Aconteceu um mês depois da minha chegada à Flandres. Tinha entrado nas trincheiras para mais uma rendição da companhia quando um maqueiro me chamou para que decidisse se merecia a pena transportar um dos feridos, se não era melhor acabar-lhe logo ali com a vida, pois não tinha salvação. O ataque com gás ocorrera havia pouco mais de uma hora. Como em muitos outros casos, ele não tivera tempo de pôr a máscara, operação sempre dificultada pelas golas direitas dos dólmanes dos nossos uniformes. Ao aproximar-me, senti um cheiro fétido a gás mostarda. O ferido esforçava-se por respirar e vomitava sangue. A pele estava coberta de queimaduras, mas a vontade de viver subsistia no seu rosto devastado. Os olhos, quase cegos, confiavam em que alguém viesse em seu auxílio. Ao mesmo tempo que ele suplicava e se debatia com as dores, faltou-me a coragem, ou pelo menos essa frieza

militar que tão necessária é, para lhe acabar com o sofrimento. Ordenei ao maqueiro que o levasse; porém, uns minutos depois de ser colocado na maca, já estava morto. Depois de um mês nas trincheiras já vira morrer outros soldados, mas só pensara neles de relance – nenhum se destacara, eram seres anónimos, perdidos nos confrontos da guerra. Aquele homem, contudo, deixou marca com a expressão desesperada do seu rosto. Foi então que senti toda a indiferença do mundo.

Protejo-me das balas e dos obuses como qualquer outro soldado. Aqui, o anjo da morte escolhe qualquer um. Sentimo-nos mais vivos quando o corpo está infestado de piolhos. Os parasitas são uma tortura, mas as suas picadas funcionam como uma forma de nos mantermos alerta. Tudo tão diferente do conforto de Lisboa e do meu espírito de outrora que, por causa das minhas inclinações amorosas, punha tantas vezes a hipótese de acabar com tudo. Houve uma época em que padeci da obsessão do suicídio por crer que era o único caminho possível para me libertar das tentações. Parecia-me o modo perfeito de pôr fim às minhas inclinações doentias. Não queria propriamente morrer, era antes como se ansiasse por uma cura.

Quando terminei o curso, fui colocado no quartel da Guarda Militar no Largo do Carmo. Atribuíram-me funções burocráticas e de organização logística. O País andava em polvorosa desde a instauração da República. Os governos sucediam-se, por todo o lado fervilhavam conspirações, multiplicavam-se as rivalidades e os embates entre as várias facções. As rebeliões militares repetiam-se nos quartéis. Nunca me envolvi nessas insurreições. Em vez de ler jornais e de me interessar pelas movimentações políticas, a minha atenção estava focada nas armas que me rodeavam. Tentavam-me as pistolas e os sabres. Por detrás de um punhal estava uma morte rápida e aí podia residir a solução para as minhas agonias.

As greves promovidas pelos sindicalistas e as repressões policiais, os discursos que os anarquistas faziam a cada esquina, as disputas entre os adeptos da República incitando e alvoroçando as multidões, já de si inquietas, não impediam a realização de bailes nos palacetes da gente rica. Enquanto jovem oficial solteiro com excelentes relações familiares com a elite lisboeta, chegavam-me diversos convites. Nem sempre os recusava. Às vezes, à entrada dos salões, sentia-me como um nadador inexperiente antes de mergulhar no mar. Sob as luzes dos recentes candeeiros eléctricos, nos salões brancos e dourados, pares dançavam, esvoaçantes como borboletas,

as músicas da moda. Todos os rostos pareciam iluminados. A carestia de vida e a falta de bens essenciais nunca atingiam aquela gente. Nas ruas, as armas troavam, a grosseria e a vulgaridade infectavam as línguas das pessoas, mas os brados desses miseráveis nunca chegavam àquele mundo.

Abandonava-me às tentações. O meu olhar fixava-se involuntariamente nos homens. Havia qualquer coisa que vibrava naqueles corpos masculinos, uma espécie de elegância, graciosidade e harmonia que me transmitia uma sensação de plenitude. Era impossível desligar-me daquelas figuras magníficas de casaca preta e colarinho engomado que dançavam diante dos meus olhos. Eram visões deliciosas que, logo de seguida, repelia com angústia, como se me fosse dado ver o infinitamente belo e o tivesse de conservar à distância. Contudo, na minha imaginação, tomava o gosto aos prazeres voluptuosos que talvez tivesse oportunidade de gozar se não fosse dever de um militar reprimi-los.

Voltava para o meu quarto muito tarde. Os meus pensamentos desenvolviam-se na penumbra até o fogo arrefecer na lareira. Lisboa inteira já dormia, enquanto eu recordava como sentira um arrepio de excitação perante este ou aquele cavalheiro. Lembrava-me da forma como dançavam e tentava imaginar motivos que os fizessem mover-se na minha direcção. De seguida, recuava, horrorizado. Em vez de me tentar libertar pela força da renúncia e da fé, consolava-me a ideia do suicídio como um sedativo acalma um homem atormentado pela insónia. De pé, dava voltas e mais voltas, abria a janela, suportando a nortada gélida que soprava das profundezas da noite. Eu vinha de um mundo onde se tocavam melodias suaves e no qual as pessoas pareciam deslizar, perfeitamente ajustadas à sua vida. Essa sociedade representava uma armadilha, por me oferecer constantemente a possibilidade de ceder às tentações que então considerava doentias. Poderia até encontrar um espírito mais sensível que fosse capaz de captar os sinais que involuntariamente transmitia. São imprevisíveis as circunstâncias em que um homem desvenda a sua verdadeira natureza.

Pensei muitas vezes na morte como um refúgio de homem livre. Mas foi por essa altura que conheci a Ana Matilde e acreditei que o amor poderia seguir-se a esse encontro. A minha mãe tornara-se amiga da sua, ambas faziam parte de um grupo de senhoras caridosas que distribuíam bens aos mais necessitados. Um dia, os meus pais e eu fomos convidados para jantar em sua casa. A família da Ana Matilde era rica, como sabes, pertencia a um

meio prestigiado. O pai, um advogado reputado, era daqueles homens que parecem estar a ajudar os clientes, mas na realidade conseguem sempre extrair vantagens das situações mais adversas. Viera da pequena burguesia e subira a pulso. No dia em que o conheci, lançou-me um olhar desafiador que poucos seriam capazes de aguentar. Procurei manter-me à altura e, com um ar afável e respeitoso, apertei-lhe a mão.

Sabia que de nada valiam os meus protestos face à determinação da minha mãe em me casar. Nenhum pretexto lhe pareceu válido para me escapar desse jantar. Afirmou simplesmente que não merecia a pena inventar desculpas. No dia marcado, embora de má vontade, lá compareci em casa da Ana Matilde. Não há nada de censurável em participar num evento social e aparecer na casa dos anfitriões de semblante sorumbático. À entrada, passei em revista o luxo das divisões e as pessoas presentes. Era um ambiente selecto e artificial, repleto de vaidade, com nostalgia dos tempos da monarquia e profundamente ambicioso, um mundo onde só alguns privilegiados tinham entrada. Quando fomos apresentados, a Ana Matilde aparentava também um ar melancólico, mas não descurava a cortesia própria de uma anfitriã.

Colocaram-nos frente a frente durante o jantar. Como tudo foi diabolicamente arquitectado! A disposição dos lugares fora estudada para nos aproximarmos, uma subtil conspiração de mãos. Seria indelicado da minha parte manter-me calado. Aliás, era fácil conversar com a Ana Matilde. Ela conseguia divertir-me. Falava sem parar, eu quase nem tinha de responder. Era extraordinária a maneira como as suas palavras criavam cumplicidades, como se apenas nós existíssemos e as restantes pessoas fossem figuras loucas e excessivas numa espécie de cenário.

No final da refeição, os criados abriram a porta da sala de jantar e os convidados transitaram para um salão onde alguém tocava ao piano uma música doce. Era uma daquelas melodias que tornam a vida mais agradável. A Ana Matilde convidou-me a segui-la e eu permiti-me ser arrastado. Outros pares rodopiavam já na sala. Abandonámo-nos ao fluxo da música de modo lento e hesitante. O meu corpo permanecia rígido, mas o dela ondulava à minha volta em movimentos suaves. A sua echarpe agitava-se como as asas de uma ave prestes a deixar o Inverno. O seu ritmo manteve-nos unidos – ela seguia a cadência da melodia sem se perder nos passos.

Como se cedesse a um estranho jogo, deixei-me conduzir por aquela rapariga que secretamente traçava círculos amorosos em meu redor.

A música acabou e sentámo-nos lado a lado num canapé. Nada do que fora dito durante o jantar me aproximava do papel de namorado, mas pressentia nas atitudes da Ana Matilde a ambição de um futuro ao meu lado. Não era tanto o que dizia, mas a forma como ajeitava os cabelos, a maneira como usava a boca pequena e os olhos grandes para compor uma figura de mulher amada, recriando as personagens dos livros românticos que lera na adolescência. Embora tivesse consciência de que nada na conversa nos comprometia, para minha própria surpresa, senti-me vencido por um sentimento de doçura. O embaraço que sempre me atormentava quando me aproximava de mulheres aquietava-se junto da Ana Matilde, que parecia conseguir que os meus fantasmas se desvanecessem.

Com o tempo, esse bem-estar fez-me aceitar a ideia de um casamento e levar-me a admitir que a vida pode muito bem ser ficcionada. Não sentia amor pela Ana Matilde, mas a possibilidade de me casar tranquilizava-me, fazia-me sentir num reconfortante casulo. A minha mulher sabia criar serenidade, sossegar as loucuras do meu cérebro, e o casamento apareceu-me como uma cura para as minhas inclinações doentias. Estava decidido: o meu desejo por homens era uma heresia, uma transgressão das leis não escritas da espécie humana, e só Ana Matilde poderia salvar-me.

Tudo se tornou, afinal, muito simples. A minha mãe também ajudou, multiplicando os elogios para que eu admirasse a Ana Matilde. A fórmula não era nova, mas as suas frases apaziguavam as minhas dúvidas. Escutava as palavras da minha mãe com uma urgência que desconhecia. Era como se o que ela dizia contivesse uma solução e me fizesse acreditar num amor imprevisível. Não havia um só dia em que a minha mãe não me descrevesse as virtudes da rapariga, muitas vezes exagerando-as: a sua inteligência, a sua dedicação às pessoas, a sua elegante figura. Como se a Ana Matilde não possuísse defeitos, por pequenos que fossem.

Habituei-me a dar longos passeios cúmplices com a minha suposta namorada nos dias de licença. No jardim da Estrela ou no miradouro da Graça, falávamos quase sempre de coisas banais. A imaginação de Ana Matilde era viva: adorava observar as pessoas – quanto mais bizarras melhor – e construir enredos à sua volta; por puro prazer, inventava depois desfechos extravagantes que me faziam rir a maior parte das vezes.

Prendi-me à Ana Matilde – essa será talvez a forma mais adequada de descrever o que sentia por ela. E, cedendo às pressões da minha mãe, envolvi-me numa fantasia de tranquilidade ao seu lado. A minha maneira de conceber o casamento não se distinguia das minhas ilusões sobre a felicidade, via no matrimónio uma derrota que havia, porém, de ser doce. Tudo me empurrava, pois, para a aventura de um noivado. Enganava-me, no entanto, a mim próprio: estava consciente dos riscos de uma ligação séria com uma mulher, mas, no fundo, não queria dar-lhes excessiva importância, como tantos outros seres humanos que vêem o perigo mas acham que é possível ignorá-lo. O desejo de escapar à minha diferença e de acabar com tudo o que em mim parecia impuro fazia-me imaginar uma vida amena e agradável tendo a Ana Matilde como esposa. Nem precisava de mentir quando ela me questionava sobre antigas namoradas: rearranjava os factos, fazendo sobressair uma versão evasiva em que ela aparecia como a única mulher da minha vida.

Tive realmente esperança de que tudo se tornasse diferente ao seu lado. Dormia o sono dos justos, deixei de andar às voltas na cama entre um pesadelo e outro. A verdade é que, à força de me fixar na obsessão da cura, acreditava nas possibilidades de uma vida plena ao lado de uma mulher, associando os meus sentimentos pela Ana Matilde e a sua beleza a uma convivência mais ou menos casta que me livrasse das minhas inclinações. Fiz-lhe o pedido de casamento na praia do Tamariz numa tarde primaveril. Tinha sido convidado pelos pais dela para uma visita à casa do Estoril. Depois do almoço, saímos para um passeio na praia. Não se via vivalma no areal e nada se ouvia à excepção do alvoroço das gaivotas. As aves passeavam perto de nós e dir-se-ia terem adivinhado a seriedade das minhas palavras porque, de repente, se calaram. A Ana Matilde sentara-se numa rocha. Com o pescoço fino e alongado, o rosto sereno e o corpo esguio, era uma figura quase mais idealizada do que real.

Ao vê-la assim, com os olhos fixos na ondulação, uma espécie de fervor religioso tomou conta de mim. Acreditei mais do que nunca que as qualidades dela podiam libertar-me dos meus vícios de carácter. Observei o mar com as suas ondas de espuma branca, abrindo sulcos na areia. Não era apenas uma paisagem, mas uma visão da persistência de que a natureza é capaz. Tinha de imitar essa tenacidade e, assim, não iria meramente pedir a mão da Ana Matilde, ia suplicar-lhe que tomasse conta da minha vida.

Como um doente que, à espera de ver mais claro, distingue manchas de luz nas sombras da noite, decidi avançar com o pedido de casamento. Subitamente, o silêncio aprofundou-se e até as gaivotas se afastaram. Nos segundos que antecederam a pergunta, as ondas desfizeram-se no areal numa vibração surda e ouvi uma voz subterrânea dizer-me: «Oxalá ela não aceite.» Os meus pensamentos, claro, transbordavam de incertezas, principalmente sobre a forma como deveria proceder com uma mulher numa circunstância daquelas, se devia dar-lhe a mão ou beijá-la; mesmo assim, acabei por enunciar o pedido. As palavras saíram cautelosas e a minha voz foi abafada pelo ruído do mar. Contudo, a resposta da Ana Matilde foi imediata e afirmativa. Então, com forças vindas sei lá de onde, rodeei-lhe os ombros com o braço e beijei-a ao de leve na boca. Logo depois, porém, compreendi que o que não passara de um gesto simulado poderia ser interpretado por ela como amor.

Tinha plena consciência de que existia um defeito no meu espírito, de que subsistia nos meus instintos uma aberração que não podia ser ignorada. Ela, porém, desconhecia-o. A sua inteligência e perspicácia estavam, por enquanto, protegidas por uma assombrosa ingenuidade que de algum modo me era favorável. A Ana Matilde aspirava a deixar-se envolver numa neblina romântica e nada a faria ver para além dessa névoa de felicidade. Confesso que os meus olhos se encheram de lágrimas perante a sua inocência. Os tons da tarde esmoreceram entretanto e os matizes do mar começaram a vacilar entre o azul e o cinzento. Com a luminosidade do dia a decair, via claramente as coisas como eram. O pedido de casamento fora aceite e, a partir desse momento, se me afundasse, arrastaria comigo a Ana Matilde.

No caminho de regresso a casa, conversámos sobre coisas insignificantes relativas aos pais dela. Como sempre, a Ana Matilde falava espontaneamente, pois tudo nela parecia pronto para a intimidade, mais ainda agora, que eu era o seu futuro marido. Por um momento, aquela cumplicidade pareceu-me aterradora, uma consequência inesperada do noivado. Antecipei o tédio daquelas conversas de casais em que as mulheres fazem muitos rodeios e usam demasiadas palavras para exprimir um simples desejo. Afastei essa ideia da mente e tomei-lhe o braço, mas não havia no meu gesto qualquer intenção amorosa. Seria que ela não o percebia?

Agora a Ana Matilde era a minha futura mulher e tudo adquiria para mim um sentido novo. Teria de me interessar pela sua família, que passaria a ser também a minha, envolver-me nos seus desaires ou alegrar-me com os seus sucessos. Partilharia com eles os imponderáveis da vida. Casando-me, consagrar-me-ia a uma vida banal que bastava a quase toda a gente e eu acreditava que também a mim haveria de bastar. Mesmo com o céu a encher-se subitamente de nuvens carregadas mergulhava, pelo menos, nessa ilusão. O mar ficara de repente cinzento. Algo no ar desse fim de tarde pressagiava qualquer coisa de soturno.

Infelizmente, toda a esperança que alimentei rompeu-se no próprio dia do casamento. Estávamos noivos apenas há três meses quando nos casámos, e talvez tivesse sido pouco tempo para eu me preparar. Quando travaste conhecimento comigo, todas as minhas frágeis construções foram ameaçadas. Percebeste no primeiro momento que eu fingia ser quem não era e que vivia dominado por outros desejos.

A festa teve lugar no Estoril. Foi num desses dias de Verão abafadiços e sufocantes, estilhaçados por uma luz ofuscante em que tudo tremeluzia. Sentia-me à beira de asfixiar no meu fraque de noivo. Nada era real, ou talvez fosse, mas tudo parecia falso: as bandejas com bebidas transportadas pelos criados, os cumprimentos dos familiares, o sim que acabara de proferir na igreja. Fomos apresentados pouco antes da cerimónia religiosa pelo pai da Ana Matilde – tu e a Mariana Amélia eram os padrinhos de casamento, mas até ao momento eu só conhecia a tua mulher porque estavas sempre demasiado ocupado com os negócios. Depois, ao longo do dia, na festa do copo-de-água, os nossos olhos encontraram-se e afastaram-se por diversas vezes. Ao cruzarem-se, tentava não deixar transparecer o que era, mas o meu verdadeiro eu estava cada vez mais longe do meu eu fictício, que cumprimentava com artificiosa naturalidade os convidados.

Naquela tarde interminável, houve palavras, palavras e mais palavras, discursos que eram como bichos com longas caudas brindando à felicidade dos noivos. Tanto eu como a Ana Matilde nos vimos na obrigação de agradecer a uma multidão de amigos, repetindo até à exaustão expressões de cortesia que, por fim, já nada significavam. Naturalmente, cortei o bolo com a minha mulher e, como é da tradição, abrimos o baile perante uma assistência empolgada. Com o cair da tarde, as sombras começaram a abater-se sobre o jardim e levantou-se um vento fresco. A Ana Matilde

desdobrava-se em danças com os primos e, ao vê-la rodopiar de uma varanda da casa, algo em mim começou a desmoronar-se. Por coincidência, foi nesse momento que vieste ter comigo e me ofereceste uma bebida. Tinhas o género de beleza masculina que sugere imediatamente carícias. Não me senti logo assaltado pela explosão silenciosa que o amor costuma detonar no peito supostamente insensível de um homem. Mas esse instante ficou preso em mim como uma recordação erótica.

Recordo vagamente que contei algumas graças sobre as manias do meu sogro em tribunal. Eu conseguia ser realmente engraçado, mas precisava de alguém como tu para exercitar o lado cómico. Riste às gargalhadas. Perto de ti, senti-me um homem mais interessante; mas, ao mesmo tempo, fizeste com que receasse de repente a personagem que criara, o marido de Ana Matilde que agora era.

Fui forçado a terminar a conversa contigo precipitadamente. Uma procissão de convidados clamava pela presença dos noivos pois estava na hora de Ana Matilde e eu partimos para o Hotel Palácio, onde tínhamos um quarto reservado. Ao afastar-me, reconheci a importância daquele instante contigo. Os meus ouvidos não suportavam mais aquele coro de felicitações. O carro do meu sogro esperava-nos à porta de casa. Gente e mais gente acenava. A viagem foi curta e eu sentia bruscamente o coração a agitar-se, a rasgar-me o peito com uma espada de dois gumes, ao ver o rosto da Ana Matilde transbordando de felicidade. Adorava a magnífica luz daqueles olhos, mas estava apavorado por saber que podia vir a apagar esse brilho. Tomei-lhe ambas as mãos nas minhas e beijei-as.

À entrada do hotel, os criados receberam as bagagens e o director subiu connosco para nos mostrar o aposento especialmente preparado para os recém-casados. Era um quarto amplo, cheio de flores, com uma cama enorme, quase indecente na alvura dos lençóis. Depois, ficámos sozinhos.

Casara-me para ter uma vida banal, mas até àquele momento recusara antecipar a noite de núpcias. Não sei exprimir a sensação de estar ali, em frente daquela mulher linda que pretendia ser abraçada com amor. Estava muito nervoso. Os meus temores pareciam ecoar nas paredes do quarto e a própria luz dos candeeiros vacilava. Falava muito depressa e andava de um lado para o outro. Hesitava ainda, nenhum dos objectos parecia estar no lugar certo e eu estava certamente deslocado. Sentia-me cercado e sabia que era tarde demais para voltar atrás.

A Ana Matilde, entretanto, desapareceu e regressou com uma elegante camisa de dormir. Os seus seios, sob o efeito da seda, apresentavam uma curva perfeita. A sua boca vermelha seria tudo o que um homem sonharia beijar. Mas como unir aquela deslumbrante figura à minha apetência sexual? O desejo que aquele belo corpo me despertava era frio como metal.

Em silêncio, ela deitou-se na cama sobre o lençol de cambraia e o seu corpo pareceu chamar-me. Adivinhava-se no seu comportamento uma estranha mistura de segurança e timidez. Desejava que, ao tocá-la, ao experimentar o brilho da sua pele entre os meus dedos, o meu corpo se tornasse tão fluido que fosse possível deixá-la em êxtase. A Ana Matilde não merecia que a corrente da paixão fosse interrompida.

Servi-me de uma bebida, como se merecêssemos celebrar juntos o passo que acabávamos de dar. Tudo servia para tentar disfarçar a minha agitação. Da janela do quarto via-se o mar e, para lá dele, haveria certamente outros homens hesitantes à beira de um leito onde uma jovem mulher se ia entregar pela primeira vez. Mas eu só pensava em sair dali e desaparecer, ir para algum lugar onde simplesmente ninguém me conhecesse.

Não se pode ir contra os sentimentos, eles estão lá e escapam a qualquer controlo. Apesar disso, acabei por deitar-me a seu lado. Ela esperava-me e esperava as minhas carícias, mas eu não sabia como ultrapassar aquele entorpecimento. Beije-a com doçura várias vezes. Os lábios de Ana Matilde estavam macios e molhados, sentia o gosto da sua respiração premente, mas o meu corpo não reagia. Seguiram-se uma série de movimentos confusos que, no meio da minha falta de jeito, nem eu próprio era capaz de distinguir. Tentei penetrá-la, porém as forças abandonaram-me antes de alcançar o objectivo e caí transtornado a seu lado, uma massa de suor e remorso, talvez repugnante.

Precisei de me apoiar no rebordo da cama para não cair no vazio. Sentia-me a voar dentro da lentidão confusa de um sonho. No meu íntimo, sabia bem que deixá-la seria o único comportamento razoável, mas os meus medos não queriam ouvir a razão, tinham os seus motivos para me manter no quarto.

Não encontrava palavras que aliviassem o que acontecera. Esperava sentir o desdém de Ana Matilde a envolver-me, o seu choro a revelar sem piedade o desastre. Mas a minha mulher era virgem e inexperiente e, por isso, o seu rosto mostrou apenas um vago desapontamento. Aconchegou-me a cabeça

ao seu peito, como se pressentisse que eu precisava de ser consolado, mas adormeceu primeiro. Não sei dizer por que razão fiquei desiludido por vê-la dormir um sono tão perfeito. O céu negro que observara da janela espelhava a noite que existia dentro de mim.

Não há nada de definitivo nos seres humanos. Com esforço e uma vontade férrea, o que não aconteceu naquela altura sucedeu mais tarde, mas repetiu-se raramente e sem proveito para nenhum dos dois. Consumar o casamento preservava-me do vexame, mas não fazia ninguém feliz. Ana Matilde era uma romântica. Esperara que o amor fosse capaz de desencadear todo o tipo de emoções, atear fogueiras e fogos-de-artifício, fazer jorrar repuxos, fontes e sei lá que mais. Nada decorreu como sonhara. O nosso casamento foi casto a maior parte do tempo.

O sofrimento que provocamos é sempre o último de que nos apercebemos. Via-a muitas vezes de manhã com os olhos vermelhos, mas só mais tarde me apercebi de que aquela dor era causada por mim. Quando pressentia o seu desalento, refugiava-me na impassibilidade do silêncio. Sei, mesmo assim, que essas noites vazias lhe retiraram algum do esplendor que as mulheres adquirem quando são contempladas pelos olhos de um grande amor.

Alugáramos um apartamento nas Avenidas Novas. Como a casa era grande, consegui convencer a Ana Matilde de que cada um poderia ter os seus próprios aposentos. Na realidade, era um alívio não adormecer a seu lado, não sentir o cheiro do seu corpo junto ao meu, não saber que os seus olhos perscrutadores me procuravam insistentemente. Apesar da sua decepção, os seus comportamentos eram encantadores e cativantes como sempre e em nada as suas atitudes diferiam das do tempo de namoro. Durante o dia, a Ana Matilde era travessa, alegre, criativa, continuava a apreciar a minha companhia e ríamo-nos juntos, o que parecia comprovar a nossa cumplicidade. Não se queixava do jejum daquele casamento, como se acreditasse que no tempo certo aconteceria um milagre e eu seria, enfim, o marido com que sonhara. A sua melancolia era suavizada também por longos passeios na companhia da Mariana Amélia, em que as duas se entretinham a ver montras cheias de jóias caras ou a folhear revistas com modelos luxuosos de Paris num desses cafés da Baixa exclusivo para senhoras.

A Ana Matilde parecia, no fundo, aceitar aquela existência de pequenas alegrias e grandes reveses na esperança de que os nossos desencontros sexuais fossem temporários e tudo se recompusesse quando nascesse um filho. Tenho a certeza de que imaginou frequentemente a gravidez como uma espécie de salvação e era para ela que mantinha a frescura que me havia encantado. Eu via mais longe. Não tinha ilusões de que, com o passar do tempo, o desdém, a tristeza, as palavras mesquinhas e, porventura, até o ódio avançariam sobre nós como vermes destruindo um jardim. Tudo rebentaria um dia, depois de anos e anos de silêncio contornando os ressentimentos.

Quando frequentávamos bailes ou outras festas, não deixava de reconhecer como a minha mulher se apresentava sempre esplendorosa. Dançava com exuberância, comigo e também com outros cavalheiros. Os passos de dança faziam brilhar a sua figura e rodeavam-lhe o rosto com um halo em que os olhos pareciam faiscar. Eu observava-a de longe, como quem avista um incêndio no horizonte. A sua fogosidade ao dançar inflamava a minha imaginação. Tinha fantasias com a Ana Matilde nos braços de outro homem. Por absurdo que pareça, exigia a sua fidelidade. A intensidade de uma existência individual, separada da minha, começaria no dia em ela se apaixonasse por alguém. Essa ideia incomodava-me, mas não passava de um delírio que, por enquanto, não tinha a menor sustentação. Estava, no entanto, consciente de que a frustração podia crescer, sombras escuras e alongadas a lembrarem ciprestes derrubados abatiam-se sobre o nosso casamento. Confrontado com os meus próprios dilemas, não ignorava as consequências da tragédia em que se transformara a nossa vida, mas precisava da Ana Matilde para não fugir dos limites que me impusera.

Era, mesmo assim, dominado por estranhas sensações sempre que me encontrava na tua presença. Evitava fitar-te, olhava em volta, de forma nervosa e aparentemente distraída. A Ana Matilde e a Mariana Amélia reparavam no meu ar ausente e na inconsistência súbita das minhas frases. Tu não o demonstravas abertamente, mas também notavas que, perto de ti, eu não era a mesma pessoa. Não me recordo de nenhum momento em que mo tenhas dito expressamente, mas da tua parte surgiam ínfimos sinais que demonstravam como gostarias de partilhar comigo um segredo que fosse só nosso. Creio ter escrito numa outra carta que nos esforçámos por contrariar a mútua atracção, mas hoje já não sei bem se foi assim.

A amizade das nossas mulheres proporcionava-nos todo o género de pretextos para nos vermos. Nas tardes de sábado, costumávamos encontrar-nos como se fôssemos uma família alargada. Não sei se te recordas da primeira vez em que os quatro tomámos chá no nosso novo apartamento. A certa altura, quando a Ana Matilde saiu da sala com a Mariana Amélia para lhe mostrar o resto da casa, afirmaste que tinhas andado a ler Byron. Tiraste o livro do bolso e deste-mo. Ao folheá-lo, apercebi-me de que havias sublinhado as passagens que exaltavam sentimentos semelhantes aos meus. Segui atentamente a curva das frases e deixei-me ir aonde quer que elas me levassem. Os meus olhos encontravam constantemente versos sublinhados que exprimiam uma impetuosidade apaixonada. Senti calafrios quando compreendi que me desejavas. Ao deparar-me com alguém que não parecia ter medo de ser o que era, esqueci-me da chávena nas mãos e o chá quente derramou-se sobre as minhas calças. Tu tiraste o lenço do bolso e, numa atitude que não tinha nada de byroniano, passaste-mo para a mão. Eu ainda me limpava quando a tua mão deslizou ao longo da minha coxa, num gesto íntimo. Fiquei confuso com esse momento de sedução, mas creio, ainda assim, ter interpretado correctamente o pequeno sinal que me fizeste para que não te devolvesse o lenço, para que o guardasse como uma recordação tua. Um resto de prudência desfez-se quando me sorriste.

Nessa noite, ao deitar-me, revi o que acontecera como uma espécie de recaída, um momento em que os meus instintos doentios haviam entrado em roda livre, paralisando todas as forças sãs. E, mesmo ciente de que esses desejos se opunham ao código de conduta de um militar honrado, não resisti, agarrei no lenço e adormeci com o odor do teu perfume no nariz.

Durante o dia, no meu posto do Quartel do Carmo, enquanto trabalhava, o meu pensamento escapava-se constantemente para qualquer coisa que começara entre nós. O desejo e a angústia fundiam-se. Os meus devaneios tomavam a grandeza de um sonho e o temor de um pesadelo. A minha impressão era a de que não me tinha salvo por um triz e tu vieras tirar-me justamente do caminho da redenção. Tinha razão, claro: um mês mais tarde tornámo-nos amantes.

Mesmo não amando a Ana Matilde, sempre tive por ela uma grande afeição. Sentia a consciência tão pesada que procurava mais do que nunca convencê-la com gestos carinhosos da solidez do nosso amor. Ao tentar persuadi-la, era como se me convencesse a mim próprio. Mais do que

nunca, transformara-me em alguém que desistira da verdade, consolando-me com a suposição de que seriam mesmo muito poucas as pessoas que viviam de acordo com os seus sentimentos e convicções. Os homens e as mulheres servem-se tantas vezes das palavras para exprimir coisas que, no essencial, são mentiras.

A minha relação contigo durou dois anos, sofrendo o desgaste da clandestinidade. O cansaço crescia com o medo da censura e do insulto. A desordem era ainda maior porque eram evidentes os meus ciúmes da Mariana Amélia. Para mim, o teu casamento era estranho. Reprovava o teu desprendimento e a facilidade com que te envolvias em relações carnavais com a tua mulher quando dizias que era o meu corpo que desejavas. Respondias, encolhendo os ombros, que o que te animava nessas noites de sexo estava relacionado com a sobrevivência. Gerias um negócio e um casamento como se tudo fizesse parte do mesmo jogo.

Não era raro que depois de fazermos amor me sentisse doente por trair a Ana Matilde. Regressava a casa em passo lento, uma lentidão marcada por um arrependimento indizível. Tinha a consciência pesada, mas ao mesmo tempo uma tristeza enorme por te deixar. Via os prédios e imaginava-os habitados por famílias felizes, tão diferentes daquela que eu construía. No meu caso, a felicidade era um lugar de que não era lícito aproximar-me. Por outro lado, toda a situação me parecia tremendamente injusta para a minha mulher. Além disso, passara a detestar a sua amizade com a Mariana Amélia. Obviamente, não me atrevia a dizer nada, a contrariar uma intimidade de anos. Mas apavorava-me a ideia de que a Ana Matilde lhe desvendasse pormenores do nosso casamento, em particular os meus fracassos sexuais. Desde a infância que as duas partilhavam segredos e, apesar de os costumes não consentirem às mulheres confidências sobre o que se passava na cama, a Ana Matilde, com a sua sensualidade reprimida, poderia confessar à amiga alguma coisa sobre os nossos reveses. Odiava mais ainda a possibilidade de a Mariana Amélia – nunca esquecendo que era a tua mulher – ter conhecimento desses segredos íntimos e das cartas que a Ana Matilde se deleitava a escrever para mim em papel de fundo rosa, cheias de alusões amorosas a que não me sentia capaz de corresponder.

Não amava a Ana Matilde, mas estava em dívida com ela. Algo que tinha a ver com remorsos e escrúpulos impediam-me de a abandonar. Mesmo a esta distância, minto com a maior naturalidade. Em parte, a minha vida

dependia dela, precisava de manter o casamento para não andar de novo à deriva e à mercê das línguas venenosas. No meu caso, nada seria tão verdadeiro como a calúnia. Encontrara nela a mulher ideal para me apresentar à sociedade e fingir o que não era. Ao ir a qualquer lado de braço dado com a Ana Matilde, deixava de ser um alvo de maledicência. Qualquer um, ao ver-me acompanhado por aquela mulher lindíssima, arfaria de inveja. Assim, não estava sujeito a suspeitas ridículas. Amparava-me nela como um inválido. Porém, tu eras a minha vida. Só contigo encontrei aquela forma de fazer amor em que os corpos se penetram, atingindo uma escuridão em que não se ouve nada a não ser o rumor dos lençóis.

As condições eram, de resto, favoráveis. Podiam ter sido, claro, melhor aproveitadas, não fossem os meus temores. Eu tinha uma certa liberdade na organização do meu tempo, o que facilitava os nossos encontros. Era fácil mergulhar nas rotinas amorosas, situá-las entre os outros hábitos, atribuir-lhes uma ordem: eu trabalhava sobretudo de manhã e, à tarde, podia ajustar na perfeição os meus horários aos teus. Só à noite tinha de regressar para junto da Ana Matilde. Todo o tempo em que não estava contigo sentia-me um tigre enjaulado. Os meus guardas eram toda a sociedade. Certos dias, quando regressava a casa depois de um encontro contigo, temia a proximidade de Ana Matilde. Desejava que fosse possível rodar a chave na porta de casa e surgir na figura de um fantasma para que a minha mulher não me reconhecesse. Não é fácil, porém, desaparecer do próprio rosto.

Enquanto eu resplandecia, ela definhava. É verdade que continuava a adorar aquelas tardes de compras com a Mariana Amélia, se emocionava até às lágrimas quando íamos à ópera e dançava ainda com maior fulgor nas noites de baile. Nos salões, murmurava-se discretamente que aquela mulher era pura chama, incendiando os olhares de todos os cavalheiros. Contudo, os olhos que me fitavam à noite eram outros, uns olhos que esperavam por mim em vão no seu quarto. As expectativas da Ana Matilde geravam em mim uma tensão extrema, como se estivesse sob uma queda de água que, no entanto, me deixava seco, afastando-me dela.

Entre o meu espírito e o meu corpo, estavam o meu amor por ti e a infelicidade da Ana Matilde. Todos os dias, ao instalar-me diante da minha mulher para tomar o pequeno-almoço, sentia-me realmente ignóbil. Quantas vezes já vira a sua face com aquela imperceptível crispação pela manhã? As

acusações nunca se expunham abertamente, mas pairavam no ar, tornando-o carregado. O silêncio rebentava na sua boca. Os suspiros repetiam-se até à exaustão. Por vezes tentava suavizar o ambiente falando-lhe de coisas banais. Noutra época, a Ana Matilde forjaria histórias, recriando este ou aquele episódio com a sua imaginação. Mas agora mantinha-se calada, como se quisesse evitar que as palavras levassem a uma conversa desagradável. E a sua atitude acabava por me irritar porque, nesse silêncio, o seu olhar não desistia nunca de me solicitar. Quase lhe queria mal por não se resignar, por não aliviar a pressão sobre mim e acrescentar culpa à minha culpa.

O meu amor por ti era uma luz que se ensombrava a si própria. Fazia-te críticas injustas sobre a tua indiferença perante a possibilidade de alguém nos surpreender e denunciar. O mundo, avisava-te vezes sem conta, tinha o ouvido apurado. Tudo ganhava olhos à nossa volta quando estávamos juntos e raramente conseguia controlar a ansiedade que me dominava. Era tão penoso que voltei a pensar no suicídio como uma saída. Começava a sentir necessidade de fugir de ti. Mais uns meses e irromperiam no espírito da Ana Matilde suspeitas indefinidas que se tornariam certezas. Isso bastaria para ela me desprezar profundamente – e eu era capaz de vislumbrar o desdém e o ódio avançando na minha direcção, sussurrando sobre a minha cabeça. O escândalo não demoraria a romper em toda a cidade.

Tinha de partir, devia partir, precisava de partir, e a guerra deu-me um pretexto para o fazer. Quando informei a Ana Matilde de que teria de acompanhar o Corpo Expedicionário Português a França, medi cada uma das minhas palavras. Com essa fuga desejava tornar-me um fantasma, uma recordação, um sonho. Podia morrer e seria como se nunca tivesse existido esse homem que diariamente a desencantava.

Menti à minha mulher ao dizer-lhe que havia sido convocado, quando na verdade me oferecera como voluntário. Notei a aflicção nos seus olhos, mas uma certa esperança regressou ao seu rosto. A vida militar sempre fora vista como um símbolo de atitudes másculas. A guerra propicia epopeias heróicas e esse género de comportamentos sempre pertencera aos homens corajosos. Ainda que receando os perigos de um conflito armado, o seu amor por mim sairia preservado.

Decidi não te comunicar a minha ida para França, no entanto, terás sentido, da última vez que nos vimos, tratar-se de uma despedida. As palavras e os gestos foram, sem dúvida, consequências dessa percepção. De todos os nossos encontros, esse foi o mais perfeito. Lembro-me dos teus olhos brilhantes como nunca. Do gemido quando te vieste, do toque do teu abraço, do jacto de sémen. No fim, beijei-te os pés. Quando saí do teu escritório, o mundo inteiro podia ter desabado que já não tinha importância.

Recordo-me de que, depois desse encontro, ao andar nas ruas, observava as outras pessoas e via nelas uma distância e uma indiferença que me conciliavam com a minha vida. A multidão de rostos anónimos seguia curvada, tal como eu: éramos todos prisioneiros de atitudes aprendidas, reflexos de marcas sofridas na infância, seres obedientes a uma espécie de moda que todos tivéssemos de seguir. Talvez por isso nunca chegamos a ser plenamente adultos, firmes nas nossas escolhas.

Esforçava-me por consolar a minha mulher com a partida. Na última noite, dormi com a Ana Matilde na mesma cama. Esse sacrifício resultou da disciplina que impus ao meu corpo. Foi como se representássemos uma cena de teatro, como se procurássemos demonstrar algo face a visitas imaginárias, como se quiséssemos dar a entender que éramos um casal a sério, quando não o éramos e ambos o sabíamos. Não sei se lhe proporcionei prazer, mas toda ela parecia iluminada, exagerando os gritos e os gestos como se tivesse alcançado o êxtase. A intensidade do seu olhar comoveu-me. Parecia que eu a tinha tirado de uma vida medíocre e sem beleza para onde a exilara desde que nos casáramos. Enfim, devia-lhe isso, uma noite de despedida adornada por frases amorosas que a encantaram como se fosse uma criança a quem eu contava pela última vez uma história.

O meu navio zarpou de Alcântara sem atrasos. Não houve a habitual confusão no embarque das tropas que iam para França. No meio da guerra, perduraste em mim como uma ausência onde ocupas todo o espaço da saudade. Em qualquer outro amante que venha a ter, irei sempre procurar-te. Metido nos túneis das trincheiras, sobrevivendo ao frio e às balas, compreendi, enfim, como te amava. Esse amor – sei-o – também está vivo em ti; não te dá tréguas e espera-te algures, nem que seja no corpo de outro homem.

Teu

Rodrigo

França, 20 de Maio de 1918

Vou morrer num hospital de França. Oiço os médicos falarem com as enfermeiras, mas já só discutem o tempo que me resta. O que tem de acontecer sucederá em breve. Quaisquer decisões ou intenções nas actuais circunstâncias de nada adiantam. Tenho a noção de que houve na minha vida um excesso de frases inacabadas, por isso te escrevo uma última vez.

Observo as sombras que se vão formando e desfazendo na parede como quem contempla o passado. Ainda sinto necessidade de acrescentar palavras, de atingir uma nova compreensão do que foi tumultuoso, do que causou sofrimento. Dentro de pouco tempo, falarei contigo apenas como falam os mortos, lançando-me inesperadamente nas tuas recordações ou nos teus sonhos. Mas, por enquanto, as frases que vou inventando para te dizer envolvem-me, são uma espécie calmante que me alivia as dores.

Na ideia de morte, há apenas um medo vago. O meu corpo corromper-se-á e dissolver-se-á no vento, originando uma queda infinita de partículas. Não desejo a tua compaixão. Antes quero a raiva por ambos termos rejeitado a felicidade. Depois de te transmitirem a notícia da minha morte, vejo-te a segurar um copo de vinho com tanta força que se te estilhaçará nos dedos. Observarás o teu sangue a escorrer como se fosse o sangue de um inimigo a quem tivesses desferido um golpe fatal.

Também imagino a Ana Matilde no meu funeral. Vejo-a depois da cerimónia, em casa, contemplando com uma expressão enigmática uma fotografia do nosso casamento, olhos inocentes que parecem apenas

recordar os bons momentos. Não sei se a minha mulher aguentaria uma confissão sobre as minhas inclinações. Ficará viúva, mas talvez essa perda seja o melhor que lhe podia acontecer. A Ana Matilde nasceu para ser admirada por um homem que necessite da sua segurança, que aprecie uma mulher fiel e recatada, mas que ao mesmo tempo a ame apaixonadamente na cama e cujo estilo de vida se harmonize com os padrões burgueses; um homem que olhe para ela orgulhoso enquanto a vê passar pó-de-arroz no rosto, pintar de vermelho os lábios e traçar para as sobrancelhas um ângulo mais agudo do que o normal, antes de saírem os dois para a ópera. A minha morte dar-lhe-á a oportunidade de encontrar um amor que seja uma espécie de revelação.

No fim, todos acabamos por ficar sós. Enchi muitas páginas que te enviei. Palavras que passaram pela água e pelo fogo, mas que nunca te tocaram. Nunca obtive resposta a nenhuma das minhas cartas, excepto o curto e frio bilhete que me enviaste um dia. Um dos meus piores tormentos é imaginar os motivos por que me passaste a ignorar. Talvez o teu filho já tenha nascido e andes demasiado ocupado. Agora é tarde demais. Mas seria, ainda assim, contigo que gostaria de conversar uma última vez. O meu amor pertence-te, mesmo nesta altura em que o meu rosto começa a esconder-se atrás da máscara da morte. É bem possível que não te dissesse nada e apenas pedisse que te aproximasses da cama, de modo que os meus lábios deslizassem nos teus, num último beijo.

A pele, mas também os músculos, os nervos, os intestinos, os pulmões, tudo o que faz parte da engrenagem de um corpo e que até há uns dias apenas se manifestava no bulir inconsciente de uma máquina perfeita a funcionar, começa a entrar em colapso. Mal consigo respirar e, de cada vez que inspiro, sinto-me um supliciado a quem incendiaram os pulmões com um fósforo aceso.

À medida que o silêncio se abate sobre mim, deixo de existir para me retorcer neste corpo em sofrimento; os meus traços apagam-se e, em breve, tornar-se-á impossível distinguir-me de qualquer outro morto. Estes momentos derradeiros são para descartar o que é supérfluo, falso e acessório. Vejo o fundo, o coração e o abismo. Vejo as mentiras e os esforços tremendos que fiz para ser aceite na sociedade e como tudo isso desapareceu. Devo dizer-te que é estranho começar a observar as coisas do lado de fora, deixando de aderir à realidade. Enquanto se paira nesta

atmosfera brumosa, tornamo-nos estranhamente conscientes daquilo que é belo e feio nas nossas vidas. É certo que é preciso rir e chorar, mas mais necessário é afastar toda a fuligem que escurece os sentimentos autênticos e genuínos.

Escrevo-te, pois, uma última vez. Uma enfermeira de traços juvenis tem passado pela minha cama, aconselhando-me a descansar. Embora consumido pelas dores, quero enviar-te esta carta, com o teu nome e direcção escritos em lentas e esforçadas letras, cujo destino me interessa muito mais do que uns breves e inúteis momentos suplementares de existência.

No teu papel de testemunha, desejo também que tomes conhecimento do que realmente aconteceu na batalha de La Lys. É preciso que alguém defenda o exército português das acusações de cobardia que sobre ele recaem. Os vencidos nunca têm razão, tudo o que fizeram de digno é sempre desvalorizado. Ninguém faz justiça aos momentos de grandeza daqueles que acabam derrotados. Como não podia deixar de ser, a batalha de La Lys não foi excepção. Os rumores que os nossos aliados espalharam sobre os combatentes portugueses são ofensivos. Não estiveram lá, mas o seu desdém em relação ao nosso exército, em vez de iluminar os factos com a verdade, obscurece-os. Não honra os mortos nem faz justiça aos vivos.

Já antes o escrevi. A guerra pôs-me ao comando da 2.^a Divisão: militares de rosto grosseiro, receosos ou apáticos, homens sujos e pobres que, antes de virem para aqui, apenas serviriam para denegrir a reputação do País se tocassem em armas com as suas mãos imundas; seres humanos arrancados às suas vidas nos confins da província, que Portugal podia dispensar para serem abatidos como animais e cujo treino em Tancos para lidar com a guerra de trincheira foi escasso ou mesmo nulo. Soldados esfomeados, atormentados por febres e doenças, enterrados há meses nos túneis das trincheiras, onde diariamente viam enormes nuvens de obuses atravessarem o céu para aterrarem sobre os seus companheiros, tiveram de enfrentar o assalto de uma força alemã três vezes superior à nossa no dia 9 de Abril. Os meus homens já haviam aguentado tudo, num local onde nunca existia repouso, nem um estreito recanto onde pudessem esquecer-se das balas. Apesar disso, a maior parte tentou resistir ao inimigo. Com as mãos geladas e rígidas, descarregavam as metralhadoras contra as hordas invasoras, gostando de ver jorrar o sangue do inimigo, porque ainda não era o deles.

Conscientes da precariedade das suas posições, suspendiam os pensamentos e voltavam a carregar as armas com o espírito preso aos movimentos das mãos sobre os gatilhos.

A invasão das colunas alemãs durou quase três semanas e foi feroz. Até esse momento, talvez tivesse sido um oficial medíocre. As minhas qualidades de chefe militar só renderam plenamente nesses dias terríveis de resistência. Era responsável por uma centena de homens da minha companhia. O único elo verdadeiramente humano que ainda tinha nesses dias era com eles. No meio da violência, do fumo e da confusão, incentivei os soldados nas manobras de defesa e organizei a retirada. Não posso negar que, nos primeiros assaltos, muitos debandaram, desaparecendo nos campos de França. Outros sacrificaram-se com honra: porventura apanhados na armadilha da coragem, forçados pelo desespero das circunstâncias, permaneceram nos seus postos, acabando por morrer pela pátria; com alguma audácia, imprudente em si mesma, provaram ao inimigo que era perigoso ter desprezado o exército português. Infelizmente, o seu sacrifício foi em vão e os ingleses contribuíram para a derrota com ordens contraditórias. Ainda não se tinham enterrado os cadáveres dos soldados portugueses e já não se vislumbrava o recorte dos seus corpos nem a lembrança das suas vidas.

Posso dar-te como exemplo de bravura o caso do cabo Milhais que, obstinado na sua tenacidade, enfrentou sozinho com a sua *Luísa* – nome carinhoso que deu à metralhadora – uma coluna alemã, atrasando o seu avanço e permitindo que parte da companhia se refugiasse na retaguarda. Depois, sabe Deus como, fugiu por um emaranhado de pântanos, tendo sido encontrado são e salvo por um oficial escocês. Esse bravo combatente veio visitar-me aqui ao hospital. Ao ver-me tão debilitado, nos seus olhos cintilou a recordação da fina película de gelo que tivera de atravessar durante a fuga, onde se vira tantas vezes cercado pelos alemães. O rosto era encovado, de ossos marcados, mas o seu olhar vivo tentava puxar-me para a vida. Sei que reconhecia, no fundo dos meus olhos, o mesmo fantasma da morte que o perseguira durante a evasão. Agarrava-se com insistência à ideia do meu restabelecimento, recusando-se a admitir que eu já transpusera aquela linha para além da qual se deixa de temer o fim.

Os últimos dias da batalha, durante a retirada, decorreram numa atmosfera de pesadelo. Carregava o peso do mundo aos meus ombros,

dormia de pé como um animal exausto. Esse estado de cansaço deu origem ao acidente que me trouxe ao hospital. Embotado pela fadiga, atrasei-me a colocar a máscara durante um ataque de gás. Depois disso, registo apenas uma lacuna na memória, embora experimente o estranho sentimento de ter sido conduzido até aqui como se fosse à minha própria casa.

Morte, essa é a sentença da natureza humana para a sua própria espécie. Para o demonstrar, basta percorrer este hospital. A pressa e a indiferença dos médicos dominam a dura realidade da enfermaria. Ao meu lado esquerdo, numa extensa fileira de camas iguais, jazem outros tantos feridos em agonia. Muitos quase não falam ou, se o fazem, usam uma linguagem semelhante à dos bebés: palavras sem sequência, gemidos inarticulados e choros entrecortados. O que lhes resta de energia concentra-se num tumulto balbuciante de súplicas que as enfermeiras tentam satisfazer. Mais de metade irá falecer nas próximas horas. Os sobreviventes, aqueles que conseguirão sarar as suas feridas, estão tão perdidos para a vida quanto os moribundos: têm pernas e braços amputados ou pulmões fracos, ao ponto de o seu corpo ter dificuldades em cumprir uma função tão simples como a de respirar. Mas mesmo os que escaparam incólumes à batalha irão regressar a Portugal arrastando consigo um rasto de fantasmas que os mortificarão para toda a vida.

Os meus estados de vigília são cada vez mais curtos e a frequência com que perco os sentidos antecipa a penumbra eterna. Só um ténue fiapo de consciência me separa das profundezas da morte. Nos instantes de lucidez, penso que, se por milagre alguns anos se viessem juntar aos dias ou horas que me restam, faria tudo de outra maneira. A vida que construí consistiu numa renúncia constante.

Nos meus sonhos, paira uma grande quietude. Muitas vezes estou num vale deserto. Que estranha e vazia é a luz nesse lugar! Depois, revejo-te com o teu sorriso aberto. Caminhamos de mão dada na rua, expostos aos olhares da multidão. As pessoas, com os seus rostos apressados, ávidos ou indiferentes, não se interessam pelo nosso amor, preocupam-se apenas em apanhar o eléctrico. O absurdo multiplica-se, pois no momento seguinte estamos na minha cama e o teu desejo apaixonado é sem limites. Os nossos corpos envolvem-se numa dança sob a enorme sombra do tecto.

A leveza chegou e, com ela, a estranha sensação de ver através das coisas. Algo mais se vai acrescentando à minha interpretação da vida com este

alheamento. Vejo o que antes não distinguia: as almas entregues a uma solidão que as subjuga. No fundo de cada ser vive a esperança de um mundo onde não se chegue a conhecer a dor e o medo.

O amor, tal como a morte, segue um tempo que não se rege pelo calendário. Vais conseguir extrair um sentido de tudo isto que te escrevo. Se não for agora, talvez mais tarde. Farás por unir os fios frágeis da nossa ligação. Sem te dares conta, irás proteger a memória do nosso amor num longo álbum de recordações. A saudade abre-se com facilidade à nostalgia. Quando penso em ti, imagino um espaço de liberdade em que um dia, no futuro, cada um possa encontrar a felicidade à sua maneira. O tempo escoasse, meu amor. A escuridão sobe, soprando pelos flancos das paredes brancas deste hospital, atingindo também o meu olhar. Muito ao fundo resiste uma luz que estremece como um relâmpago. A escuridão começa igualmente a cobrir-te.

Com amor eterno,

Rodrigo

Lisboa, 20 de Julho de 1918

Violante vai à sala de jantar e olha para o relógio sobre a lareira. São sete e meia. Luís Henrique ainda não deu sinal de vida. Se bem se recorda, o jantar combinado no funeral do filho foi marcado para as sete. Faz soar a pequena campainha para chamar a criada e pede-lhe que adie a hora de servir.

Regressa à saleta onde costuma decorar os textos. Em breve começará os ensaios de uma nova peça encenada por Araújo Pereira. Já devia saber de cor as suas falas, mas não tem tido vontade de as estudar. Pouco lhe importa o teatro ou mesmo a vinda de Luís Henrique: os seus pensamentos, nos últimos dias, têm sido dedicados a Rodrigo e à reflexão sobre os seus dilemas. Quando leu as cartas do filho, sobreveio o choque. As suas inclinações amorosas abriram-lhe um buraco no peito. Nunca poderia imaginar que, tendo-se casado, Rodrigo fosse homossexual. Devagar esforçou-se por aceitar essa diferença: leu inúmeras vezes aquelas páginas e foi-se deixando envolver pela sua espantosa intensidade. As palavras do filho sobreviveram à sua morte.

Agora, Violante imagina como o olhar de Rodrigo teria sido doce. Os seus olhos já não existem, mas a luz permanece. Ele amou um homem mais do que era possível e, nessa paixão, residiu, afinal, a sua verdadeira grandeza.

De cada vez que relê as cartas do filho, as lágrimas voltam aos olhos de Violante. À sua volta, os móveis da saleta perfilam-se como espectadores

silenciosos da sua dor. Os seus pensamentos rodopiam incessantemente à procura de uma forma de consertar o passado. Mais do que nunca, lamenta-se por não ter observado Rodrigo enquanto crescia: o nascer dos dentes, o seu choro, as suas alegrias infantis.

É talvez por pensar nisso que, enquanto espera por Luís Henrique, Violante começa a recordar a própria infância. Vê-se de novo na aldeia do Camarnal, perto de Alenquer, onde nasceu. O mundo começa a recuar diante dos seus olhos, como o arvoredor no momento em que um comboio se põe em marcha ou a costa quando um barco avança pelo mar. Muitas vezes é assim: passam-se dezenas de anos sem que as lembranças regressem e, de repente, a morte de alguém importante leva-nos a evocar o passado para que cada um dos nossos actos não se derrame no vazio. Violante relembra o murmúrio das palavras antigas, como se as poucas frases que lhe restam da infância exprimissem o sentido da sua vida inteira.

Quase poderia reviver a sua existência se fizesse o esforço necessário para convocar essas lembranças. É impressionante a nitidez com que se vê em criança. Não teve mãe quando era pequena porque ela morreu no parto; mas estudou tantas vezes a sua fotografia que conhece em detalhe as nuances do seu rosto magro, cujos olhos a fitaram sempre com um desdém sonolento. As ladras de outros tempos subiam à força com esse olhar, desprezando aqueles por ordem de quem iam ser executadas. E era assim que a mãe de Violante a olhava da fotografia. Em criança, quis muito ter outro retrato dela, mas só havia aquele e era muito mais do que a maior parte das pessoas do campo costumava ter.

Para lá do horizonte, estava a sua aldeia perdida. Tudo no Camarnal era duro, nada havia da luminosidade que se reflecte nas margens de certos sonhos. A vida fazia-se trabalhando de sol a sol, e era isso mesmo que o pai, dono de uns hectares de terra de que extraía o sustento de ambos, se via obrigado a cumprir. As vizinhas tomavam conta de Violante à vez, enquanto ele ia para o campo. O nome da miúda voava entre as casas, como se as mulheres se avisassem mutuamente, para que uma delas estivesse de olho na criança ou a misturasse com a própria filharada. Desde pequena que Violante comia da malga comum na casa de umas e outras. Quando começou a andar e a chamavam, sorria apenas. Ninguém dizia nada sobre o seu temperamento, mas todas sentiam que era uma menina de corpo frágil, mas de espírito determinado.

Só à noite o pai regressava a casa. Os seus olhos vagueavam enquanto descascava umas batatas para a sopa. Ao ficar viúvo, uma certa luz extinguiu-se neles para sempre. O golpe do destino que lhe levava Alice, a mulher, atingira-o no corpo e na alma. Desde essa morte, bastava-lhe ser uma pessoa que acordava de manhã e seguia adiante com as tarefas do dia-a-dia. Sofrera e sofria porque ela se fora, atormentava-se porque ainda a amava. A julgar pelo modo nervoso como de vez em quando levava a mão à cabeça, não parecia saber ao certo o que fazer com a filha.

Violante era demasiado pequena para perceber que o amor do pai pela mãe era como um vício que ele não controlava. Não havia lágrimas, claro, apenas imagens da mulher que persistiam nele incessantemente. A certeza de que a menina precisava dele forçava-o a levantar-se todos os dias para trabalhar as terras, às vezes ajudado por um jornaleiro, se lhe conseguisse pagar. A filha era tudo o que lhe restava de Alice. Se não fosse ela, já teria, de resto, abalado do Camarnal: noutro lugar, talvez se deixasse iludir por uma nova mulher, talvez o seu luto se fosse perdendo em memórias cada vez menos nítidas; podia fazer-se maltês ou contrabandista, mas veria outros horizontes e teria novas paixões. Permanecer naquela aldeia, cheio de lembranças, era como sentir a vida a dar-lhe uma bofetada. Ao pé da fonte, pedira namoro a Alice. Perto do poço, nas suas terras, beijara-a pela primeira vez. Cada árvore da aldeia desencadeava nele uma recordação que projectava sombras na sua memória.

Nos gestos do pai ao lidar com Violante, havia uma espécie de serenidade, algo suave que se opunha à sua jornada diária de trabalho árduo. Durante o dia, a menina não tinha medo de nada, mas à noite pedia-lhe que não apagasse a lamparina, de forma a evitar que fantasmas sombrios entrassem no seu quarto. O azeite era caro e o pai sabia que não podia ceder aos caprichos de uma menina de três anos. Então, ficava ao pé dela até que fosse vencida pelo sono, de luz apagada, explicando que às escuras os fantasmas não davam com o caminho e, se dessem, ali estaria ele para a proteger.

A vida acrescentava lentidão ao ritmo da aldeia, os dias somavam-se devagar e eram todos iguais. Quando cresceu, Violante submeteu-se às obrigações das raparigas, tomando conta da lida da casa e dando de comer às galinhas e aos coelhos. Mas o pai juntara aos deveres da filha o de aprender a ler e todas as tardes a mandava para casa de uma prima viúva –

de um ramo distante e mais abastado da família materna – que lhe ensinava o alfabeto. Violante entrou com facilidade no segredo das letras e, depois de dominar a sua combinação, apaixonava-se por todas as frases que lia, pois geralmente as palavras novas incluíam o que ainda não sabia dizer. Depois de ler uma história, havia sempre qualquer coisa que ficava no ar, que se libertava das amarras da realidade e avançava pelo território da fantasia.

A casa da prima era afastada da aldeia, o que dava a Violante a oportunidade de vaguear pelos campos depois das lições. Metia-se por atalhos à sombra, onde as copas das árvores se adensavam, e observava pássaros de bico pontiagudo lançarem-se, impiedosos, sobre lesmas e caracóis. Aqueles e outros bichos caçavam desde o amanhecer ao pôr-do-sol. Uma certa determinação nascia dentro de si enquanto contemplava a crueldade dos animais, alguma coisa de feroz que incluía a noção de que era preciso ser-se rápido e hábil para vencer no mundo.

Na aldeia, o tempo parecia infinito e toda a ambição, inútil. Para matar o tédio, a partir dos dez anos e pelo menos uma vez por mês, Violante pedia boleia na carroça de um vizinho que ia vender cebolas ao mercado de Alenquer. Tinha de se levantar de madrugada, mas valia a pena. Durante a manhã, enquanto o camponês estava na venda, ela errava pelas ruas da vila, observando as senhoras com as suas roupas e adornos. Aprendia como colocavam os chapéus, fixava com atenção as capas e os vestidos, exactamente como uma costureira tenta decorar os detalhes de um modelo. Registava os seus modos esmerados e escutava as fórmulas que usavam para se cumprimentarem. Depois, imitava-as, como uma pequena actriz.

À tarde, regressava a casa com o camponês que a trouxera. Chegava sempre a tempo de fazer o jantar e de dar comida aos animais. Realizava as tarefas habituais à luz da lamparina, mas, nos seus devaneios, imaginava-se vestida como uma dama, regozijando-se com o luxo das suas vestes de veludo ou a sua capa debruada a ouro. O mais óbvio que se podia dizer de Violante é que tinha uma imaginação mundana. Nas suas visões, era acompanhada por um regimento de senhoras e cavalheiros trajados de modo elegante e conduzida a teatros e salões de baile. Essas fantasias eram uma sucessão de quadros vivos e de tal forma intensos que não os distinguia da realidade.

À noite, o pai regressava. Violante bem via como a enxada que carregara durante o dia deixara uma sombra nas suas costas. Pouco dizia,

porque não existiam palavras que aliviassem aquele cansaço. As frases que trocavam eram muitas vezes interrompidas pelos prolongados ataques de tosse do progenitor. O rosto mostrava que a terra pouco dava e que a família permaneceria para sempre pobre. Violante nunca poderia comprar um vestido como aqueles que via na vila. Além disso, como uma ameaça, ouvia o estranho murmúrio de uma doença no corpo do pai, que muitas vezes adormecia em cima da mesa.

Violante arrumava a cozinha e as duas únicas velas acesas na casa traziam às coisas banais uma luminosidade sombria. O bruxulear da tímida luz acordava os seus sonhos, nos quais o fantástico e o real se juntavam, produzindo uma ressonância comum. Então, fingia-se outra e inventava para si cenas fantasiosas no espaço da cozinha, até terminar as tarefas, acordar o pai e irem ambos deitar-se.

Aos doze anos, Violante ouviu rumores de que uma companhia teatral estava em Alenquer e iria actuar por uma única noite no Teatro Ana Pereira. Sentiu-se irresistivelmente atraída. Certa vez, a prima lera-lhe uma peça e explicara-lhe que um actor pode variar de personalidade e reinventar-se no fingimento, parecendo tudo verdadeiro. A ideia fascinara-a e, por isso, pensou numa maneira de assistir ao espectáculo.

Nesse dia, foi com o vizinho a Alenquer. Porém, depois de terem chegado, inventou uma mentira sobre a vinda do pai à vila, afirmando que regressaria com ele e não precisaria da boleia. Quando a largou, o homem recomendou-lhe que tivesse juízo e, antes de subir para a carroça, passou-lhe duas moedas para a mão, não fosse o vizinho não chegar a aparecer.

Violante entreteve-se nas ruas de Alenquer toda a tarde, sem nunca se perguntar onde dormiria nessa noite. Examinou detidamente os rostos que passaram por ela e contou-os até perfazerem duzentos e vinte e nove. Fixava-se nas mãos que acenavam, nas pessoas que hesitavam nas esquinas, e pensava que cada uma delas teria uma história por detrás. Assim passou o dia e, ao fim da tarde, quando já quase ninguém andava nas ruas, comprou um pedaço de pão ao padeiro da vila e mastigou-o enquanto deambulava. Por todo o lado, havia gente andando com uma pressa indeterminada. Certamente, pensava ela, os mais abastados iriam mudar de roupa e vestir os melhores trajes para se deslocarem ao teatro. Era para lá que tinha de se dirigir.

Entretanto anoiteceu. As sombras alongavam-se, fundindo-se umas nas outras. As casas de Alenquer pareciam mais pequenas e as figuras que percorriam a vila perdiam nitidez. Tudo corria o risco de desaparecer na escuridão sob o véu da geada. Havia muito que deveria ter regressado ao Camarnal e ainda ia a tempo de o fazer, se voltasse a pé por atalhos até à aldeia. Em vez disso, contudo, Violante dirigiu-se à Vila Alta, ao teatro onde o espectáculo iria decorrer. Pelo menos ali havia iluminação a gás. De bom grado teria entrado, nem que fosse para assistir de pé, mas a moeda que lhe sobrara do pão não se revelou suficiente para a deixarem entrar. Tentou misturar-se com a fila dos espectadores, mas desistiu da ideia perante a expressão ameaçadora do porteiro.

Não se deu por vencida. Quando percebeu que o espectáculo começara, rodeou o edifício e encontrou uma portinhola entreaberta nas traseiras. Com a rapidez de um fantasma, entrou, subiu por umas escadas laterais que iam dar aos bastidores e sentou-se num degrau atrás dos cenários. Conseguia distinguir vagamente os actores sob o foco intenso das luzes e os seus olhos saltavam de um lado para outro, acompanhando a cena. Espreitou por uma fresta da cortina e o esplendor do vestido vermelho da actriz encandeou-a. Concentrou-se no que ela dizia e, mesmo à distância, percebeu que se tratava de uma discussão entre dois amantes. Passado o momento da fúria, a fluência do amor recomeçava nos gestos largos dos actores. A paixão não os havia abandonado, tinha lá estado sempre durante a zanga. A violência da disputa abrandara e as desculpas anulavam as ofensas, fazendo com que o homem beijasse a mão da mulher. Às vezes a corrente das falas era impetuosa, outras vezes tornava-se impossível ouvir os murmúrios dos actores, pairando uma certa sombra sobre a história.

Nada a impedia de imitar as personagens para completar o que não entendia. Passagens completamente inventadas surgiram de repente na sua boca. Deu por si improvisando respostas baixinho. Aquele amor era, sem dúvida, dos que marcavam o destino de uma vida. Instantes depois, a mesma mulher discutia com um actor mais velho que faria talvez o papel de pai. Violante entusiasmou-se, sentindo que era capaz de acompanhar, com as suas palavras, a tensão que se desenrolava no palco. Pôs-se de pé num dos degraus da escada e levantou sem querer a voz. Prosseguiu, arrebatadoramente, o seu próprio espectáculo até se aperceber de que tinha

assistência. Uma sensação de ridículo desceu então sobre ela: o actor que desempenhava o papel de amante aplaudia-a nos bastidores.

Como uma impostora traída pela vergonha, Violante caiu nas escadas junto ao palco. O estrondo foi enorme. O homem, preocupado sobretudo com a representação, correu a espreitar à boca de cena, mas nem o público nem os artistas pareciam ter dado conta do incidente. Violante magoara-se nas mãos e nos joelhos, embora lhe doessem bastante menos do que a humilhação de ver o actor a rir às gargalhadas. Devolveu-lhe, a contragosto, uma gargalhada, representando um pouco para si própria. E o riso aliviou-a, como se se tivessem desatado cordas apertadas à volta do seu pescoço.

O homem não estava ali para se zangar, viera apenas descontrair-se no intervalo entre duas cenas, mas, de repente, a pressa instalou-se nele, era a sua deixa e tinha de regressar ao palco. Então, sem mais preâmbulos, deu-lhe a mão e levou-a para o lado dos rompimentos dos bastidores, onde havia uma cadeira. Explicou-lhe que dali veria tudo melhor, e Violante deixou-se conduzir, sem acreditar na sua sorte.

Cada acto fora encenado para ilustrar como o amor pode esbarrar com mil obstáculos. À alegria dos amantes sucedeu-se a agonia e a separação. Na penumbra dos bastidores, havia sempre gente a correr de um lado para o outro, mas ninguém parecia reparar em Violante. A peça terminou e o público não se cansava de bater palmas como se o verdadeiro sentido da existência se tivesse revelado naquele palco. As pessoas foram abandonando a sala e a menina, para não incomodar ninguém, manteve-se quieta na cadeira, acabando por adormecer.

Só acordou no dia seguinte com o ruído da desmontagem dos cenários. Uma azáfama extraordinária tomara conta do Teatro Ana Pereira. A seu lado, estava o actor, sorrindo. As perguntas foram as esperadas para um primeiro contacto em circunstâncias tão excepcionais. O anel de fumo de um cigarro desprendia-se-lhe dos lábios e envolvia a sua figura. Quis saber o nome dela, a idade e onde vivia. Violante respondeu-lhe. Luís Henrique Borges Castro, assim se chamava o actor, era bom a adivinhar idades e não acreditou quando ela lhe disse que tinha quinze anos. Era evidente que uma rapariga tão franzina não teria mais de doze.

Então fez-lhe a mais inesperada das propostas. Numa próxima peça havia um pequeno papel para uma criança. O drama era sobre o Duque de Viseu que tentara matar D. João II: um enredo de traição entre nobres e reis. Se

ela quisesse, faria de filha mais nova do protagonista. A peça seria representada no Teatro D. Maria, em Lisboa. Era uma honra para Violante ingressar na companhia mais importante da capital, a mesma de que a prima rica um dia lhe falara, mas onde viveria? O actor respondeu-lhe que poderia ficar a viver na casa de D. Luísa, uma modista que trabalhava para o teatro.

Luís Henrique pressentira em Violante a chama do puro talento. Aquela rapariga estava predestinada para ser actriz. Parecia capaz de fingir qualquer personagem, transformando a máscara na própria pele. Vira tudo isso enquanto a observara na véspera. Para Violante, a proposta era inacreditável, era como se o destino lhe apresentasse assombrosos planos que ela, nem nos seus sonhos mais loucos, se atreveria a imaginar.

O seu protector revelou-se um homem expedito a decidir e não menos determinado a realizar. Assim, em vez de regressar de imediato com a companhia, decidiu alugar uma carruagem para se deslocar ao Camarnal e pedir autorização ao pai de Violante para a levar consigo. De seguida, na mesma carruagem, partiriam para Vila Franca, de onde apanhariam o comboio para Lisboa.

Em menos de vinte minutos chegaram à aldeia no transporte de um comerciante local que lhe emprestara a caleche. Luís Henrique fez a proposta, mas a conversa desenrolou-se na ausência da rapariga. Assim que vira chegar Violante na carruagem com um estranho, o pai arrastara-a para o quarto e assentara-lhe dois estalos na cara, após o que a fechara à chave. Fora a noite mais longa da vida dele, passara-a em sobressalto. O desespero fora crescendo ao ponto de ver a morte tingir o rosto da rapariga. Quando finalmente Violante aparecera, a sua angústia levava-o a bater-lhe. A raiva entrara naqueles tabefes de uma forma diferente da crueldade intencional, porque durante alguns segundos depois de a ver continuou ainda a viver o horror da sua morte.

Apreensivo, o actor esperara à porta até ser convidado a entrar. O pai recebeu-o de má vontade na cozinha de terra batida e inteirou-se do que acontecera, acabando por aceitar que Luís Henrique não fora culpado da fuga de Violante e tivera até o cuidado de a acompanhar a casa. Vendo-o mais calmo, o actor decidiu então fazer-lhe o pedido que ali o levava, enquanto Violante, limpando as lágrimas, ainda trancada no quarto, tentava escutar, com o ouvido colado ao chão, o que diziam no andar de baixo. O pai ouviu aquela estranha proposta sem saber muito bem o que pensar. Por

um lado, sabia que o futuro da filha estaria mais assegurado na capital do que ali na aldeia, até porque aquela sua tosse, cada vez mais persistente, lhe dizia que em breve teria hora marcada com a morte. Já outros vizinhos tinham morrido tuberculosos e desconfiava, pelos sintomas, que não tinha outro mal senão esse. Por outro lado, precisava de acreditar que à sua frente estava um homem sério, de honra, que tomaria conta de Violante. Enquanto decorreu a conversa, Luís Henrique acalmou-o sobre os perigos da vida em Lisboa, prometeu proteger e cuidar da rapariga e disse-lhe que o talento de Violante a transformaria rapidamente numa grande actriz. O pai mostrou-se orgulhoso com o elogio e acabou por pensar que, quando ele lhe faltasse, Violante não teria mais ninguém na aldeia e acabaria a pedir esmola ou casada com um brutamontes. Na verdade, sempre ambicionara para a filha uma existência de horizontes mais vastos do que os seus e talvez fosse esta a oportunidade. No entanto, ao subir ao quarto para dar a boa notícia, pulsava ainda dentro de si um silencioso apelo para que ela retrocedesse nas suas ambições. Afinal, tratava-se quase de uma criança. Nunca como naquele momento experimentara tamanho sentimento de desacerto.

Violante embalou as suas coisas rapidamente, pois quase nada possuía que merecesse a pena levar. Enquanto fazia a trouxa, veio-lhe à ideia que o pai nunca antes lhe dera um tabefe nem quase a repreendera, e sentiu um aperto no peito por ir deixá-lo. Também tinha suspeitas de que aquela súbita concordância tinha razões ocultas, pressentia nela sinais de alguma coisa grave. Quis falar do assunto, mas o pai disfarçou; então, Violante soube que, para não aumentar o sofrimento de nenhum deles, o melhor era pôr todas as palavras de parte.

Durante a despedida, não lhe foi fácil tocar no casaco do pai. Abraçá-lo também não a serenou. Mas sabia que não podia voltar atrás e o artifício para não pensar na separação manteve intacta a força do seu entusiasmo. A boca de Violante mal tocou no rosto do pai e a mão quase não acenou à sua figura quando a carruagem de Luís Henrique dobrou a curva da estrada. Por um instante, fixou aquela imagem fugidia, esforçou-se por conservá-la; porém, se queria agarrar o mundo, se não queria abrir mão desse desejo, o melhor era não olhar para trás.

À medida que o Sol caía, as sombras renovavam-se. Primeiro foram as linhas das casas que se enevoaram, depois as árvores. As estradas estendiam-se indefinidamente sem reflectir a tristeza do seu inesperado

vazio. A viagem demorou uma eternidade. Violante nunca andara de comboio e só se animou quando apanharam o trem da tarde em Vila Franca. O comboio ia tão depressa que ela tinha a sensação de fazer parte da velocidade. Entraram na capital ao anoitecer. O Sol desaparecera e nas ruas começavam a acender-se os candeeiros a gás. Lisboa espalhava-se por colinas com casas de várias cores. A cidade era um mundo. Na aldeia, quando chegava a noite, ouvia-se o falar dos insectos e uma indescritível pausa na humanidade. Ali, o movimento nunca parava, os olhos dos transeuntes, a sua pressa, a sua forma de andar, o burburinho das carruagens, a agitação dos cavalos, a vozeria das gentes, os rumores da noite. Luís Henrique explicou-lhe: o coração da cidade concentrava-se no Rossio, em especial junto ao Teatro D. Maria.

Os dois primeiros meses foram difíceis. Violante viu-se perdida. Como ficara mais ou menos combinado, ao chegarem a Lisboa, o actor deixou-a em casa da modista que trabalhava para o Teatro Nacional. Mas, mal ele saiu, D. Luísa, voltando os seus grandes olhos para Violante e observando a sua face rósea e a sua frescura juvenil, pensou em várias maneiras de explorar a situação em seu proveito. Pareceu-lhe que a rapariga, por vir da aldeia, era tola e simplória. Onde é que já se vira uma moça daquelas transformada em artista? A irritação e a inveja deram-lhe imediatamente vontade de a desencorajar. A primeira frase que lhe dirigiu foi: «Aqui ninguém come sem trabalhar.» E, sem se alongar em explicações, conduziu-a por um longo corredor até ao cubículo escuro que seria o seu quarto. No dia seguinte, fê-la levantar-se de madrugada. Ensinou-a a fazer bainhas e a esfoliar. Era necessário que a agulha tocasse o tecido em movimentos perfeitamente uniformes, explicou-lhe. E, na tarefa, as mãos deviam ser expeditas porque as clientes tinham sempre pressa.

Os dias tornaram-se cansativos. Enquanto passava horas a coser, Violante tentava abandonar-se aos devaneios de ser actriz. Mas depressa os seus sonhos sobre uma carreira teatral começaram a parecer-lhe exagerados, projecções excessivas das suas ambições. Ela e mais quatro raparigas trabalhavam ininterruptamente num *atelier* que tinha quase sempre as cortinas corridas. Costuravam vestidos em tecidos de todas as qualidades e matizes, que iam perdendo a textura, o feitio e até a cor depois de milhares de pontos. O serviço era acompanhado pela rabugice de D. Luísa e às vezes por um ou outro insulto. Não havia da parte daquela mulher uma palavra

amável, ao contrário do que Luís Henrique fizera crer. A modista era um daqueles seres para quem as tensões da vida tinham sempre a ver com dinheiro, mesmo tratando-se de quantias ridículas.

O *atelier* tinha um aspecto escuro e irreal e, por mais forte que o seu espírito se mantivesse durante o dia, à noite Violante perdia o ânimo. Depois de horas infinitas a coser, uma dor de cabeça começava a subir-lhe sorrateiramente pelo pescoço. O latejar das têmporas obscurecia a luz do dia. Só ela pernoitava em casa de D. Luísa, as outras deixavam a mestra à tarde e regressavam às mães. Na hora de dormir, a desolação era a sua única companhia. No entanto, não chorava. Tinha ensinado a angústia a ficar de olhos secos. Esforçava-se também por deixar sem dono as saudades que tinha de casa e do pai. Permanecia deitada de olhos abertos, fixando a escuridão, desesperando com a possibilidade de Luís Henrique a ter esquecido ali para sempre.

Os momentos mais agradáveis eram aqueles em que ia fazer entregas às clientes. Andava nas ruas, arriscando-se por passagens misteriosas, cruzando travessas que iam dar a praças luminosas. Agradava-lhe o tráfego e o vaivém das pessoas anónimas que se vestiam bem melhor do que na aldeia. Eram sobretudo as freguesas de D. Luísa quem mais a inspirava, mulheres ricas cuja beleza a deslumbrava. Os corpos daquelas damas davam a impressão de se movimentarem como a seda e a roupa apenas fazia realçar a sua elegância natural. Todas tinham aquele delicioso hábito de se maquilharem. Violante imaginava-se uma delas, a viver no Chiado ou no Bairro Alto. Aquele, sim, era o seu género de bairro. Uma casa apalaçada era o lugar onde sonhava viver um dia, entre objectos raros e preciosos distribuídos por todas as divisões e um exército de criados para a servirem.

Violante pisava com naturalidade aqueles espessos tapetes, deslizava com suavidade nos soalhos lustrosos e, ao mesmo tempo, tinha a sensação de ser invisível, de passar despercebida. Estava nas casas das clientes apenas uns minutos, mas sentia que pertencia àqueles ambientes sumptuosos. Tentava habitar esses momentos, amá-los, porque o que a esperava no exterior era apenas mais trabalho. No caminho de regresso imaginava-se a usar colares e a frequentar festas em salões iluminados com um vestido fluido e branco. Queria que as pessoas erguessem os olhos de admiração quando entrasse numa sala. E, como a actriz que queria ser, sabia que necessitava do olhar dos outros para tornar verdadeiros os seus atributos.

O seu dia-a-dia destruía-lhe as ilusões. Ao chegar a casa de D. Luísa, só recebia ordens e os sonhos tornavam-se cada vez mais frágeis. Já se arrependera da sua decisão de entrar para o teatro e, se arranjasse maneira, tinha a intenção de apanhar o comboio para Vila Franca e daí regressar à aldeia.

Por essa altura, contudo, os ensaios da peça iam começar e Luís Henrique veio visitar Violante. Ao vê-lo aparecer de repente na casa de D. Luísa, como se não tivessem passado já dois meses, deu-lhe uma fúria e desatou a gritar sobre o que sofrera. Ele compreendeu o que se sucedera e foi a vez de a costureira escutar um sermão. Luís Henrique havia pago adiantadamente o alojamento e a alimentação de Violante e não constava do acordo entre ambos qualquer trabalho adicional. Ele, que raramente se preocupava com alguém, exigiu de D. Luísa o imediato pagamento à aprendiz.

As desgraças iniciais acabaram por ser favoráveis a Violante. Luís Henrique tinha a sensação de estar em dívida para com ela e levou-a para o apartamento perto do Largo Camões, onde vivia com a avó, D. Olímpia. A senhora recebeu-a como se a nova hóspede fosse uma bisneta desaparecida. Violante escutava-a durante horas a falar do passado, a recordar ninharias, a louvar os homens de outros tempos. Apesar de a velha senhora usar muitas palavras para descrever um simples encontro, a seu lado nunca havia tédio. Como ela não conhecia ninguém em Lisboa, era possível a D. Olímpia falar-lhe de coisas íntimas que, com outras pessoas, não poderia aprofundar. A avó de Luís Henrique já passara dos oitenta, mas ninguém falava disso. Governava o seu lar com duas criadas como se estivesse numa missão, e todos sentiam que a casa e os objectos desabariam se a força da velha senhora não suportasse o conjunto. Nunca parecia cansada, e essa ausência de fadiga, a par da forma cuidada como arranjava os cabelos grisalhos num carrapito, traziam-lhe tanta fama como a que tinha há quarenta anos quando mantivera uma relação fora do casamento com um aristocrata.

Com a sua notável energia, ocupou-se da educação de Violante. Ensinou-a a comer com elegância, deu-lhe a conhecer um conjunto de regras de etiqueta e um repertório de frases mundanas que a tornariam uma mulher sedutora em qualquer cidade da Europa. Além disso, emprestou-lhe livros — Eça, Camilo, Guerra Junqueiro, entre outros —, fazendo-a entrar num mundo desconhecido, onde as palavras modelavam uma matéria vertiginosa semelhante àquela de que se compunham os sonhos. As diferenças de

tratamento em relação ao que acontecera na casa de D. Luísa eram enormes. A avó Olímpia deu-lhe um quarto amplo de grandes janelas que deitavam para um jardim, onde os pássaros, como na aldeia, cantavam todas as manhãs. Chilreavam até com mais estridência do que no campo. Sempre que acordava cedo, Violante ficava na cama a olhar para as maçanetas de cobre da cómoda, depois para o lavatório de porcelana com o seu jarro. À medida que as coisas ganhavam contornos mais nítidos com a luz, o seu coração acelerava, emocionada por estar naquele quarto. Levantava-se e tomava o pequeno-almoço na companhia de Luís Henrique e da avó, servida por uma criada, como se aquela tivesse sido sempre a sua vida.

Violante ensaiou os primeiros papéis dramáticos com Luís Henrique. De manhã, ganharam o hábito de ler peças em conjunto. Ela deixava-se absorver pelas personagens como se entrasse numa outra vida. Só uma pequena parte de si ficava de fora. Tornava-se teimosa ou melancólica, servil ou cobarde, moldava a voz e o corpo ao seu novo carácter. Em si, alguma coisa se ia modificando. A tristeza, a dor, a cólera ou a alegria das personagens cruzavam-se dentro dela como se lhe pertencessem. Estas encenações trouxeram-lhe uma felicidade singular, porventura a primeira que conheceu.

Com paciência, Luís Henrique corrigia algum exagero. Uma vez, o espírito que habitava Violante era o de Julieta, o que fazia irromper nela uma certa grandeza ardente e trágica, outras vezes, era o da alcoviteira de Gil Vicente que só pensava em aumentar a sua colecção de casamentos e que, por essa razão, tanto aparentava uma voz fresca que ria como a água na fonte como possuía rasgos de fúria indomável.

O reino do fingimento era o mundo de Violante, mas ela inclinava-se para a beleza dos desfechos felizes. Como uma acha de lenha pode assumir a forma de uma cruz, de uma tigela ou de um pássaro, também ela se transfigurava numa virgem ingénua, numa mulher fatal ou numa velha à beira da morte. Violante e Luís Henrique percorreram juntos um vasto repertório de textos dramáticos, tendo começado pelas tragédias gregas. Como ponto de partida, ela criava dentro de si um espaço vazio, o corpo era o seu instrumento, a voz soava forte, revelando formas extremas de amar ou de odiar. Nunca era insípida nem demasiado rígida. O ciúme, a dor, o desejo e a inveja alternavam dentro dela com a mesma intensidade. Violante lançava sobre essas emoções uma luz nova e, aqui e ali, alguma sombra,

quando chegava a sua vez de representar. Para atingir a perfeição, havia que aprender de cor as suas falas. Algumas eram excessivamente longas, outras completamente absurdas. Era esse o desafio: torná-las plausíveis. Passava os serões a memorizar. Depois de instalada na memória, cada deixa encontrava uma existência própria. De manhã, quando contracenava com Luís Henrique, era como se a máscara da personagem se tivesse tornado a sua segunda pele. Aprendeu a ser todas essas figuras, desdobrando-se nas várias aparências das almas humanas.

Luís Henrique explicava-lhe: «No drama, o espectador fica possuído por qualquer coisa de brutal. A tragédia dos protagonistas deve conseguir pôr os nervos das coxas a tremer. No final de uma peça dramática, os corações das pessoas aceleram, agitam-se no peito como um animal assustadíssimo. Na comédia, as gargalhadas devem ir chegando aos lábios sorratamente. A verdade é que todos os artistas precisam de ser encorajados pelo público. Quando as pessoas saem e o actor fica sozinho no palco é como estivesse a contemplar um fogo extinto.»

Quando começaram os ensaios no Teatro D. Maria, Violante ficou embaraçada com algumas observações que os colegas lhe fizeram. Ela ganhara confiança na sua representação com Luís Henrique, mas nunca tinha sido posta à prova num palco. Algum ressentimento relativo à influência do seu protector teve consequências na forma hostil como os actores mais velhos a receberam. Mostraram-se severos com as suas falhas, um pouco como costumam ser os velhos juizes. Porém, com inteligência, Violante conseguiu criar amizades com todos os elementos da companhia. As reacções desfavoráveis acabaram por cessar. Os colegas acarinhavam-na como a mascote do grupo e ajudaram-na a trabalhar cada vez melhor.

A sua personagem na peça em que se estrearia era a filha de um duque que atentava contra a vida do rei. Ficava muito tempo silenciosa em cena. Doce era o seu sorriso, atenta a sua submissão às vontades do nobre pai. O palco enchia-se de intrigas e conspirações quando o duque planeava com os seus cúmplices o assassinato de D. João II. Ela entrava em cena num momento crítico e surpreendia o conluio. Nesse instante, os seus olhos azuis brilhavam tanto que pareciam saltar das órbitas. O seu rosto ficava todo exposto, os seus traços pareciam ter sido feitos para uma única expressão: a do horror. As falas de Violante eram poucas e curtas, mas prendiam a atenção do público. A partir do momento em que subia ao palco, tornava-se

a filha do duque, uma rapariga que fazia parte dela. O que nos ensaios parecia um esboço realizava-se plenamente em cena.

A peça esteve em exibição três meses. Quando as representações terminaram, nem D. Olímpia nem Luís Henrique pensaram em devolvê-la ao Camarnal. Ele via a artista em que ela se transformaria em adulta. Aquela menina possuía uma fantástica intuição dramática. Em qualquer outra peça em que lhe fosse atribuído um papel mais extenso seria projectada para a fama. A avó Olímpia também considerava impensável mandá-la de volta à aldeia, seria como atirar o próprio neto para a rua.

Respiramos, comemos e dormimos e, com a precisão de uma máquina, o corpo vai mudando sem que disso tenhamos consciência. No lapso de dois anos, Violante cresceu e adquiriu os contornos de uma mulher. Sempre que ia na rua podia ver os olhares iluminarem-se à sua passagem. Sentia o seu reflexo sobressair nos vidros das montras e na forma como os olhos dos homens recortavam a sua silhueta. Descia o passeio do Carmo e havia sempre rumores acompanhando os seus passos. D. Olímpia foi a primeira a notar que os galanteios já tinham começado. O facto também não passou despercebido ao director artístico do D. Maria, que achou natural atribuir-lhe o papel de uma jovem noiva na peça seguinte.

Era de um olhar de amor de Luís Henrique que ela precisava, e não daquela inundação de olhares desconhecidos, grosseiros e concupiscentes que poisavam nela sem ternura nem delicadeza. Durante as manhãs, ele mantinha o ritual de ler textos dramáticos com Violante, observando-a como se apenas existisse a personagem por detrás do seu belo rosto. Para ele, a rapariga continuava a ser a criança que trouxera de uma aldeia remota. Brincava com ela ao pequeno-almoço, passando o tempo a fingir que a faca era uma adaga que se enterrava nas costas de alguém e o garfo uma flor que se oferecia a uma dama. Se não fossem as diferenças de idade e o medo do ridículo, Violante gostaria de declamar um poema que fosse a verdadeira expressão do seu amor em vez de se envolver naquelas brincadeiras pueris.

Poucos actores podiam aspirar ao belo porte de Luís Henrique, que tinha a aristocracia e a burguesia de Lisboa a seus pés. Quando estreava uma nova peça no Teatro D. Maria, era quase sempre o protagonista. Os papéis de galã pareciam ser os que melhor se ajustavam ao seu estilo. Era muito aplaudido e atendia naturalmente à sedução de mulheres belas. A

companhia era, às vezes, convidada a abrilhantar festas e saraus. A maior parte dos artistas apreciava esses convites. Luís Henrique, em particular, não conseguia viver afastado dos salões. Gostava de gente endinheirada e, sobretudo, das mulheres, da delicadeza da sua intimidade, da sua audácia e grandeza no amor, a que nunca correspondia, pois só se entregava a encontros efêmeros.

Apesar da sua juventude, ninguém impedia Violante de acompanhar os restantes actores às festas da sociedade. Nelas, via Luís Henrique de longe, muito elegante na sua casaca. Separava-os uma multidão de mulheres formosas e bem vestidas. Observava-o como quem contempla um pássaro que saltita pela erva, sem se atrever a aproximar-se. Ao mesmo tempo, vultos elegantes de homens desconhecidos envolviam-na, pedindo-lhe uma dança. Ela aceitava, mas depois era como se estivesse a rodopiar nos braços de um fantasma. Luís Henrique vinha às vezes ter com ela para a vigiar como um irmão mais velho.

Os sentimentos de Violante por Luís Henrique começaram a ter vontade própria. Ele, apesar do seu temperamento sedutor, não contribuiu minimamente para que acontecessem. Aliás, o defeito de Luís Henrique era o de não sentir. Dormia com mulheres sem amor, mentindo-lhes e seduzindo-as. Não tinha sentimentos duradouros, mas apenas caprichos e vaidades que o impeliam ora para esta, ora para aquela mulher. D. Olímpia foi a única a aperceber-se de como Violante sentia pelo neto uma paixão mais forte do que o discernimento. Bem via que ele não olhava para a rapariga dessa maneira e conhecia a inclinação de Luís Henrique – um dos solteiros mais cobiçados de Lisboa, com quase trinta anos – para se cansar das amantes. Por mais que gostasse do neto, era preferível que a jovem se enamorasse de outro e se poupasse ao sofrimento.

As aulas matinais de teatro enchiam Violante de tensão. Às vezes, estava a ponto de se despedaçar com a insensibilidade de Luís Henrique. Algumas das jovens damas que representava tomavam de empréstimo as suas próprias palavras, dizendo o que ela gostaria de declamar com sinceridade. Tentava socorrer-se das frases das personagens, declarava o seu amor de forma suplicante e emocionada, mostrava-se em gestos sedutores, a voz tremia-lhe, mas a sua atitude apenas servia para Luís Henrique confirmar a excelência da representação. Contracenavam em dramas com traições, mostrando pequenos actos de heroísmo, fúrias, renúncias, sacrifícios e

também muito amor. Violante vivia essas manhãs como um mundo povoado de homens excessivos e imperiosos que proclamavam amá-la e todos assumiam as feições de Luís Henrique. A maior parte das falas encaixavam-se nos seus desejos. Se na cena de sedução havia por exemplo um beijo, esse gesto desencadeava o mesmo efeito que teria se fosse verdadeiro, conservando uma espécie de queimadura na pele. Por outro lado, se, porventura, era abandonada na peça, entregava-se completamente àquela espécie de teatro sentimental, e de lágrimas nos olhos gritava a sua angústia; com o rosto convulsionado por um trejeito de choro, sentia-se a viver o desprezo que Luís Henrique lhe votava.

Tinha quinze anos e era bela, de uma beleza virgem e selvagem. Aproveitou-se de uma cena de amor em que ele lhe acariciava a mão. Não se sentia suficientemente concentrada para pronunciar uma só frase. Aproximou os lábios dos dele e beijou-o. A confusão adensou-se então nos olhos de Luís Henrique. Violante corou e fugiu para o quarto. Sentada no chão atrás da porta, os seus pensamentos giravam desesperados: «Devo parecer-lhe uma tonta. Ainda bem que o fiz, talvez ele agora perceba.» Com uma esperança que tentava ser forte, repetiu para si própria: «Talvez ele agora entenda...» A realidade daquele beijo foi-se instalando nela, num misto de perplexidade e deslumbramento. Devagar, levou os dedos aos lábios e sorriu.

Subitamente, Violante ouve bater as horas no relógio, readquirindo a consciência de que se encontra num mundo diferente daquele em que esteve mergulhada. Foi irresistível aquela voz que a convidou a regressar ao passado. Há anos que não pensa na aldeia natal nem na sua infância. Só uma vez voltou ao Camarnal, três anos depois de ter partido para Lisboa, para enterrar o pai. Muito menos costuma evocar a época em que deu os primeiros passos no palco. A sua carreira foi feita de enormes sucessos. Apesar do seu triunfo, chegou à conclusão de que a fama não foi suficiente para lhe preencher a vida. A satisfação de ser famosa sempre se dissipou mal se afastava das luzes do palco e regressava ao anonimato obscuro do seu quarto.

Levanta-se e olha em volta. Numa mesinha está pousado um maço de folhas, na primeira das quais se pode ler o título de uma peça que ela própria escreveu: *A Segunda Morte de Anna Karénina*. Todo aquele interminável labor, os ensaios, estreias, festas, a história de um marido e de

alguns amantes, para quê? Na verdade, um verdadeiro desperdício de energia! Para jantar quase sempre sozinha, sentindo o tempo a deslizar lento entre os móveis. O sentimento de solidão acentua-se quando vai à sala de jantar e se vê de frente para uma mesa vazia, confirmando que Luís Henrique não virá. O seu comportamento não se conjuga com o que conheceu do marido. Contudo, com os anos, as pessoas mudam.

Às oito meia a porta abre-se. É a criada, perguntando se quer jantar. Violante ordena-lhe que levante a mesa e lhe leve um caldo morno ao quarto. Retira-se para os seus aposentos, despe-se e deita-se. Sente-se subitamente exausta. Não foram só as recordações, é o seu medo dessas lembranças e a certeza de que não é capaz de isolá-las dos seus sentimentos pelo filho.

No seu íntimo, sabe que ainda não se refez da leitura da correspondência de Rodrigo. Orgulha-se daquele filho, cujos segredos morrerão com ela. A sua transparência e sinceridade surpreenderam-na. Como gostaria de ter tido a oportunidade de lhe transmitir que fora alguém admirável! Um homem cheio de coragem num mundo em que a maior parte dos seres humanos ataca em matilhas e não perde uma ocasião de ferir ou arruinar as vidas que não obedecem aos seus preceitos. Pois o seu filho rejeitara todas as proibições; com uma altivez de quem já nada tem a perder, denunciara a hipocrisia, excluía de si o vazio abrupto de uma existência sem amor. Declarara ao homem amado nas suas cartas que fora ele a sua vida. Pudessem ela dizer o mesmo.

Lisboa, 26 de Julho de 1918

Ao fim da tarde, um homem de sessenta anos toca à campainha da casa de Violante. O porte é o de um cavalheiro de gosto refinado. A criada anuncia a presença do senhor Luís Henrique Borges Castro e esse anúncio suscita em Violante uma ansiedade incerta, constituída por doses iguais de nervosismo e expectativa. Contudo, ergue-se para o receber e mostra-se serena. A única coisa que revela a sua perturbação é o brilho trémulo dos olhos azuis. Há uns anos teria havido ódio entre eles, mas actualmente esse sentimento transformou-se apenas num incómodo igual ao que causariam uns sapatos apertados.

Luís Henrique entra na sala, parando a meio. Violante vai ao seu encontro, evitando dispensar àquele que foi seu marido uma cortesia excessiva que possa colocar no reencontro um valor especial. Um singelo aceno de cabeça assinala o cumprimento. Faz-lhe, mesmo assim, notar que o esperou na semana passada, ao mesmo tempo que, com um gesto, o convida a sentar-se e recua apressadamente para a poltrona onde ela própria se instala: não quer que ele lhe toque ou sequer lhe beije a mão.

De súbito, Luís Henrique é acometido por um ataque de tosse demorado. Agarra-se aos braços do sofá, muito vermelho, e mal consegue respirar. Passados alguns minutos, a tosse abranda e só então consegue esclarecer que a sua ausência se deveu ao facto de ter caído à cama com febre.

O fantasma da gripe espanhola paira sobre a sala, invadindo os pensamentos da criada e de Violante. Ambas mantêm uma máscara

inexpressiva no rosto, fazendo um esforço para ignorar a ameaça. O espaço ocupado pelo medo é, no entanto, muito maior do que elas dão a entender. A criada tenta distrair-se olhando a própria face reflectida nas vidraças da janela enquanto os candeeiros de iluminação pública se acendem na cidade. Violante pergunta a Luís Henrique se, apesar de tudo, já se sente melhor. E, como se adivinhasse os temores das duas mulheres, ele assegura-lhes de que se tratou de um vulgar resfriado, agravado pelo péssimo hábito de fumar charutos. Pelo menos, foi o que lhe disse o médico. Num tom jocoso, acrescenta que só se morre no exacto instante em que se tem de morrer, e nunca antes.

De pé, na ombreira da porta, a criada não abandona o seu posto. Os lábios movem-se em silêncio como se, porventura, rezassem, mas na verdade estão apenas a somar os perigos da gripe às tarefas a desempenhar numa estranha contabilidade. A doença havia-se espalhado pelas cidades europeias como uma nuvem de pó, uma poeira invisível, imperceptível e tremendamente ameaçadora. A sua senhora diz-lhe que o jantar será servido às oito e os temores da rapariga são revelados na pressa com que abandona a sala.

Mal a criada sai, o silêncio espalha-se pelas paredes. É um preâmbulo necessário, mas prolonga-se talvez excessivamente. Nessa pausa há o perigo de as recordações de Luís Henrique sobre o passado voltarem à memória, carregando com um peso excessivo tudo o que venha a ser dito. O adultério ainda persiste nos seus pensamentos e é natural que a morte recente de Rodrigo desperte especialmente as dúvidas sobre a paternidade. Tudo o que está oculto tem o enredo de um romance com muitas páginas.

Enquanto o silêncio se alastra e corre entre ambos como uma cascata, a tensão irradia, opressiva. Luís Henrique quer acreditar que, se não estivesse fraco e convalescente, viria certamente a caminho um dos seus ataques de fúria, teria forças para exprimir o seu ressentimento relativamente a Violante. Mantém-se, todavia, calado diante dela como um actor que se perdeu no palco, um comediante inexperiente que esqueceu o papel e não tem capacidade de improvisar. Sabe que o que está a impedir a sua ira de se manifestar é, acima de tudo, a serenidade de Violante. A estocada desferida na sua honra, mesmo passados tantos anos, ainda não cicatrizou, e uma alma orgulhosa como a sua tem dificuldade em encaixar o golpe. Ainda por cima, continuam casados, quando a República já permite o divórcio. De

repente, ressuscita a visão de Violante aos dezasseis anos na cerimónia do casamento. Recordar-se do seu vestido de noiva. Quanto ao rosto juvenil da rapariga, navega já numa névoa brumosa, não se mantendo suficientemente nítido para que a lembrança se associe à expressão da mulher madura que se encontra agora sentada à sua frente.

A realidade adquire uma dimensão ainda mais tensa. Olham-se mutuamente como se suspeitassem da solidez do que vêem; sem conseguirem saber ao certo se não serão apenas representações de si próprios, continuam a adiar as palavras. Chegará um momento em que um deles terá de dizer qualquer coisa, uma afirmação que, de algum modo, esclareça as razões daquela visita. Violante decide então quebrar o silêncio, perguntando a Luís Henrique se fica para jantar, fazendo uso das convenções que se aplicam ao momento – por fim, uma frase, mas baça, sem qualquer brilho, metida ali à força, que nas circunstâncias adquire uma importância desmesurada.

Ele acena afirmativamente com a cabeça e desiste de antecipar o que aconteceria se a sua raiva fosse mais firme. Busca na sua mente uns quantos lugares-comuns, como se tivesse posto uma personagem a divagar numa conversa banal. Falam então de novo da carreira dele nos palcos de Inglaterra e da sua longa permanência em Londres. Luís Henrique envolve-se num prolongado monólogo que Violante não tem nenhuma vontade de interromper.

– A princípio uma pessoa pensa que se habitua a andar de cidade em cidade, de hotel em hotel. Quanto parti, tinha trinta e seis anos e ingressei numa companhia itinerante. O director era um velho conhecido. Mas, ao fim de três anos de terra em terra, sente-se que não se é a mesma pessoa. Vive-se mais depressa, agita-se qualquer coisa dentro de nós, o coração bate de maneira diferente depois de cada espectáculo e, ao mesmo tempo, fica-se extenuado. Tive necessidade de me fixar num local e escolhi Londres. Nunca uma cidade me pareceu tão fascinante, a troca de ideias entre autores e actores, a riqueza cultural, a civilização. No início, é certo, fui tratado como se nunca antes tivesse representado uma peça, como um principiante. Mas tive sorte. Falava correctamente a língua e acabei por ser contratado por uma companhia que só levava à cena peças de Shakespeare. Deixei de pensar no passado, porque a alma que verdadeiramente me habitava passou a ser a de César que não atendia à premonição do áugure ou à do Mercador

de Veneza que prezava a vingança sobre qualquer amizade. Não tinha família nem ninguém à minha espera no apartamento alugado na Leadenhal Street quando regressava a casa. Tive, claro, alguns amores, mas cada uma dessas relações, à medida que me ia tornando mais velho, demonstrava quão vão era o esforço para compreender a verdadeira natureza das mulheres.

Nas últimas palavras há o desejo claro de provocar Violante e Luís Henrique franze as sobrancelhas como se isso o ajudasse a apreender a sua reacção. Porém, ela continua com o mesmo ar impassível. O seu rosto é uma máscara lisa: os olhos fixos no vazio e a boca imóvel. Quanto mais tempo fica em silêncio mais forte é a sua presença. Se ficou incomodada com o que ele lhe disse, isso manifesta-se apenas no tamborilar dos dedos sobre os braços da poltrona.

A frieza parece, aliás, o único modo de Violante se exprimir. E, como não conseguiu irritá-la, Luís Henrique resolve terminar a conversa sobre a sua carreira:

– O que existia na minha vida resumia-se a um cartaz pendurado no teatro com o meu nome escrito. Tinha vontade de ser alguém depois de sair do palco, mas só as passagens famosas do grande dramaturgo inglês me transmitiam ainda a sensação de estar vivo. Por dentro, sentia-me a morrer, como se ao sair de cena me retirasse também do meu espírito. Foi talvez por estar tão insatisfeito que regressei.

Assim que acaba de falar, arrepende-se. O seu discurso enveredou involuntariamente por confissões íntimas, não acautelou o tom severo com que gostaria de se ter apresentado em casa de Violante. Agora, até podia dar a ideia de que era ele quem vinha pedir perdão, que ela era a mais inocente das mulheres quando, na verdade, o fingimento era o principal traço da sua alma.

Há o que Luís Henrique diz e há também o ressentimento que cala. Como quem acredita que pode refazer um caminho, imagina-se a voltar ao passado e a escorraçar Violante de casa nessa época em que os outros actores da companhia comentavam que ela o enganava e tinha um amante. Em vez disso, fugira de Portugal para escapar aos embaraços criados por uma esposa grávida que se recusava a identificar o pai da criança. Não só o perturbava aquela dúvida torturante, mas também a forma como o observavam a ele nos salões da sociedade, com risinhos dissimulados e

piadas murmuradas ao ouvido, que faziam sobressair ainda mais a sua presença e a sua situação. Até hoje desconhece as razões de Violante para o ter traído. Talvez por isso, continua a olhá-la sem que o coração se acalme e à espera de que lhe seja restituída a voz do ódio.

Esperou longos anos para a confrontar – e, afinal, de que fala agora? De si próprio e dos incidentes da sua carreira. O sentimento de traição que tanta raiva lhe causou, o ciúme, a humilhação, todas essas emoções avassaladoras, parecem agora desvanecidas pelo cair do dia, espectros obscurecidos pela passagem do tempo. A recordação da história do seu casamento foi-se perdendo ao longo dos anos como um papel queimado nas chamas de uma lareira. Na memória persistem apenas os factos sob o foco de uma luz pálida. Ainda assim, nunca se esqueceu de que foi enganado por aquela mulher ainda bela, de uma beleza etérea, quase excessiva.

«Como são falsas as suas frases, como está cheio de mentiras o que diz.» Os pensamentos que ressoam na mente de Violante são comentários não ditos que nascem de uma cólera antiga. Ouviu o monólogo de Luís Henrique apenas vagamente, como se fosse surda, porque nada do que ele possa contar-lhe da própria vida lhe interessa. Permaneceu imóvel enquanto ele esteve a falar, correspondendo várias vezes com monossílabos e acenos de cortesia. De braços cruzados sobre o peito, encostada na poltrona, na penumbra, de rosto semien coberto, teve tempo para discorrer sobre outras coisas.

Talvez tenha passado anos e anos à espera de uma conversa definitiva com o marido, se é que tal coisa existe. Atribuiu o sentido da visita de Luís Henrique à morte de Rodrigo e às suas dúvidas sobre a paternidade do rapaz. Na época em que Violante concebeu, além do amante, também o marido dormia com ela, podendo, portanto, ser ele o pai. Ela não foi capaz de precisar de quem engravidara, mas isso há muito que perdeu importância e, com a morte de Rodrigo, todas as palavras sobre o assunto lhe parecem vãs. Porém, suspeita de que Luís Henrique foi ali para a acusar mais uma vez. Não o conseguirá: desta feita as censuras recairão sobre ele. Pela primeira vez, vai revelar-lhe todas as coisas que ficaram por dizer e que tem o direito de denunciar. Há muitos anos, a sua vida partiu-se em duas como uma paisagem rasgada ao meio por um sismo.

Quando Violante vira a cabeça em direcção à janela, vê as árvores do seu jardim abanarem. O silvo do vento na folhagem parece avisá-la de que é

melhor esquecer para sempre a época em que foi casada, mas a cena que testemunhou nessa altura retorna ao seu espírito com a mesma insistência com que o Inverno regressa todos os anos. Não pode ficar calada, tem de lhe dizer. Procurou apagar o que viu quando ainda era feliz no casamento, mas na verdade o esforço para deixar de pensar era uma forma de repisar os pensamentos. Só ela conhece as razões daquele espaço de silêncio à volta das suas palavras.

Entretanto, Luís Henrique levanta-se. Percorre a sala e observa atentamente os quadros, constatando que alguns vieram do apartamento que ambos partilharam. Tenta descobrir nas pinturas indícios das mudanças que houve no casamento, como se procurasse uma resposta para perguntas muito debatidas. Não encontra nada, mas sabe que tem de examinar com a mulher tudo aquilo que a vida passada significou para poder viver o tempo que lhe resta com serenidade.

Volta então a sentar-se na poltrona. Violante fixa o seu rosto altivo, os olhos pestanejando exactamente com a mesma expressão com que disse o sim no dia do casamento. Nesse instante, como o amava. Tal como ambicionara em adolescente, a sua paixão por Luís Henrique – depois da ousadia tremenda de um beijo – fez desenvolver nele sentimentos que pareciam iguais aos seus. Existe uma arte, como em tudo, para seduzir, e muito do que Violante fez para o cativar conduziu-o à decisão de se casarem. No princípio, Luís Henrique interpretou o cerco que ela lhe fez para o conquistar como ardis de uma jovem actriz, mas tudo na rapariga era tão ingénuo que depois de a beijar ele sentia-se o mesmo e outra pessoa, um homem completamente diferente do sedutor de mulheres que sempre fora. Vivía uma espécie de encantamento, no qual a crença dela no amor era também uma parte importante do ser feliz. Acabou por se deixar arrastar para uma ligação mais séria e os primeiros tempos do casamento foram de grande felicidade, pois Violante tentava agradar-lhe de todas as maneiras.

Na época, D. Olímpia ainda era viva, morreu poucos meses depois de assistir ao casamento. Violante não saiu do seu lado durante a agonia. Perto do fim, a velha senhora agarrou-lhe o pulso, como se não pudesse partir antes de lhe dar um conselho. As suas últimas frases foram sobre o neto, avisando-a de que mantivesse os olhos bem abertos. Luís Henrique tinha tido sempre muitas mulheres atrás de si e era uma tentação tornar-se um marido infiel. Envolta pelo desgosto da perda, Violante desligou-se das

palavras de D. Olímpia, acabando por estender sobre elas um manto de esquecimento.

Durante quatro anos, ela e Luís Henrique tiveram um casamento feliz, apesar de parecer que não separavam o seu amor de sentimentos teatrais. Eram sempre os protagonistas das peças românticas que iam à cena no D. Maria. Sabiam do corpo e dos sonhos um do outro como mais nenhum casal, pois exprimiam as mesmas emoções na vida e no palco. Havia uma espécie de entendimento entre eles que não se manifestava apenas por palavras; fluía, sem dúvida, uma atracção erótica quando cumpriam o seu destino de actores. Em cada uma das suas falas diziam muito mais do que era afirmado em voz alta. Contracenavam de uma maneira intensa em que o amor se tornava uma coisa séria, trágica e quase sempre fatal. Quando representavam o papel de amantes, não enganavam o público, não fingiam sentimentos. A voz de Violante fazia-se ouvir nos confins do teatro, como se a entrega amorosa fosse uma forma desesperada de viver ou morrer. O público vibrava até aos aplausos finais. Depois do espectáculo, Violante e Luís Henrique repetiam as mesmas cenas na vida real. A noite trazia a intimidade dos corpos e o desejo provocava sensações de doçura, aflição, prazer e finalmente o êxtase. Era talvez o único lado da sua vida amorosa que não podiam representar no teatro; as vozes da volúpia perdiam-se no nevoeiro dos lençóis.

Violante leva as mãos ao rosto. As recordações envolvem-na e os pormenores do passado marcam o presente com tremenda nitidez. Consegue controlar-se, distinguindo claramente o que pretende dizer a Luís Henrique. Não sabe se isso porá logo um fim à conversa, se haverá sequer jantar. O mais provável é que o marido se vá embora depois de a ouvir. No entanto, não hesita; e as frases saem-lhe da boca num tom de voz que se vai erguendo lentamente até atingir um tom de fúria, arrastando a veemência de uma acusação que ficou suspensa durante anos.

– Tu nunca me amaste, Luís Henrique – diz. – O que sentiste por mim não foi mais do que uma espécie de encantamento pela minha juventude. Admiravas-me também por ser uma actriz talentosa, mas não foi isso que te levou ao altar. Quiseste casar-te comigo porque eu não passava de uma rapariguinha apaixonada e ingénua que faria tudo o que quisesse. A nossa vida era exemplar tanto no palco como fora dele porque eu te oferecia uma coisa realmente muito rara: uma fé absoluta, cega e apaixonada na tua

pessoa. Pois bem: mantive essa entrega até ao dia em que te apanhei no teu camarim a fornicar com a francesa que fazia de Blanchette na peça que Brieux trouxe a Lisboa. Tu não me chegaste a ver, mas se tivesses virado a cabeça terias percebido como a confiança que tinha em ti desde jovem se perdeu para sempre. Eu era mesmo inocente nessa época: acreditava que o amor e o casamento significavam que os dois davam tudo um ao outro. *Tudo*, essa era a palavra exacta. Mas tive de a riscar do meu vocabulário no minuto em que te descobri com a francesa. Para ti, o amor como fidelidade, o apego apaixonado a uma só pessoa, nunca existiu.

Nesse momento em que viu o marido com outra mulher, Violante sentiu que perdera uma parte importante de si e da sua vida que nunca mais conseguiria recuperar. A raiva impôs-se às coisas do amor e agora, com o marido diante dela absurdamente humilhado com o que acabou de ouvir, os fantasmas do passado voltam ao seu espírito e deixam de ser espectros para se transformarem em acusações. Violante observa a reacção dele. Luís Henrique nada responde. Está pensativo, ausente nesse outro mundo mais real que é o desse tempo em que tudo aconteceu. O seu rosto torna-se cinzento e de olhos cada vez mais baixos. A vergonha que sente expande-se numa prolongada pausa, já que a revelação de Violante altera tudo no ajuste de contas que ali viera fazer.

Como um animal que chega de forma silenciosa e assusta quem o vê de repente, a criada entreabre a porta da saleta. Falando muito depressa, visivelmente arrependida de ter interrompido o casal, anuncia em voz trémula que o jantar está servido. Luís Henrique e Violante levantam-se ao mesmo tempo, seguindo-a até à sala de jantar. Violante não tem dúvidas de que a conversa não ficará por ali, mas o silêncio instala-se de novo entre eles.

No salão cinzento, entre os quadros e os móveis de estilo francês, comem a sopa absurdamente calados. Sucumbem a um constrangimento muito peculiar, surpreendidos com o que ainda representam um para o outro. Estão sentados nos dois extremos de uma mesa comprida e, entre eles, ergue-se uma enorme jarra de orquídeas. Mal se vêem, o que pode ajudar a aliviar a tensão, embora os gestos rígidos com que se serviram da carne assada que a criada trouxe digam o contrário.

Violante e Luís Henrique comem concentrados. Não porque tenham fome, mas porque sabem que precisam de reunir forças para o confronto

que se avizinha. Chegam a levantar os copos de vinho num brinde, porém, apenas como um acto solene e ancestral, e não como um gesto de reconciliação. Num canto afastado da sala, a criada pressente o tumulto entre o casal. A janela está aberta, mas não refresca o ar.

O silêncio impele Violante à introspecção. Recorda cada pormenor do momento em que entreabriu a porta do camarim do marido e viu Luís Henrique possuindo de pé aquela mulher. A imagem volta intacta à sua memória como se não tivessem passado anos sobre ela. Ia fazer-lhe uma surpresa e, ao vê-lo com a actriz francesa, lembra-se de que a sua dor foi menos forte do que o espanto. Fechou de imediato a porta. Como se precisasse de se convencer, repetiu para si, baixinho, que o amor de Luís Henrique nada tinha significado. Enquanto se afastava em direcção ao próprio camarim, foi invadida por uma raiva tão intensa que tudo o que estava à sua volta, as paredes, os objectos, mantiveram a cor, a textura e a substância, mas perderam subitamente os nomes. Pouco depois, a porta do seu camarim abriu-se e Luís Henrique entrou, como se nada fosse, acompanhado da francesa. Os dotes de actriz de Violante sobressaíram: sorriu-lhes como se tivesse acabado de chegar. Não pode deixar de notar que fluía entre os seus visitantes uma força estranha, uma cumplicidade que não era nem afectuosa nem erótica, mas uma mistura de ambas as coisas. Violante sentiu inequivocamente a excitação do marido e da actriz e, quando fitou o rosto dela, compreendeu pelos seus olhos brilhantes e inquietos que ela se estava a apaixonar. Reparou então num pequeno defeito da mulher – ela tinha um olho verde e outro castanho – e fixou-se desesperadamente nesse elemento estranho, pois o que acabara de ver era tão terrível que necessitava de pensar em algo bizarro para conseguir responder com acerto ao que o marido lhe perguntava.

A princípio, não soube o que fazer com o choque, como transformá-lo em outra coisa, numa vingança, por exemplo. Não confrontou Luís Henrique com a traição, porque sabia que ele iria mentir-lhe, negar, convencê-la de que não vira o que vira, de que fora certamente outro actor que surpreendera com a francesa, e não ele. Deixou passar o momento certo, aquele em que abrira a porta, porque tinha consciência de que não conseguiria suportar o sofrimento adicional da mentira. Horas depois, contudo, a ira tomou conta de si. Tinha direito a uma represália, exigia a desforra, sonhava com a retaliação.

As horas batem no relógio sobre a lareira. Em muitos poemas existem sequências de versos que dão forma aos sentimentos, mas nenhum dos que leu é capaz de desvendar o que Violante sentiu nessa tarde, o que talvez ainda sinta. O toque do relógio é forte, mas discreto quando comparado com a fúria que explode no seu peito como se tivesse ficado presa no passado. De repente, parecia que nunca chegou a sair desse tempo e que mais nada nem ninguém entrou no seu mundo desde esse dia.

Violante observa Luís Henrique a comer com prazer, apesar da acusação que ainda agora lhe dirigiu. Passaram anos sobre o episódio da francesa, e o sofrimento – como parece acontecer com ele – já devia estar extinto. Mas tal não aconteceu. A dor ficou à espera como um animal dócil que um dia, quando menos se espera, mostra as garras. Se Violante quisesse ser completamente sincera, dirá, sem hesitações, que Luís Henrique foi o seu único amor e que, por isso mesmo, a mágoa continuava a bater dentro de si como um coração secreto. A traição do marido correspondeu, ainda por cima, ao início de uma sucessão de escolhas erradas que culminou com a doação precipitada do próprio filho. O jogo do futuro ficou refém desse instante, a partir do qual o seu destino quase se inverteu. O episódio do adultério de Luís Henrique teve consequências para ambos que não se desvaneceram com o passar dos anos. Mais de duas décadas depois, Violante gostaria de poder riscá-lo da sua memória e por vezes imagina como tudo teria decorrido de forma diferente se ele nunca tivesse existido.

O seu amor foi, afinal, arruinado por uma francesa que partia para Paris na semana seguinte e que não voltaria a ver Luís Henrique. Porém, era provável que tivesse havido outras amantes antes dela, outras mulheres de que Violante, na sua cegueira, não se tivesse dado conta. Retrospectivamente, tudo na vida do marido ficou sob suspeita e muitos dos seus olhares e expressões passaram a significar a possibilidade de outras tantas conquistas. Durante os dias que se seguiram à descoberta da infidelidade, Violante podia ter planeado o suicídio, investindo na morte. Em vez disso, contudo, arquitetou retaliações. Morrer não passaria da aceitação da impossibilidade de alcançar o amor absoluto. Seria sempre um enlace, um último abraço na morte. A vingança, pelo contrário, era um tributo à vida, exigindo de si empenho na sobrevivência.

Uma espécie de sombra pairava sobre Violante quando nessa noite regressou a casa com o marido. Queixou-se de uma forte enxaqueca e disse-

lhe que, para não o incomodar, dormiria no quarto dos hóspedes. Nunca tal sucedera desde que estavam casados, mas havia um abismo que separava esse dia da véspera. O que antes lhe parecia certo não o era mais. Os elementos da natureza pareceram dar-lhe razão. Sem qualquer aviso, levantou-se uma tempestade. Relâmpagos e trovões rasgavam o céu, abatendo-se sobre o corpo da noite. Violante não conseguiu pregar olho e, quando a luz do dia já se projectava nas paredes do quarto, emergiu dos lençóis ainda trémula, mas determinada a reunir os frágeis fios que a podiam ligar à dignidade.

Nos dias e semanas seguintes, o seu comportamento com Luís Henrique não diferiu do habitual, mas o sentimento no seu coração era já o da vingança. Lera recentemente *Anna Karénina* e desprezava a escolha que a personagem fizera de se matar debaixo de um comboio. Não existindo já um amor místico pelo marido, não haveria para si nenhuma morte. A dor continuava a fervilhar, piscando para ela os seus duros olhos. Porém, mesmo com essa paixão que gerara tanta mágoa, não se livrara da ânsia de viver e, por isso, estava determinada a encontrar um amante exactamente como fizera o marido.

A sua primeira decisão foi a de deixar de representar com Luís Henrique. Certa manhã, comunicou-lhe que aceitara um convite para o papel principal de uma peça naturalista, chamada *Hedda Gabbler*, que seria levada à cena no Teatro D. Amélia. Luís Henrique estranhou, mas não pôde deixar de aprovar. Conhecia a peça: tratava-se de um papel extraordinário em que o talento da mulher iria sobressair nas suas mais admiráveis facetas. O texto pedia uma actriz um pouco mais madura, era certo, mas a aparência podia sempre ser iludida pela maquilhagem. Era a primeira vez, desde que se conheciam, que não actuavam juntos no mesmo palco. O abandono de Violante doeu-lhe mais do que estava à espera, mas, sem transmitir as suas reservas, aplaudiu a escolha. No entanto, ansiava por voltar a contracenar com a mulher em breve, pois, ao entrarem juntos em cena, alguma coisa de verdadeiro dominava a representação. Sentia-se enfeitiçado por uma súbita exaltação, uma espécie de loucura que não era exactamente igual ao que acontecia quando estava em casa com Violante. Era no teatro que a sua atenção se concentrava na mulher e na actriz. Inesperadamente, o amor que se tornara medíocre no quotidiano renascia ali em toda a plenitude.

Com a mudança de Violante para o Teatro D. Amélia, alteraram-se os hábitos do casal. Tinham horários desencontrados e começaram, naturalmente, a afastar-se um do outro. Violante não deixava, porém, que a memória daquela tarde de traição morresse e andava arisca, distante. Luís Henrique pressentia uma certa hostilidade no seu comportamento, embora não houvesse nenhuma razão que o justificasse. Tinha, no entanto, a certeza de que a paixão de Violante por si era mais forte do que todas as decepções. Às vezes, pela manhã, quando ela estava ainda meio adormecida, tocava-lhe e um ardor incendiava de imediato o seu corpo. Nessas alturas, levantava-lhe a camisa e possuía-a. Beijava-a com violência e cavalgava-a. Ela ia-se desligando da realidade e os olhos do espírito fechavam-se a tudo menos ao prazer. Mas, quando a olhava depois de a ter feito chegar ao êxtase, reparava que havia nela uma tristeza que nunca passava.

Depois de fazer amor com o marido, Violante sentia-se mais só do que nunca, não como uma mulher triste que ouve um pássaro no jardim, mas como um pássaro sem jardim, sem árvore e sem asas.

O número de admiradores de Violante não parava de crescer. Declarações ardentes proliferavam: as comparações com a pétala de uma rosa ou o luar que se reflecte no espelho das águas multiplicavam-se. Ela tinha consciência da perpétua agitação dos chapéus inclinando-se em seu redor. Podia ter escolhido para amante qualquer um: espectadores que a aclamavam, que suplicavam por um momento a sós no seu camarim, cavalheiros da nobreza – condes e duques – que lhe levavam flores ao fim da noite, arrebatados pela sua beleza no momento em que lhe beijavam a mão. Às vezes, imaginava que se entregava a um deles, mas essa possibilidade transformava-se rapidamente numa sucessão de imagens irreais e grotescas. O seu sentido romântico não se extinguia com facilidade. Perante avanços mais ousados, era invadida pela repulsa. Se estava destinada a perder-se, que fosse com alguém que lhe permitisse fazer renascer a mulher que fora outrora.

Permitiu-se, é certo, algumas intimidades com o novo encenador, Ferreira da Silva, que se apaixonou perdidamente por ela e cujo assédio era insistente: acompanhava-a a casa no fim dos ensaios, oferecia-lhe flores, transformava os elogios à sua representação num discurso infundável que acabava por irritar os restantes actores. O encenador não conseguia ocultar os sinais da sua paixão, chegando a gerar mau ambiente nos ensaios. A arte

consola muitas coisas: a beleza que vai faltando às actrizes mais velhas, a ausência de reconhecimento dos figurantes; mas nem sempre é suficiente para acalmar as amarguras, os rancores, as incontáveis invejas e a vaidade desmedida. Violante não ignorava estas tendências dos actores e, por isso, defendia-se dos colegas com atitudes de mulher frágil, desviando-se discretamente das intrigas.

Aos olhos de Ferreira da Silva, Violante não era apenas uma conquista como tantas outras. Declarou-se-lhe, beijando-lhe com fervor a mão e depois a boca, certa noite em que a acompanhou a casa de carruagem. As palavras dele tomaram a grandeza de um amor intenso e Violante deixou-se beijar. Já diante da porta, depois de repetidas súplicas para que se encontrasse com ele a sós, acabou por aceder.

Dois dias depois, no café da Baixa onde o encontro fora marcado, um terrível receio dominava-a: não queria nem podia sentir nada por aquele homem, caso fizesse amor com ele. A verdade é que realmente não sentia nada por ele. As imagens que perpassavam fugazes pela sua mente, nas quais se via nos braços daquele homem, causavam-lhe repugnância.

Ao vê-la chegar de longe, Ferreira da Silva, que estava à sua espera numa esquina próxima, aproximou-se da porta, entrou e encontrou instintivamente o caminho entre as mesas, avançando até ao canto onde Violante se instalara. Quando se sentou junto dela, o seu rosto exibia uma expressão de segurança – como se já tivesse obtido o que queria –, o que a assustou. Violante teve uma visão do encenador que era grosseira nas suas intenções. Uma vontade irreprimível de fugir tomou conta dela. O olhar de desejo daquele homem era o olhar da sua solidão. Então, não se importando de parecer ridícula, inventou uma desculpa e foi-se embora. A súbita partida de Violante fez vacilar o encenador. Ainda pensou em ir atrás dela, mas o café estava cheio e vira já alguns amigos comuns que, caso tomasse uma atitude impulsiva, poderiam fazer circular rumores sobre as suas intenções. Afinal de contas, Violante era uma mulher casada e os escândalos atravessam o mundo como um archote.

Mais doce do que o corpo de Violante era, para Ferreira da Silva, a aura da actriz – era o talento que estimulava a sua vaidade. A sua recusa em entregar-se poderia ter tido consequências quanto à sua permanência na companhia. Isso, porém, não aconteceu e a peça foi um êxito. Todos os jornais e gazetas de Lisboa elogiavam a interpretação de Violante, e o

encenador substituiu a sua inclinação amorosa pelo orgulho de ver a actriz brilhar. Aplausos sobre a sua estrela recaíam naturalmente sobre si.

Não chegaram a ser amantes, porém, a cumplicidade que existia entre ambos fez com que os boatos de um relacionamento se espalhassem nos meios artísticos. Essas vozes chegaram aos ouvidos de Luís Henrique. Nunca fora fiel a Violante. As mulheres não tinham perdido a beleza e a possibilidade de as conquistar fazia parte da outra metade da sua felicidade. Não conseguira entregar-se completamente à sua esposa. No entanto, ficaria furioso se Violante o trocasse por qualquer outro porque o ciúme fazia parte da sua natureza. Exigia dela uma lealdade total. Se, uma manhã, não encontrasse a mulher na cama, se porventura suspeitasse de que ela dormira com outro homem, a sua fúria não teria limites. Não havia, contudo, razões para suspeitas desse género. Os boatos tinham sempre o efeito de uma arma a disparar: uma explosão de factos, inferências e explicações delirantes perante os quais não havia fuga possível para a vítima. Toda essa confusão se resumia, afinal, num sussurro indistinto, sobre o qual ressoavam, nítidas e cortantes, inúmeras calúnias em relação à sua mulher.

Violante não desistira dos intentos de vingança, embora não tivesse enveredado por uma acção concreta. Traí-lo era, de um modo estranho, uma simples hipótese. A desforra não existia verdadeiramente, a não ser como o eco de uma voz interior que continuava a acumular rancores. Com Luís Henrique, parecia a mesma de sempre, pois dedicava-se ao fingimento com o mesmo empenho com que no palco a actriz não se distinguia da máscara.

Violante suspira para afastar do espírito estas memórias, rompendo um silêncio prolongado onde antes soava apenas o ranger dos móveis e a respiração da criada. Esta, imóvel, continua no seu canto aguardando ordens. Pressente que um terrível segredo une a sua patroa àquele hóspede, mas não pode evidentemente adivinhar que as lembranças da senhora são uma sucessão de imagens tão tumultuosas que vencem as barreiras do tempo e se instalam no presente, tão reais como o copo de vinho que leva aos lábios. Para Violante é um grande auxílio ter ali a criada à mão para a lembrar de que é altura de trocar os pratos, trazer as sobremesas ou pedir café. A sua presença ajuda-a a concentrar-se na realidade.

Como se a patroa tivesse o estranho poder de falar sem palavras, apenas com um breve aceno de cabeça, a criada compreende que é o momento de levantar os pratos e retirar-se. Tem pena de ser afastada de cena, como se

fosse impedida de assistir a um enredo misterioso. Sai com a ingrata sensação de que a conversa vai prosseguir, e muito mais interessante, cheia de revelações secretas pela noite fora. A porta fechou-se atrás de si. O casal fica de novo a sós. Violante começa a falar em voz baixa, porém, as paredes revestidas por painéis repercutem as palavras pronunciadas a meia voz, tal como a madeira de um violino faz ressoar o som das cordas.

Luís Henrique terá de deixar nesta casa a parte mais genuína de si, as suas dores e o seu sangue, pensa Violante. As recordações da traição dele ainda lhe doem como naquele tempo. Quer que ele sinta o mesmo. Não deseja que acalmem a sua indignação, pelo contrário, quer exacerbar a ferida e mostrá-la como quem exhibe uma injustiça à vista de toda a gente. Apesar disso, diz-lhe, num tom de voz que não aparenta o mais ínfimo assomo de ódio:

– Quando te foste embora, detestei-te ainda mais pela tua cobardia. – Luís Henrique parece não compreender, de tal forma Violante salta do episódio da francesa para a sua própria fuga. Mas as palavras são duras e o rosto parece esconder-se numa máscara de frieza. Ele vai para lhe responder no tom indignado que os homens costumam usar com as mulheres infiéis, mas ela antecipa-se-lhe: – É verdade que fiz o possível por arruinar a minha reputação, ajudei a espalhar a ideia de que dormia com uns e outros. Fechava a porta do meu camarim ao receber flores de admiradores, deixava que alguns homens me acompanhassem na carruagem em que regressava a casa. Face a este comportamento, os pensamentos das pessoas tornaram-se malévolos, corriam rumores em que cada frase revelava outra ainda mais exagerada. As coisas ampliadas são sempre mais excitantes! Eu imaginava que parte desses boatos chegaria aos teus ouvidos, claro. Lisboa não passa de uma aldeia onde todos se conhecem. A verdade é que os seres humanos não têm compaixão e fazem o que for preciso para escarnecer de um homem que supõem andar a ser traído pela mulher. Ainda por cima um homem como tu, que seduzia imensas mulheres sedentas de ternura e amor e que quase sempre lhes mentia quando as abandonava. Os homens invejavam-te por isso e algumas mulheres gostariam, evidentemente, de te ver humilhado. Não se pode mudar a natureza humana, bem sei. – Recostase na cadeira, fazendo um gesto de resignação e, de seguida, prossegue, dando de novo um salto inesperado: – Nestes últimos vinte e cinco anos mudámos muito, estamos irreconhecíveis, não nos podemos comparar ao que éramos. A vida fez de nós dois estranhos. Não faço ideia do que se

passa na tua cabeça, nem sei quem és. Talvez por isso não me custe contar-te a verdade, admitir que a minha única ambição na época era vingar-me. Parecia-me justo depois do que te vira fazer com a francesa e provavelmente com muitas outras mulheres. – A beleza de Violante parece de repente ter-se desvanecido: os cantos da boca descaíram e o olhar tornou-se trémulo. Acrescenta num tom desagradável: – Se pensasses bem, Luís Henrique, era muito improvável que eu tivesse assim tantos amantes. Deduzo que o burburinho terá começado com o assédio do Ferreira da Silva. A insistência dele dava nas vistas. E eu alimentava os ecos do escândalo para te magoar e não tenho nenhuns remorsos disso. Era um prazer docemente vingativo aquele que se escondia sob a máscara da dor amorosa. De resto, nem precisava de fazer grande coisa. Sempre que me demorava mais tempo com um admirador, alguém insinuava um relacionamento qualquer, encorajando com as suas palavras a tua imaginação. Os meus hipotéticos amantes cresciam em número para logo se desvanecerem num obscuro anonimato. Tudo invenções! Mas os rumores espalharam-se, conferindo à tua vida uma tensão desagradável. E, no entanto, nunca me confrontaste. Respondia-te a todas as perguntas que fazias como se não tivesse segredos e isso parecia satisfazer-te. A tua desconfiança foi sempre pouca efusiva. Nunca houve da tua parte nenhuma manifestação de cólera.

Violante cala-se subitamente. Convida-o a instalarem-se nas poltronas da sala ao lado, que são bastante mais confortáveis. Atravessam a sala de jantar, conferenciando com as próprias sombras. Nesse curto percurso, Violante interroga-se porque agora se apresentou como uma mulher inocente, quando, meses mais tarde, se envolveu com um jovem.

Ao chamar a criada para lhes trazer o café, vem-lhe à memória Duarte Palma. Sob a ténue luz amarela do candeeiro revê a suavidade do seu belo rosto, recorda o tom velado e doce da sua voz. A criada, trazendo um tabuleiro com bolos e café, chama-a à realidade.

Na época em que actuava no Teatro D. Amélia não havia nenhum amante, mas havia tantos rumores que era como se existisse – e isso talvez lhe devesse ter bastado como vingança. Luís Henrique quase não conseguia olhá-la nos olhos, de tal forma ela tinha transformado o casamento num jogo de vigilância. Mas Violante deveria ter-se contentado com essa desforra fabricada pela malícia dos outros.

Conheceu Duarte quando o teatro levou à cena *Romeu e Julieta*. Naturalmente, fora-lhe atribuído o papel da protagonista. Os amantes eram heróis que experimentavam uma paixão mortífera e se envolviam em situações perigosas para ficarem juntos. Romeu e Julieta arriscavam a vida. Com infinita coragem, enfrentavam obstáculos familiares, preferindo o eterno sepulcro ao vazio da separação. Julieta fingia matar-se, admitindo simular os mistérios da morte com a mesma serenidade com que aceitava os encantos da paixão. Romeu não era avisado a tempo de que a morte dela era um fingimento e não hesitava em suicidar-se. Quando Julieta acordava e via o cadáver de Romeu, ficava de pé, branca e vacilante. Os deuses habitavam para lá dos seus rogos, pelo que, não conseguindo dizer adeus ao perfume morno do corpo amado, acabava com a própria vida.

Violante e o actor que fazia de Romeu eram aplaudidos com a veneração que se dedica aos amantes loucos, aos poucos eleitos da paixão. Aquela peça levava o público a conceber o amor enquanto expressão plena da vida e a aceitar a aniquilação física das personagens como uma consequência natural dessa mútua devoção. O drama sustentava uma tensão em que amar significava simplesmente conhecer a alegria plena e morrer. Um silêncio sepulcral caía na plateia no desfecho, dezenas de pessoas suspendiam a respiração com a morte dos amantes. O destino trágico de Romeu e Julieta arrastava os espectadores para uma consciência perfeita de quão efémera e vazia era a sua existência. Na vida real, os encontros entre um homem e uma mulher eram quase sempre titubeantes, raramente existia no amor essa entrega sublime, uns tinham medo, outros eram frios e racionais, muitos alimentavam-se do ressentimento, raros eram os audazes.

O espírito da peça terá influenciado Violante. Durante algum tempo agiu como se a coisa mais importante fosse o nascimento de uma nova forma de amar. Essa insensatez que destruía o pensamento racional terá encorajado o seu caso com Duarte Palma. Tratava-se de um jovem diletante, filho de um rico industrial do Norte que, na época, passava uma temporada em Lisboa. Ao encarnar a personagem de Julieta, Violante mergulhava num mundo de sensações em que nada lhe parecia impossível. As palavras iam-se aprofundando dentro dela e o amor dava-lhe uma grandeza que não cabia em si. Não raras vezes, as lágrimas ainda lhe corriam pelo rosto quando voltava ao palco para as ovações e os aplausos, como se não lhe fosse possível sair da personagem.

Quando viu Duarte Palma a primeira vez, Violante ainda não tinha deixado a alma da peça. As frases de Julieta continuavam presas à sua respiração, vivia as suas falas com uma intensidade que se confundia com a própria vida. Não se lembra da sua resposta ao jovem cavaleiro que entrou no camarim para lhe oferecer flores. Também se apagou da sua memória o que ele lhe perguntou. O mais provável é que as palavras do rapaz se tenham esgotado depois de dois ou três comentários reverentes. No entanto, ainda hoje se recorda desse encontro, porque por acaso tropeçou e esteve quase a cair de joelhos aos pés do seu admirador. Ao segurar-se a uma mesa, levantou os olhos para ele e, com surpresa, descobriu um sobressalto no seu coração.

As visitas de Duarte repetiram-se. Era sempre cortês quando lhe oferecia flores, como se os seus motivos se prendessem apenas com a própria delicadeza. Ela sentia-se confusa, porque as suas razões para apreciar a presença dele no camarim nada tinham a ver com vingança.

Uma certa manhã, Violante saiu para fazer umas compras na Baixa. Viu Duarte Palma na Rua do Ouro, mas prosseguiu. Notou que ele atravessara para o outro lado do passeio, seguindo-a discretamente. Várias pessoas interuseram-se entre ambos, tirando-o do seu campo de visão. A partir de certa altura deixou de perceber se a perseguição continuava ou não. Sem saber como, de repente, ele apareceu à sua frente. Disse que não desejava importuná-la, mas que gostaria de convidá-la a tomar um chá. No instante em que lhe fez o convite, a ideia de o acompanhar pareceu-lhe um destino em si mesmo. Com toda a simplicidade, respondeu-lhe que teria todo o prazer nisso.

Encontros semelhantes repetiram-se uma ou duas vezes. Em certos momentos, dava ideia de que Duarte possuía o dom de transformar frases muito simples em declarações de amor. Noutras ocasiões, mostrava-se tímido e a expressão dos seus sentimentos era tão ténue que se tornava ineficaz. O que a boca dizia não se ajustava à cintilação dos seus olhos. Violante e Duarte tinham ambos vinte anos, mas, junto dele, ela sentia-se como se tivesse pelo menos o dobro da sua idade. O rosto do rapaz era pálido, os seus cabelos negros. Mais parecia uma personagem romântica extraída de uma novela de Camilo, esmagada pela sua própria fraqueza. O silêncio pesava, às vezes, sobre as palavras dele numa perpétua súplica de amor. Duarte acrescentava sempre um toque de melancolia às suas

afirmações, mesmo quando descrevia os hábitos burgueses da família ou discorria sobre os assuntos banais. Muito corado, contou a Violante que a mãe insistira em que passasse um ano em Lisboa antes de ir estudar leis para Coimbra, como se devesse fazer uma espécie de estágio na capital do reino. Vivia em casa de uma tia, irmã de sua mãe, que todos os dias o incitava a cortejar uma rapariga de meios e fortuna.

Por breves que fossem os seus encontros, Violante pressentia no comportamento de Duarte todos os sintomas de uma paixão intensa. Uma vez fora da presença dela, aquele amor devia forçosamente tornar-se ficção, uma espécie de sonho, mas toda a evidência lhe dizia que, mesmo longe de si, a veneração do rapaz persistia firme e obstinada. Sempre de faces afogueadas, ele continuava a procurá-la no camarim duas a três noites por semana, usando um excesso de floreios quando a elogiava pela representação antes de a voz se extinguir num murmúrio. Oferecia-lhe ramos de rosas vermelhas ou orquídeas brancas. Fixava-a como se tivesse alguma coisa a pedir-lhe, mas era como se, de repente, não se lembrasse do que ia dizer-lhe. Embaraçado, saía imediatamente. Corar da maneira como o fazia era a sua verdadeira declaração de amor.

Os sentimentos de Duarte esbarravam no facto de ela ser casada. Violante não era apenas uma mulher comprometida, representava a própria impossibilidade. Embora as lágrimas lhe queimassem os olhos, o jovem afastou-se dela durante um mês. Violante sentiu a sua falta. Na noite em que ele apareceu de novo no camarim com o ramo de flores, uma alegria secreta iluminou os seus olhos. Agradeceu-lhe as rosas. Ao mesmo tempo imaginou que lhe tocava na face, uma carícia lenta que parecia prolongar o tempo. De seguida, fitou-o atentamente, como se o rosto dele pudesse reflectir o sentido daquele gesto de ternura imaginado.

Duarte representava a voz do amor, para a qual ainda não estava pronta; como se essa voz chegasse de demasiado longe e precisasse de a ouvir durante uns bons momentos para poder voltar a acreditar nela. No entanto, a possibilidade de vir a amá-lo começou a parecer-lhe excitante. Não havia nenhuma proibição incontornável que a impedisse de se entregar a ele, tão-só os seus escrúpulos. E não por causa da lealdade que devia ao marido, mas sobretudo pela vulnerabilidade do rapaz.

Violante tinha consciência do seu poder sobre ele. Sentia, às vezes, uma súbita vontade de lhe oferecer uma noite na sua companhia como uma

dádiva secreta. Existia, porém, um problema de ordem prática: não dispunha de nenhum sítio para onde o levar.

Numa das noites em que Duarte foi ao seu camarim, pediu-lhe que aguardasse por ela num beco nas traseiras do teatro. Com a fugacidade de um fantasma, foi ter com ele e, sem lhe dar tempo para se escapar, beijou-o nos lábios. O luar desceu graciosamente sobre o casal, mas, quando Violante correu para a carruagem que a esperava, a lua ocultou-se de súbito atrás de nuvens muito escuras. O rapaz transformou-se num vulto e parecia imensamente só.

Na noite seguinte, depois do espectáculo, Duarte foi ter com ela ao camarim apresentando um ar ainda mais pálido do que o habitual. Sentia-se a viver num poema de amor desde que haviam trocado aquele beijo. Queixou-se-lhe de que não podia vê-la, nem tocá-la, que havia sempre gente à sua volta e que ela procedia como se nada tivesse acontecido. O seu rosto transmitia uma sensação de contínuo estremecimento, traduzindo um sofrimento duramente suportado. Escrevera-lhe no bilhete a acompanhar as rosas que ela tinha o estranho poder de fazer vibrar o coração dos homens como se fossem cordas. Antes de se despedir, confessou à atriz que nunca sofrera de forma tão infernal e que só Deus sabia como a amava.

Violante tinha a noção de que se pode magoar alguém não apenas com os actos mas também com as intenções. Aquele beijo fora consequência de dois desejos antagónicos: a vontade de se reencontrar com a candura do amor e a ambição de se vingar do marido. Desejava Duarte, mas não o amava, por mais que o desejasse em nome do amor. Quando examinava a possibilidade de se entregar a ele, sentia que ia cometer um erro tão censurável como os de Luís Henrique com as suas amantes.

Há estranhas coincidências nas vidas de todos, que levam a que se concretizem destinos que se pensariam, à partida, irrealizáveis. Nada de efectivo, nenhum momento de intimidade, teria acontecido entre ela e Duarte se uma atriz mais velha da companhia não tivesse ido passar uma temporada às termas para se tratar de um problema de reumatismo. Os obstáculos que tantas vezes impedem as paixões de se realizar ter-se-iam interposto. Mas a criada da colega acompanhá-la-ia e para trás ficava um gato que precisava de ser alimentado. A atriz pediu a Violante que fosse dar de comer ao bichano de vez em quando, deixando-lhe a chave de sua casa em Santa Catarina.

Só dois dias depois da partida da amiga, Violante se lembrou da promessa. Pediu à cozinheira um quartilho de leite e restos de peixe e saiu de casa, avisando a criada de que não demoraria. Chuviscava, como acontece amiúde nas manhãs de Outono. Ela usava um casaco fino e saía de cabeça descoberta, molhando um pouco o seu cabelo castanho. O ruído do tráfego, o rumor das carruagens, a passagem de tantos rostos iguais tentando escapar ao aguaceiro, poderiam tê-la distraído. Porém, ao cruzar a imparável corrente humana, surpreendeu Duarte abrindo caminho entre os transeuntes para ir ao seu encontro. Fez-lhe sinal para que a seguisse e, enquanto caminhava ligeiramente à sua frente em direcção ao Largo de Camões, a ideia de fazer amor com ele pareceu-lhe de repente natural. Era como se a voz do rapaz e os seus passos soassem como a sinfonia de uma orquestra, acordes suaves perseguindo-a com promessas de prazer. Duarte ia-se aproximando dela cada vez mais e acabaram por entrar juntos naquela casa estranha que cheirava a bafio.

O apartamento da actriz era grande, atravessado por um corredor comprido. Nas paredes do salão estavam pendurados quadros românticos de mau gosto e havia jarras e jarrões por todo o lado. No conjunto, a decoração era horrorosa. Violante pediu a Duarte que não fizesse barulho. Abriu, uma a uma, as portas, procurando o gato e averiguando se não estava mesmo mais ninguém. Duarte seguia-a. O seu olhar pudico, as mãos trémulas, revelavam que ele se sentia atordoado perante a possibilidade de se deitar num daqueles quartos com Violante. Perguntou qualquer coisa sobre a dona da casa, a voz tornou-se sussurrada, semelhante a um suspiro, hesitante como uma chama que vacila. Continuou a andar atrás dela, muito corado, como quem pisa um estranho território e pede desculpa por não ser mais corajoso. O gato estava na cozinha e Violante deu-lhe de comer.

O animal pareceu satisfeito por tratarem dele, fixando as visitas com ar atento, mas logo se escondendo delas. Violante virou-lhe as costas. Com infinita paciência, como se procurasse não o assustar, aproximou-se de Duarte e beijou-o. A boca dele abriu-se e a sua língua avançou cautelosamente. Deixou de querer esclarecer o sentido do que se escondia atrás das intenções da actriz, como se a compreensão do momento fosse feita apenas de sensações.

Beijou-a ao de leve no pescoço e nos seios, murmurando o seu nome. Foi a vez de Violante se deixar embalar, porque ele era infinitamente terno e

tímido. Levou-o para um dos quartos e enlaçaram-se na cama. Sentia que o seu corpo deixava passar a luz: com as carícias de Duarte, a sua pele tornava-se macia como a cera de uma vela. A impressão de o possuir era quase como um sofrimento, como um ponto de intensidade insuportável.

No fim, Violante reparou no tímido brilho de gratidão nos olhos do rapaz, um brilho inquieto e espiritual como uma oração vinda do seu íntimo. E depois, quando ele se levantou para se vestir, o olhar confirmava, num silêncio ardente, que o momento de amor concedido por ela havia excedido todas as expectativas.

Saíram duas horas depois, já a chuva tinha parado. Afastaram-se por ruas separadas. Violante sentia-se fisicamente viva, havia qualquer coisa de diferente nela que acompanhava uma respiração sussurrante capaz de deter todos os fantasmas. Prosseguiu o seu caminho sem notar os ruídos da cidade. O seu olhar mal pousava nas carruagens, nos transeuntes e nos ardinhas. Evitava também os pensamentos para diminuir o caos que inevitavelmente acabaria por chegar.

Encontrou-se com Duarte naquela casa por várias vezes durante um mês. Continuava a ser necessário tratar do gato. Depois de fazerem amor, caía sobre eles um silêncio acanhado. Ele pouco falava, excepto para lhe dizer que a amava. Violante sabia que o amor era uma palavra excessiva e que ali não tinha lugar. Quando deixassem de se ver, Duarte não ficaria senão com uma recordação daqueles dias e um sabor acre na boca. Ao despedirem-se, Violante sentia-se uma espécie de ave predadora que a todo o momento pode salvar a sua presa, mas se recusa a fazê-lo. Mal o olhava para que ele não visse o brilho da culpa que decerto irradiava.

O passado continua a perturbar Violante enquanto pergunta o número de colheres de açúcar que Luís Henrique deseja na xícara de café. Ele pede-lhe autorização para acender um charuto. Um gesto atencioso seria chamar-lhe a atenção para os malefícios do fumo após uma gripe, mas Violante limita-se a consentir. Falar dos problemas de saúde dele é entrar numa intimidade que não deseja de modo nenhum recuperar. Dar-lhe conselhos poderia enganá-lo quanto à natureza dos seus afectos, como se ele fosse um parente que não vê há muito.

Após o café, a criada serve um conhaque ao senhor e sai da saleta. Violante fica de novo a sós com Luís Henrique. Inclina-se então sobre a mesinha que se encontra entre eles e serve-se a si própria de um licor.

Ganha tempo, mas de nada serve adiar o que tem a dizer. Reinicia, mesmo assim, a conversa num tom cordial, amavelmente, como se estivesse a abordar os pormenores da crónica de uma existência que não a sua. Recorre a uma voz neutra, que costuma usar no teatro para evocar actos realizados por personagens pouco relevantes, mas que, nas circunstâncias, soa a falso:

– Sabes, há certos acontecimentos nas vidas das pessoas que só mais tarde percebemos como foram decisivos... Ao contrário do que sucede no teatro, os dramas da existência às vezes passam por episódios que, se calhar, não tiveram uma importância por aí além, mas é deles e da sua aparente simplicidade que nascem as mudanças, mesmo as mais dolorosas. Tu mataste qualquer coisa em mim naquela tarde em que te vi com a francesa. Não me causaste apenas dor, não feriste somente o meu orgulho de mulher; esses sentimentos são demasiado pequenos para quem, na verdade, viu o seu mundo desabar. Eu amava-te com uma paixão poderosa, das que se perseguem com uma força desesperada. Deixei a minha aldeia, o meu pai, entreguei-me à representação e a uma vida numa cidade estranha, depositando em ti uma fé completamente cega. Não sei se te recordas, mas eu era uma criança na altura. Só muito tempo depois me apercebi como coloquei o meu destino nas tuas mãos no momento em que te vi em Alenquer e te troquei pelo meu pai como se te conhecesse desde sempre. E nem quando me abandonaste na casa daquela horrível costureira deixei de confiar em ti.

»Nos primeiros anos de casamento fui infinitamente feliz. Vivia com naturalidade a fama e os aplausos, na medida em que me sentia segura contigo e sabia que tu eras responsável por tudo isso. Como um trapezista que se lança no ar sem rede, acreditei que tínhamos um acordo sem restrições. Queria tudo de ti, conhecer as tuas recordações, os teus sonhos e os teus desejos para melhor te satisfazer. Era a mais perfeita das vidas, porque tínhamos o melhor de duas existências. Uma delas era no palco. Convivíamos fora das rotinas regulares e talvez nos amássemos de uma maneira ainda mais perfeita quando contracenávamos. Sabia-te mulherengo, a tua avó, de resto, tinha-me avisado disso; mas não me passava pela cabeça que, depois de tantos anos de cumplicidade, não tivesses comigo uma sinceridade incondicional. Além disso, acreditei que, ao casares comigo, mudasses por amor. Só uma ingénua de dezasseis anos seria capaz de pensar que a natureza de um homem se pode modificar.

Violante começa a falar mais depressa, como se de súbito quisesse dizer de uma só vez a Luís Henrique absolutamente tudo aquilo que sofreu.

– Durante meses, depois de ver o que vi, mantive-me fiel a um único propósito: vingar-me. Amava-te de uma forma que não admitia concessões. Tinha direito à tua fidelidade. Se eu não tivesse observado a tua traição, talvez nunca tivesse perdido a confiança em ti. Fui incapaz de te trair com qualquer um e, por isso, deixei que as vozes maledicentes se soltassem como feras sobre a minha reputação. Não conseguia acompanhar o ressentimento do espírito com o corpo. Quando fazíamos amor – continuávamos a dormir juntos, como te recordas –, aninhava-me em ti, sugava-te como se dessa forma fosse possível exigir-te a verdade. Obrigava-te a contorceres-te de prazer, não para te agradar, mas para que, de cabeça perdida, entendesses a gravidade da tua traição. Quando tudo terminava, só me apetecia sair da cama, assustada com o facto de andar a perder todos os dias mais um elo da minha alma.

»Uma mulher mais fraca talvez se tivesse suicidado. Durante meses, olhava para os objectos do apartamento que tínhamos comprado juntos e parecia que não me pertenciam. Observava a casa e pensava: estes são os meus móveis, aqueles quadros comprei-os na exposição do pintor tal, mas estranhamente as coisas haviam perdido solidez. Fechava e abria as portas dos quartos e das salas como se abrisse e fechasse entradas secretas da nossa vida conjugal. Nada fazia o menor sentido, todos os objectos podiam ser removidos e trocados por outros, as juras de amor, que antes tinham um significado na minha vida, pertenciam agora ao passado, mesmo que continuasses a fazê-las. Murchas estavam todas as palavras.

Violante ergue-se da poltrona. Atravessa a sala. Corre as cortinas, olha longamente para a rua e abre um pouco a janela. O ar está abafado dentro de casa. Àquela hora já não passa ninguém. De costas voltadas para Luís Henrique, como se as palavras viessem de fora, e não do fundo de si, prossegue:

– Sim, o suicídio podia terminar com o sofrimento. A imagem da morte tornava-se libertadora: o esforço dos músculos e o bater do coração a chegarem ao fim, a alma a resignar-se ao vazio. Mas nunca levei a ideia muito a sério. O pensamento em si era uma cobardia. E, para o contrariar, mostrava-me sedutora, expondo-me ao desejo dos homens e exibindo a

minha beleza. Acabei por me envolver com um rapaz, mas senti-me ainda mais sozinha do que antes.

O pior é que ainda procurava o teu amor e usava o mundo como um imenso cenário para te recuperar. Não havia dúvida de que te amava quando te devia odiar. Era mais grave ainda do que isso: não te conseguia abandonar quando sabia que era o que devia fazer. Duarte Palma foi o meu único amante enquanto estive casada contigo, embora as más-línguas dissessem que tive vários além dele. Apesar de não o amar, nos primeiros tempos, talvez por piedade, tive o cuidado de não o assustar com a verdade. Quando o via a olhar-me com adoração, ficava constrangida com aquilo que representava para ele e, sem dúvida, com a gravidade da aventura em que mergulhava. A vulnerabilidade da sua juventude trazia pureza ao amor físico, como se fosse um jogo, uma brincadeira em que nos tornávamos um só corpo. De um modo estranho, que eu própria não entendia, nos braços dele o prazer tornava-se uma coisa doce. Essa era a minha vingança sobre ti.

Neste ponto da conversa, ainda de pé, Violante vira-se de novo para Luís Henrique e fita-o. O olhar dele demonstra perplexidade perante a sinceridade de tudo o que acabou de lhe ouvir. Talvez por isso não adoptou uma atitude de indignação, nem descobriu dentro de si as palavras ofensivas que noutro momento teria proferido. Só o choque pode, aliás, explicar porque não saiu da sala de imediato. A serenidade de Violante deixa-o atordado.

– Não te perguntas qual foi a tua responsabilidade em tudo o que aconteceu? E como te atreveste a pedir-me contas todos estes anos? Era isso ainda que aqui vinhas fazer hoje, não era? – pergunta-lhe Violante de súbito. O tom de voz tornou-se duro e altivo. Lentamente, Violante regressa ao seu lugar na poltrona e serve-se de novo de uma bebida: verte no próprio copo uma boa porção de conhaque.

Lisboa, 27 de Julho de 1918

A parte da cidade que se vê habitualmente da janela está mergulhada na escuridão. Coberta por um véu negro, só muito ao longe se vislumbra a luz hesitante de um candeeiro eléctrico. A meia-noite já bateu no relógio da sala, mas o visitante não mostrou vontade de partir. As palavras de Violante remexeram nas suas feridas e a sinceridade dela fez-lhe doer o peito, mas talvez seja demasiado tarde para desistir de a escutar até ao fim.

Sentado na poltrona, Luís Henrique esboça uma vaga intenção de se defender, chegando ao ponto de lhe dizer que, até ao seu caso com a francesa, foram um casal exemplar – o que é evidentemente uma falsidade, pois aquela foi apenas uma das suas inúmeras traições. Não lhe é fácil exprimir o que deseja expor. Como dizer a verdade sem o perigo de dar realce precisamente ao que destruiu a relação? E, no entanto, gostaria de sair dali guardando uma recordação feliz de Violante, mesmo que para isso tivesse de acrescentar novas mentiras aos embustes de outros tempos. Talvez pudesse simplesmente pedir-lhe que pusesse de parte o passado. Não há dúvida de que a sua mulher arrasta as recordações de uma forma exagerada. Já passaram vinte e cinco anos e aquilo que o levou ali não se prende com as suas aventuras, mas com a resposta clara a uma questão que há muito o atormenta. De nada valem, porém, os seus desejos: o rosto de Violante, o duro olhar sem disfarces, define-se no ressentimento.

Ela levanta-se de novo, inquieta. Ambos sabem que novas confissões irão transformar as memórias numa vertigem onde se adivinham mais ofensas e,

por isso, tomba um novo silêncio entre ambos. A questão da criança paira no ar, mas o discurso de Violante fez Luís Henrique compreender que já nada espera dele, que apenas mantém a esperança de ser compreendida, ainda que a verdade lhe pareça mais do que nunca uma coisa intransmissível. Volta a sentar-se, mas agora expõe o rosto à luz do candeeiro. Ele repara como tem as faces vermelhas acesas pela raiva, mas isso não o impede de admirar a sua beleza. Está, evidentemente, mais velha, mas ainda conserva aquele tipo de sensualidade vulnerável que noutros tempos o seduziu. A idade tornou a sua beleza até mais expressiva.

Se houve indícios de compaixão da parte de Violante, desvaneceram-se. Nota-se que pretende continuar a examinar a época em que foram casados, cena por cena; quer esmiuçar cada lembrança, de forma a demonstrar que foi ele quem destruiu a vida de ambos e a levou ao abandono do filho. É preciso que tome consciência dos danos, não permite que ele mergulhe no abismo do esquecimento só por terem passado tantos anos. Sente necessidade de o responsabilizar e, para isso, procura palavras cruéis e rejeita cuidadosamente sonhos e ilusões. Só frases amargas que descrevam com frieza os estragos do passado lhe podem servir. Retoma então o discurso e a sua voz reflecte uma espécie de obstinação em que cada pausa é um recomeço:

– Quando te foste embora para Inglaterra, deixei de comer. O estômago sentia repugnância por todos os alimentos. Só bebia chá. Fiquei tão magra que me mantive no teatro uns meses sem que o público percebesse a minha gravidez. – Hesita, porque falar do que aconteceu à criança que trazia no ventre é ainda mais penoso agora, depois de ter lido as cartas de Rodrigo; e Luís Henrique aproveita a interrupção para se explicar, sem levantar a voz:

– É verdade que me fui embora de repente, sem avisar. Mas tu sabias que naquela situação eu não podia fazer outra coisa, tinha de ser assim.

Violante sente naquele exacto momento uma certa grandeza trágica. Talvez por isso não o olha directamente quando afirma:

– Talvez não tivesse. Afinal, eu surpreendi-te com uma mulher e não fugi. Se não tivesses partido, eu não teria dado o meu filho. Uma coisa levou a outra, a criança será sempre o símbolo da nossa separação. Mas o abandono do meu filho marcou-me para sempre. Carreguei comigo a sua ausência como se tivesse dado à luz um bebé roxo e frio, já sem vida. Para mim, tudo se terá iniciado com o fracasso do nosso casamento. Quando era jovem

imaginava a vida como uma árvore. Chamava-lhe a árvore das possibilidades. Só na juventude se vê a vida assim; depois ela surge como uma estrada imposta de uma vez para sempre, como um túnel de onde não se pode sair. Foi o que aconteceu comigo no dia em que dei Rodrigo para adopção.

Por breves instantes, fica calada. Mil estremecimentos de uma dor antiga formam a vastidão do seu silêncio. Abana a cabeça num gesto de negação e retoma o que estava a dizer. A voz é agora cansada.

– Nada poderá alterar os factos, mas, como a tua avó acreditava, o fim da nossa relação estava escrito nas estrelas, era uma fatalidade. O destino atravessa a porta que abrimos, convidamo-lo apenas a iniciar o percurso que necessariamente será o seu. O destino chega, portanto, com avisos, determina a nossa vida de acordo com regras que mais não são do que a expressão da nossa própria personalidade. Ao fim e ao cabo, eu tinha visto o teu comportamento com as mulheres antes de me casar contigo. A tua infidelidade era tão previsível como a possibilidade de me apaixonar por ti quando me salvaste da mediocridade ao fazeres de mim uma das melhores actrizes de Lisboa. Amei-te muito, mas desde que nos casámos que um estranho temor fazia parte dos sentimentos que eu reprimia, pois nunca soube se te casaste com a actriz, se com a mulher. Mesmo antes dessa tua traição, houve alturas em que o medo quase não se distinguia do amor. Estou a falar do pavor pungente de que me abandonasses, a parte obscura da minha felicidade. Compreendes isto?

– Sim, compreendo – respondeu Luís Henrique quase em surdina, sentindo a picada daquela confiança.

– Quando tinha catorze anos e me apaixonei por ti, tinha uma metáfora para o amor – prosseguiu Violante. – Acreditava que o amor podia ser um perfume de rosa, um perfume expansivo que te podia atravessar. Duarte fez-me sentir de novo o aroma da rosa, com a promessa romântica de uma doce promiscuidade. Dele, em troca dos destroços que lhe dava do meu amor, tomava a pureza de sentimentos, e o mundo, por instantes, voltava a ficar inteiro. Corri riscos, bem sei. Os dias em que não nos encontrávamos eram para ele tempos de angústias, dúvidas e exasperação. Quando nos reencontrávamos, Duarte só repetia que não conseguia imaginar o seu futuro num lugar onde eu não estivesse. Percebi que não lhe podia continuar a mentir e, num desses encontros em casa da minha amiga, revelei-lhe que

não o amava; mas a confissão pecou por tardia, pois ele respondeu-me que tinha amor que chegava para nós dois. Queria que eu lhe reservasse um lugar na minha vida, qualquer que fosse. Quase parecia orgulhoso de ser a minha vítima. Em certo sentido, a vingança que planeava para ti recaiu sobre ele. Vês como pode ser irónico o destino?

Luís Henrique parece concordar com um aceno de cabeça, mas são na verdade os seus olhos que dizem que sim. Violante continua:

– Além disso, nos dias em que me encontrava com Duarte, procurava-te sempre à noite. Como se o meu corpo tivesse estado em convalescença e só se manifestasse vivo nas horas nocturnas. Tu chegavas cada vez mais tarde e deitavas-te com cuidado, temendo acordar-me. Mas eu surpreendia-te mostrando-me completamente nua debaixo das cobertas e tocava-te sob a camisa comprida. A sensualidade que emanava das minhas carícias fazia com que não me resistisses. Então, enquanto fazíamos amor, acusava-te de seres a razão da minha infelicidade e logo a seguir beijava-te avidamente. Recordas-te? Vivia num estado de sofrimento abominável e dizia-to abertamente. Tu, porém, não sabias que eu te apanhara com a francesa e, como tal, não aceitavas que eu andasse tão infeliz, achavas que era mais uma vez a actriz a falar pela boca da tua mulher. Beijavas-me também de forma excessiva e aos poucos arrancavas do meu peito uma dor que se transformava em fruição, que era desviada para um prazer sem limites. Assustas-te com o que te digo? É demasiado? Compreendo! Sei que na época fui longe demais.

Luís Henrique, chocado com a linguagem erótica de Violante, pensa que devia levantar-se e sair, mas não chega a erguer-se da poltrona. Na verdade, na exaustão em que o seu corpo se encontra, sente uma estranha indiferença, um torpor que o faz olhar para os factos como se não fizessem parte da sua vida. E ainda precisa de fazer a pergunta sobre a paternidade de Rodrigo. Não pode continuar a viver sem obter de Violante uma resposta definitiva.

É uma da manhã. As pálpebras cansadas, o corpo quase a explodir, transmitem a Violante a necessidade de um momento de solidão. Precisa de distanciar-se fisicamente do marido. No momento em que mais desejava ser sincera, sente-se a dizer coisas que podiam ter sido engendradas para uma espécie de reconstituição dramática da verdade. Mas ele também gostou sempre mais da actriz do que da mulher.

– Vou fazer um café à cozinha – avisa. – A esta hora a criada já se foi deitar. – A interrupção é abrupta e Violante sai de imediato da sala. Luís Henrique não tem oportunidade para se despedir, embora ela lhe tenha feito notar que já é tarde com a referência à criada, mas não deseja partir agora, sabe que ainda não terminaram. Recosta-se na poltrona, apoia-se num gesto de resignação. Ouviu descrições explícitas de teor sexual, tão detalhadas como as de uma prostituta. Porém, no seu espírito restam apenas sentimentos confusos: a necessidade de defender a sua dignidade de homem funde-se com a descoberta de que não existe honra alguma numa zanga de décadas. A ira deveria cavar abismos de uma profundidade devastadora em qualquer pessoa, mas na sua alma só se vislumbra um buraco. As palavras de Violante criaram um vazio na sua mente como se tivessem sido proferidas num mundo com regras muito diferentes das que conhece. Quase não se sente perturbado com o que ela confessou, houve, inclusivamente, um momento em que ela lhe pareceu a heroína que sempre foi no palco.

Sozinha na cozinha, Violante tem vontade de gritar. Sente-se uma mulher patética por ter partilhado assim tão desabridamente os seus segredos, a sua intimidade, com um homem que a abandonou há mais de vinte anos. Na penumbra, enche uma cafeteira de água e acende o fogão, mas, insensíveis à luz mínima da chama, os objectos consagram as sombras, distanciam-se da realidade e de novo é o passado que regressa com todos os seus pormenores. Violante sente o seu ritmo, percebe a sua pulsação, mas sabe que pertencem a uma época em que já nada pode ser mudado. Senta-se à mesa com a cabeça entre as mãos, à espera de que a água ferva, e pressente a presença do seu próprio fantasma, a parte de si mais atenta que observa o que se passou nas últimas horas com o distanciamento com que uma actriz olha a sua personagem.

E então revive, como se o tempo tivesse sido abolido com um simples gesto, as noites quentes e abafadas desse Verão dando lugar à frescura de um Outono que deixou nas árvores tons alaranjados. A representação de *Romeu e Julieta* terminara e, no D. Amélia, Violante ensaiava uma nova peça, uma adaptação de *Teresa Raquin*, um romance de Zola, em que faria, naturalmente, o papel da protagonista. A estreia fora marcada para finais de Novembro e Violante tinha cada vez menos tempo para Duarte. O rapaz sofria, de resto, com a perspectiva da separação, uma vez que já se devia ter

apresentado em Coimbra para iniciar os seus estudos de Direito e, agora que Novembro estava à porta, não podia adiar mais a partida.

No dia da despedida, Violante foi com ele à estação. No caminho até Santa Apolónia, o rosto de Duarte era o espelho do desespero. Escutava os ruídos que vinham da estrada misturados com o vento, mas só se importava com o silêncio dela. Durante todo o percurso só conseguia enfrentá-la com frases inacabadas. O silêncio de Violante era um nevoeiro. Ela sabia que lhe devia um abraço apertado que serenasse a sua angústia, mas ao mesmo tempo tinha a noção de que a sua partida era um alívio e não deveriam, de modo nenhum, voltar a ver-se. Mediu a distância que a separava de uma palavra consoladora, mas não conseguiu senão dizer ao jovem amante que a relação que tinham vivido fora uma espécie de sonho que ele teria decididamente de esquecer. Repetiu duas vezes a frase, como se falasse com um jovem soldado prestes a partir para a guerra e não devesse acrescentar mais nenhuma dor às que viriam.

Violante não previra realmente a satisfação com que se despedia de Duarte até ao momento em que chegou à plataforma e percebeu que desejava o fim da ligação. Nunca o amaria; dissesse o que dissesse, mostrar-lhe-ia sempre e só a impossibilidade de corresponder ao seu amor. Para evitar cair nas profundezas do desespero, acabara por arrastar o jovem para uma situação semelhante à sua e, simplesmente, não podia prolongá-la nem mais um dia. A capacidade de Duarte para dar respostas sensatas desfez-se a meio do caminho. «Sinto-me um grande idiota», disse, cedendo às lágrimas; mas logo a seguir fixou obsessivamente os lábios de Violante na expectativa de que ela lhe pedisse de repente para ficar. Porém, ela nunca afirmou nada nesse sentido.

Para Duarte, o amor não ocupava meio céu, mas o céu inteiro. Tocou ao de leve no rosto de Violante e aqueles três dedos fugidamente poisados na sua face não eram apenas uma carícia, mas também já uma lembrança. Aquela paixão não tinha de ser um segredo, mesmo sendo ela uma mulher casada. Era isso que precisava de lhe dizer e não era capaz: podiam fugir para o estrangeiro e viver um grande amor longe de tudo e todos. Será que ela não entendia?

Violante reconhecia no olhar do rapaz a mesma loucura incessante com que ela adorava o marido. Tentou poupá-lo à dor, mas as fórmulas carinhosas não estavam já ao seu alcance, acabara de largar o fio que os

ligara e cuja ponta Duarte segurava ainda, parado no mesmo sítio, como se ainda lhe fosse possível não partir. O rapaz não passara de uma gota de chuva na tempestade que se tornara a vida de Violante, uma gota que o vento em breve iria secar.

A pressa, a confusão das malas, a necessidade de encontrar um bagageiro, todas essas coisas práticas tomaram conta dos gestos de Violante para se afastar do sofrimento de Duarte. O rapaz agarrava-se desesperadamente a fragmentos de esperança, pois o que lhe estava acontecer era tão doloroso que necessitava de alguns pontos de apoio para não perder o equilíbrio. Abraçou-o apenas no último instante, sem o encarar, enquanto os olhos dele se enchiam de lágrimas. O alívio marcou o momento em que o viu subir para a carruagem e assistiu à partida do comboio. A insistência de Duarte, uma expressão no rosto que dizia que esperava tudo dela, começava a exasperá-la.

Estranhamente, o desaparecimento do jovem marcou uma viragem na sua vida, que retomou no ponto em que se encontrava antes de se confrontar com a infidelidade de Luís Henrique, como se a sua traição tivesse apagado também a do marido. Surpreendeu-se a si própria, tentando compreender se o que sentia seria o início do perdão. Antes a cólera estava presente em todos os seus gestos, mas o ressentimento desvanecera-se. Até certo ponto, achava-se capaz de recomeçar. Pensava que o caso com Duarte ajudara, afinal, a retomar a sua relação com o marido, a aceitar que a vida de um casal passava obrigatoriamente por minúsculas fraudes, que poucas relações haveria isentas de mentiras.

Talvez se tentasse enganar ou convencer para poder reacender o seu casamento sem demora; talvez preferisse permanecer na zona de ignorância para poder viver em paz ao lado de Luís Henrique. No fundo, sabia que ele iria certamente traí-la de novo, que de novo lhe mentiria. Tratava-se tão-somente de suportar a ideia do que ele calasse diante de si – melhor, do que calassem diante um do outro porque agora também ela tinha um segredo. Não seria muito diferente do que acontecia com os outros casais.

E, no entanto, Duarte não acreditava na ruptura. As suas cartas – que remetia sob um nome feminino fictício – chegavam quase diariamente. Eram páginas e páginas preenchidas por declarações de amor de uma espantosa intensidade, com frases sublimes na tentativa de que a paixão sobrevivesse à separação.

A culpa despertava por detrás dos seus olhos frios enquanto lia. Porém, não lhe respondia, até porque considerava que, ao fazê-lo, agiria contra ele, dando-lhe esperanças, e também não conseguia enfrentar sem angústia a folha de papel que às vezes colocava na escrivaninha para lhe dizer que já nada sentia por ele. Teria de ser Duarte sozinho a reconstruir a sua existência noutros termos. Escreveu-lhe apenas uma vez para o recordar de que era casada, insistindo em que a esquecesse. Duvidava, no entanto, de que ele fosse abençoado pelo esquecimento, pois é da natureza do amor fazer com que pormenores insignificantes se fixem para sempre à memória.

Duarte, mesmo assim, nunca desistiu de escrever. E, pior do que isso, ameaçava continuamente voltar a Lisboa e ir ter com ela ao teatro, fazendo lembrar uma criança que não desiste de testar a resistência de um adulto. A sua letra, pequena e apressada, demonstrava a um tempo precipitação e violência. Às vezes, não terminava as frases. As cartas tornaram-se repetitivas como se, obsessivamente, Duarte remexesse as mesmas cinzas para as avivar, não percebendo que o fogo estava extinto.

Violante preocupava-se cada vez mais com os sentimentos de Duarte como quem observa um barco desgovernado avançando por um rio demasiado estreito. O seu caso com o rapaz começava a tornar-se uma fonte de cuidados. Se ele viesse a Lisboa, não se contentaria em espreitá-la de longe. O maior receio de Violante, agora que tentava recuperar o seu casamento, era vê-lo surgir de repente no teatro, querendo cobrar alguma coisa do passado. Os riscos em relação a essa possibilidade agravaram-se enormemente quando recebeu um convite para ingressar de novo no elenco do Teatro D. Maria assim que *Teresa Raquin* saísse de cena no D. Amélia. Trabalharia na peça *A Morta*, de Lopes de Mendonça, sobre os amores trágicos de Pedro e Inês, e, embora Luís Henrique não contracenasse com ela, fazia parte da companhia e naturalmente não desejava que a surpreendesse no camarim com um rapaz transtornado, exprimindo por si uma paixão ardente.

Violante aceitou o convite para regressar ao Teatro D. Maria tendo justamente em vista voltar a contracenar com o marido. Prevvia que, mais cedo ou mais tarde, mesmo que não nesta primeira peça, tornassem a ser personagens românticas e caprichosas, ora zangando-se, ora reconciliando-se, ora, como secretamente desejava, reinventando o amor conjugal. Desde sempre que ela e Luís Henrique demonstravam grande cumplicidade no

estudo das cenas dramáticas. Mais ninguém sabia como ela gostava de viver num mundo povoado por personagens excessivas e como era dependente da aclamação do público.

Ao discutir a nova peça com Luís Henrique, sentia a voz da protagonista emergir da mulher que era agora, o seu corpo desdobrando-se no corpo de Inês, porque, como ela, fora tocada por uma paixão sem limites. Enquanto estudava o seu papel, Violante imaginava-se já a regressar a casa depois do espectáculo na companhia do marido, tendo-o redimido de todos os seus defeitos. Ele explicar-lhe-ia como correria a actuação e o que precisava ainda de ser aperfeiçoado, ilustrando a melhor forma de declamar o texto, a entoação certa, os gestos mais adequados a cada fala. Acrescentaria ainda que a actriz deve sonhar a personagem, porque é do contacto com o sonho que a emoção nasce ou se completa.

Violante tremia, pois, de terror perante a ideia de ver Duarte entrar no seu camarim depois de um espectáculo, com os seus ramos de flores enormes, aproximando-se dela com seus queixumes de desejo e perda, tentando reconquistá-la. Agora, que o casamento parecia estar estabilizado, essa possibilidade atemorizava-a mais do que nenhuma outra, parecendo-lhe, pela primeira vez, que a sua aventura fora um erro de proporções gigantescas. Escreveu então ao jovem pela última vez, suplicando-lhe que não lhe enviasse mais nenhuma missiva, que era uma mulher casada e a sua reputação estava em jogo.

Duarte parou, aparentemente, de escrever. Violante viveu esses dias num estado de enamoramento permanente pelo marido, como se tivessem acabado de se conhecer. Porém, de um dia para o outro, tudo se alterou. A angústia tomou conta de si quando fazia as provas dos vestidos para a nova peça. Tinha dois fatos luxuosos para usar em cena, um verde e outro vermelho, e por duas vezes a costureira teve de alargar a cintura; da segunda, movendo as mãos, infatigável com a agulha, ergueu de súbito os olhos e pousou-lhe a mão na barriga, como se quisesse transmitir a Violante que o seu segredo permaneceria com ela bem guardado. Nesse mesmo instante, Violante percebeu a origem dos seus enjoos matinais nos últimos dias e como os ensaios junto de Luís Henrique a haviam distraído de tudo o mais.

Assim que pensou na gravidez, a presença de um bebé no seu ventre tornou-se fisicamente viva. Primeiro sentiu-se imensamente feliz,

acreditando que aquele filho iria ligá-la ao marido pelo elo mais sólido de todos. Nesse dia, durante os ensaios, concentrou o olhar da Castro na paixão da maternidade. A voz mostrou-se poderosa quando, sem a menor hesitação, afirmou que ajudaria os filhos a triunfar no reino. Somente quando saiu do teatro sob um crepúsculo nevoento e subia já em direcção a casa, se foi instalando nela uma levíssima agitação. De repente, as ruas e os prédios oscilavam diante dos seus olhos, como se tivessem vida própria. Começou a chorar. Um homem de casaca preta veio contra si e uma carruagem quase a atropelou, porque a fronteira entre o que pensava e a realidade era um muro tão frágil que Violante o via já a desfazer-se. Um estranho temor apoderou-se dela, a angústia enterrou-lhe no peito as suas garras. Tinha uma dúvida e, em vão, procurava a resposta que não vinha. A incerteza lançava no ar uma pergunta difícil. O marido seria de facto o pai do seu filho? A interrogação desencadeou nela uma espécie de pavor, e o que parecera, a princípio, um sonho bom estava longe de o ser. Tentou lembrar-se de quando lhe tinham vindo as regras pela última vez, mas fez e refez as contas sem conseguir chegar a uma conclusão. Depois, esforçou-se por recordar quando partira Duarte, mas as dúvidas não desapareceram. A ansiedade não se dissipou ao entrar em casa, mas procurou pôr de lado as suspeitas, trocando ditos e gracejos com as criadas.

Para aliviar a tensão, resolveu festejar a gravidez com um jantar especial. Seria à luz das velas que transmitiria a boa-nova ao marido. Como se comandasse um exército, organizou o silencioso vaivém das duas criadas para que a mesa se cobrisse com os cristais e as pratas da avó Olímpia, bandejas de bolinhos e frutas vermelhas da confeitaria e um peixe coberto por um molho especial.

Luís Henrique tinha-a avisado de que chegaria cedo, mas atrasou-se. E as horas foram avançando, fazendo com que Violante criasse mil imagens de infidelidade. A imaginação despertava nela torturantes fantasias eróticas. Dilacerada pelo ciúme, imaginava o marido nos braços de outras mulheres. Um tremor de raiva possuía-a. Depois, num exercício de pacificação, lembrou-se do seu caso com o jovem Duarte e os seus olhos, antes acesos para fixar com fúria os cravos vermelhos artisticamente dispostos numa jarra, tornaram-se gentilmente pensativos e dispostos a perdoar. Pouco a pouco, o cansaço fez com que abandonasse culpas e visões e acabou por adormecer à mesa. Quando Luís Henrique chegou e a viu assim,

transportou-a para a cama com tanta delicadeza que ela quase não deu por isso e se deixou levar.

Na manhã seguinte, Violante acordou com a luz do sol a entrar livremente pelas janelas. O marido não correrá as cortinas. A claridade deslizava pelas paredes do quarto, conquistando espaços à noite. Os seus pensamentos, ainda mal saídos da sonolência, não se detinham na dúvida que na véspera atingira, antes desenvolvendo uma cena de idílio em que Luís Henrique, ao tomar conhecimento do seu estado, a beijava demoradamente. Observou o marido a dormir, decerto retido no meio de um sonho. Acordou-o devagar com carícias. Depois, aproximou a boca do seu ouvido, e os seus lábios, suaves como uma brisa, sussurraram-lhe a novidade.

Luís Henrique abraçou-a. Pareceu feliz ao saber da gravidez, mas o sorriso demasiado discreto disfarçava uma subtil hesitação. Continuava a achá-la praticamente uma criança. Sabia que era a mais versátil das atrizes e que era capaz de fazer desfilarem de forma convincente num palco uma sucessão de personagens, selvagem ou comedida nas suas emoções, transformando-se noutra pessoa. Tinha dúvidas, contudo, de que o papel de mãe lhe assentasse tão bem.

Durante um mês, Violante viveu a gravidez como se as luzes do mundo incidissem sobre si. A felicidade estava na curva do corredor onde instalariam os aposentos do filho, despontava das janelas do futuro quarto do bebé, manifestava-se nas encomendas de roupas minúsculas à costureira. E, porém, de um dia para o outro, o mundo estilhaçou-se à sua volta e a sua vida desmoronou. Tudo aconteceu por causa de um estúpido erro. Depois de um mês de silêncio, Duarte voltou a escrever.

Luís Henrique chegara a perguntar no passado quem era aquela amiga que Violante tinha em Coimbra que tanto lhe escrevia; e ela esclarecera que se tratava de um conhecimento antigo, dos seus tempos do Camarnal, sem o mais pequeno tom de hesitação na voz, apesar da mentira.

No dia em que a carta de Duarte chegou, Violante precisara de sair cedo para ir provar um vestido com pregas que disfarçasse o seu estado, pois *A Morta* tinha estreado com considerável sucesso e ela contava que se mantivesse em cena ainda umas boas semanas, pelo menos enquanto conseguisse disfarçar a gravidez. Não estava em casa quando a criada recebeu a correspondência e pousou, por engano, a missiva que lhe era dirigida na bandeja onde habitualmente deixava as cartas do senhor, já que

as que eram endereçadas a Violante eram normalmente levadas para a saleta onde estudava as peças. Também Luís Henrique se encontrava de pé, já prestes a sair, quando a criada entrou com a bandeja; e, sem vagar, nem reparou que a carta que tinha na mão não lhe era dirigida e abriu-a num gesto mecânico. Leu as primeiras linhas e sentiu uma vertigem: um homem desconhecido declarava o seu amor a Violante, evocando encontros passados. Era como se a sua mulher se mostrasse para ele com a cara de uma desconhecida, um rosto estranho e dissimulado, e isso era atroz, insustentavelmente atroz.

Aquela suspeita representava o fim da inocência. Sabia que a mulher tinha inúmeros admiradores que a tentavam seduzir e desejou dar-lhe o benefício da dúvida, mas, quando encontrou como remetente o nome da suposta velha amiga de Camarnal que vivia em Coimbra, percebeu que a mulher lhe mentira. A fúria envolveu-o numa escuridão densa. Perdeu o domínio de si. A criada ainda estava de bandeja na mão quando ele gritou que desaparecesse da sua frente. Ela deu um salto e correu para a cozinha, espalhando as restantes cartas no chão.

Violante levanta a cabeça. A água que fervia para o café quase se evaporou. Sente que não é necessário fechar os olhos para rever tudo. Para lá da escuridão, para lá do espaço familiar da cozinha, imagina que terá sido precisamente depois de ler essa carta que Luís Henrique começou a planear matá-la. Ele dirá que isso não passa de uma invenção dela e negará que alguma vez o tenha tentado. Mas sabe que foi exactamente nesse dia que o marido sentiu a estocada da traição e que, durante semanas, as ideias assassinas engatilharam o seu pensamento como munições de uma arma que era preciso carregar. Porém, muito antes de o ter visto tentar acabar com a sua vida, houve um almoço dramático em que confessou a Luís Henrique que, na verdade, o filho poderia não ser dele. A versão que recorda dessa refeição está tão alterada que às vezes pensa que se trata apenas de uma das suas falas no teatro.

Após ler a carta de Duarte, Luís Henrique caiu na poltrona, imóvel, com as folhas na mão. Um abismo separava-o do dia anterior. Não sabia dizer qual o sabor exacto da traição, se o fel, se o vinagre. Tinha um peso tremendo no coração. A quietude do seu corpo servia de contraste ao turbilhão da mente. De forma vacilante, a dúvida sobre a paternidade daquele filho começou a surgir. Depois, a possibilidade de lavar a sua

honra, matando Violante, apareceu como uma visão pacificadora. A sentença que ditavam as leis dos homens perante o crime de adultério para as mulheres era a morte. Por um desvairado instante, começa a imaginar o homicídio numa fantasia em que apontava uma arma a Violante e ela colhia o tiro, indefesa.

Não era capaz de se decidir sobre a melhor maneira de a assassinar. Com uma faca, entre golfadas de sangue? Com veneno, misturado no chá que ela sempre tomava antes de se deitar? A ideia de dormir ao lado de uma mulher que horas depois se transformaria num cadáver dissuadiu-o, mas vários outros cenários se desenharam no seu espírito, a par das precauções que o livrariam de se tornar um suspeito.

Violante regressou a casa ao fim da manhã e ficou surpresa ao encontrar o marido no salão. Questionou-o sobre os motivos para não ter saído, como revelara ser a sua intenção. De rosto taciturno e singularmente distante, atrás das páginas de um jornal, ele respondeu-lhe que desistira da ideia. Na sua voz colocada de actor, pediu-lhe simplesmente que o deixasse sozinho.

Enquanto se afastava, Violante teve a sensação de que aquela manhã clara, de ligeira brisa, lhe preparara uma cilada. Confirmou os seus piores receios quando a criada lhe revelou que o comportamento do senhor se alterara no momento em que lhe entregara a correspondência. Violante procurou os envelopes largados na bandeja, pensando imediatamente na hipótese de ter chegado uma carta de Duarte, mas nada encontrou de suspeito.

Violante retirou-se para o quarto para se refrescar um pouco. Momentos depois, a criada bateu-lhe à porta, avisando-a de que o almoço estava servido. Ao entrar na sala de jantar, a sua apreensão sobre os humores de Luís Henrique não se dissipara, mas decidiu mostrar-se segura e desenvolver durante a refeição uma conversa frívola sobre a prova do novo vestido. No entanto, ao cruzar a soleira da porta, foi como se atravessasse uma passagem muito escura.

O marido estava sentado à mesa. Baixou lentamente o jornal, tentando ver, um por um, os traços do rosto de Violante, primeiro o queixo, de seguida o nariz e, por fim, os olhos, como se esperasse que a sua face revelasse um sinal da traição. Mas ela ali estava diante dele, com o aspecto de sempre, sentando-se com um ar perfeitamente natural, pousando as mãos na barriga e dizendo algo de banal sobre a costureira.

Durante a refeição, Luís Henrique calou-se deliberadamente, o olhar vazio como o de um homem surpreendido por uma tragédia. Os garfos dos dois comensais pareciam suspensos no ar, embora ambos continuassem a mastigar. No fundo, Violante tinha a noção de que, a qualquer momento, a pergunta por que esperava acabaria por chegar. Movida pela ansiedade, bebeu todo o seu vinho. O copo vazio caiu na mesa numa espécie de desfalecimento, uma última gota correu para a borda e ficou suspensa por instantes antes de cair. E foi então que Luís Henrique tirou a carta do bolso, a pousou na mesa e interrogou a mulher, transmitindo a impressão de que a sua própria vida dependeria da resposta:

– Foste amante deste rapaz que te escreve cartas de amor?

Ao contrário do que havia planeado, Violante não protestou inocência, não deu, aliás, sinal de ter ouvido a pergunta, nem com um esgar expressivo, nem com um gesto da mão. Era absolutamente necessário que dissesse alguma coisa, mas o silêncio instalou-se na sala de jantar como um enigma por esclarecer. Luís Henrique repetiu a pergunta, desta vez aos berros. Ela podia ter mentido, a sua consciência advertia-a de que a verdade seria perigosa, provocaria sem dúvida uma ferida que faria correr sangue. Mas a raiva, por um segundo, impôs-se ao arrependimento, foi mais forte do que ela: afinal de contas, tinha sido o marido quem primeiro traíra o pacto conjugal e renegara o seu amor. Ela sabia que se encontrava num daqueles momentos em que a alma levanta a voz e protesta com um grito que foi reprimido demasiado tempo; e, por isso, não conseguiu dar outra resposta senão:

– Sim e não. Mas, se queres saber, este filho só a mim pertence.

Houvera como que uma intrusão dos seus receios nas palavras proferidas. Fora obviamente longe demais ao mencionar a criança. A frase saíra-lhe em voz muito baixa, num sussurro, mas aos ouvidos de Luís Henrique era decididamente um grito. O que Violante acabava de dizer não lhe soara bem, parecia uma tirada mal ensaiada. No entanto, os olhos dele pareciam chispar e, pressentindo os riscos que adviriam de uma tal declaração, Violante levantou-se de súbito com a intenção de abandonar a sala, adivinhando moverem-se no espírito do marido sinais de uma violência desmedida. Ao vê-la de pé, ele ergueu-se também e, para não lhe bater, puxou a toalha da mesa com tanta força que pratos e copos foram atirados

contra o corpo dela. Violante manteve-se imóvel. Antes de sair, de cabeça erguida, fixou o marido com desprezo.

Estranhamente, no momento de se refugiar no quarto, não sentiu nada. Foi um daqueles momentos, não muito frequentes, em que o cérebro fica vazio. Só mais tarde a certeza de que estaria tudo acabado entre ela e o marido lhe aflorou a mente. A tristeza e a angústia sobrevieram. Então, as lágrimas correram-lhe pelo rosto num choro incontrollável. Se Luís Henrique não tivesse saído de casa imediatamente após a discussão, batendo com a porta, Violante teria voltado à sala para lhe implorar que não a deixasse. Por instantes, quis acreditar que estava sob os holofotes de um palco. Via-se a si própria suspensa num vasto espaço luminoso, de pé, com os braços enlaçados e os olhos muito abertos, em súplicas repetidas. Depois deitou-se na cama e fechou os olhos. As horas foram passando, a noite chegou, tudo ficou silencioso como se não existisse ninguém, nem mesmo ela.

Contra o que seria de esperar, o casal viveu com uma certa serenidade ao longo das semanas que se seguiram, adiando as conversas sobre o futuro. Calavam-se cada um à sua maneira, porque cada palavra proferida iria remexer em feridas, abrir-se para um abismo – e não se sabia onde iria cair. Apesar de tudo, Violante não queria acreditar que estivesse a viver os últimos momentos do casamento, por mais estilhaçado que estivesse. Esse silêncio prolongado levou-a a pensar que Luís Henrique estava dividido. Mas, na maior parte do tempo, a sua cabeça rodopiava confusa, o seu coração apertava-se com medo de que o marido a abandonasse. Desconhecia, porém, que, nesse período, Luís Henrique só se imaginava a matá-la e que era essa obsessão que o trazia silencioso e fizera com que não tivesse deixado imediatamente a casa. Depois daquele dia funesto, todas as emoções o haviam abandonado, excepto o desejo de a castigar com a morte. Para conter a cólera que sentia, quebrara dentro de si todos os laços de afecto que o uniam a Violante e agora o sangue fervia-lhe nas veias como acontece aos soldados antes de uma batalha. A infidelidade da mulher era uma sombra que o acompanhava para todo o lado. Sempre que saía à rua, o tom de voz baixo e artificial que predominava nas conversas à sua volta levava-o a pensar que a traição de Violante era conhecida no meio dos actores. A sua honra reclamava uma morte. Era fácil, aliás, matar uma mulher, mais difícil era fazer desaparecer o remorso que chegaria depois.

Lisboa, madrugada de 27 de Julho de 1918

Luís Henrique esperou quase uma hora pelo regresso de Violante. Não só é o mais improvável dos convidados, que se deixa ficar mesmo quando a anfitriã o abandona e lhe lembra a hora tardia, como sente em todo o corpo a tensão daquela noite. Além disso, enquanto esteve sozinho, não parou de se confrontar com o fantasma de um bebé que pode muito bem ter sido seu filho. O cansaço começa a pesar-lhe nos olhos, mas, apesar das horas, não é sono o que sente.

Finalmente, Violante reentra na sala com um tabuleiro e duas chávenas. Apaga a luz do tecto, deixando aceso apenas um pequeno candeeiro. Oferece uma xícara de café a Luís Henrique, depositando de seguida a bandeja na mesa. Repara como aquele rosto, que viu tão poucas vezes nos últimos vinte e cinco anos, lhe é tão familiar na penumbra e, ao mesmo tempo, terrivelmente distante. Pensa, no entanto, em como ele envelheceu: as suas feições já pouco conservam dos belos traços do homem de outrora. É sobretudo o estado dos olhos que mais a impressiona, com o branco raiado de vermelho e as pálpebras inferiores inflamadas.

Retira uma chávena para si e saboreia o café lentamente em silêncio. Está extenuada mas, cruzando os braços sobre o peito, retoma o discurso como se não o tivesse interrompido há uma hora. Recomeça a falar com uma voz neutra, como quem descreve as circunstâncias de um acidente num eléctrico ou a queda de um desconhecido na rua. Fala com aparente indiferença, como se narrasse as aventuras ou as desgraças de alguém anónimo e não

estivesse prestes a confrontar Luís Henrique com o facto de ter atentado contra a sua vida. Na realidade, até certo ponto, esse episódio já não lhe interessa. Deixou de ser tão fatalmente importante conhecer a verdade como pensou durante aquelas décadas de espera. Tudo o que outrora eram factos tornou-se pó e cinzas.

Apesar de tudo, taceia as palavras à procura das mais adequadas. Talvez esteja a mentir a si própria. Talvez deseje ainda desmascarar as intenções dele na época. Quando pensa no que aconteceu, a palavra «morte» expulsa todas as outras. Não se move, nem pestaneja, mas prossegue:

– Quando te vi no funeral, achei que, no fundo, estavas convencido de que Rodrigo era teu filho. E só aceitei encontrar-me contigo porque tive a esperança de que, trazido o passado à superfície pela última vez, as recordações dolorosas pudessem enfim apagar-se.

Luís Henrique interrompe-a apenas para explicar que estava no funeral por ser parente dos pais adoptivos de Rodrigo. Ou ela já não se lembrava de que também eles eram Borges de Castro? Violante, porém, ignora a interpelação e prossegue:

– Casei-me contigo porque te amava, já o repeti diversas vezes. – Di-lo num tom quase doce, mas de repente a voz muda para um tom belicoso e cheio de recriminações: – Vivi quatro anos a teu lado e, no entanto, tu nunca te deste por inteiro, excepto quando contracenávamos. No teatro, sim, éramos o par perfeito, porque aí a mentira e a verdade pouco significavam. Quando representávamos, podíamos amar-nos ou odiar-nos, mostrar-nos corajosos ou cobardes, ser fiéis ou infiéis, sem que tivéssemos de responder perante ninguém, excepto o público. Em cima de um palco, as acções não têm outras consequências que não sejam o aplauso ou a vaia. Mas na vida tudo é diferente, os comportamentos desencadeiam reacções, algumas bem violentas.

Sabe que há uma insinuação no que acaba de dizer. Talvez por isso Violante retoma o tom mais brando do início, como se tivesse de partilhar um segredo que só se pode confessar com muita cautela: – Ao leres a carta de Duarte, a vergonha e a humilhação ocuparam-te muito mais do que o teu amor por mim alguma vez conseguira. A fúria apoderou-se de ti quando confirmei que tivera uma aventura com o rapaz. Foi um momento de delírio em que forças interiores se tornaram poderosas. São sempre imprevisíveis os momentos em que uma pessoa decide revelar-se, mas fi-lo

provavelmente porque o meu ressentimento não tinha desaparecido. Existia algo na minha raiva continuamente prestes a explodir. E, nesse dia, explodiu mesmo. Em certa medida não fui eu quem optou pela sinceridade, foi a verdade que me escolheu a mim. Perdi a cabeça, mas no meio dessa loucura é também possível que tenha acreditado que tu admitirias as tuas infidelidades e acabaríamos ambos a proferir palavras de perdão. Raramente, a realidade coincide com este tipo de previsões, bem sei. Já no meu quarto, ri-me antes de começar a chorar, um choro que não aliviava. E então percebi que devia ter negado tudo, alegar que o homem que me escrevera só podia ser um desses admiradores obstinados. Num casal como nós, as mentiras tinham de se ajustar umas às outras. Porventura, o meu erro foi justamente ter rompido esse pacto subtil que ordena a vida de um casamento civilizado. O ciúme é a mais poderosa das paixões e persegue os homens com a sua força desesperada levando-os até a praticar crimes.

Luís Henrique percebe a insinuação. De súbito, interrompe-a, irritado.

— Estás a exagerar! Não és nenhuma vítima — declara. — Era absolutamente natural que eu ficasse chocado. Que marido não ficaria? Mas isso não significa que tenha tentado matar-te. Aliás, como sabes, eu fui-me embora e nunca mais te procurei. — Porém, o tom trémulo revela que quer dar à voz uma entoação austera, mas não está a ser inteiramente sincero. Tenta prosseguir, mas Violante não o permite: esta é a sua noite, e não a dele.

— Sim, passaram-se anos. Mas não fui eu que quis este momento, nem nunca fui a Londres procurar-te. E, mesmo assim, sabia que, por mais que esperasse, ele chegaria, como se fôssemos dois actores que, parecendo já afastados do teatro, têm consciência de que, mais tarde ou mais cedo, voltarão a contracenar. — Pensa na imagem que acabou de usar e, em tom de aparte, acrescenta: — E escusas de dizer que o somos mesmo.

— Seremos? — pergunta Luís Henrique, irónico.

Violante finge não o ouvir e prossegue:

— Não te vou perguntar nada porque tenho a certeza de que quiseste matar-me. Mas também não quero que sintas alívio. Quero a verdade, e a verdade, para mim, não são apenas alguns factos decrépitos. Dormíamos sob o mesmo tecto, mas deixámos de nos falar. A minha gravidez, só por si, constituía um ultraje e desencadeava na tua mente pensamentos sinistros. Odiavas-me, e esse ódio tornou-se um laço ainda mais forte do que o amor.

Não, não abanes a cabeça. Durante semanas, amadureceste a ideia de me matar. Uma única obsessão apoderou-se por inteiro do teu espírito: a necessidade de lavares a tua honra.

– Estás a inventar! – protesta Luís Henrique, ao mesmo tempo que abandona a sua postura de estátua e pigarreia.

– Vi-te no teatro a tentares acabar com a minha vida naquela noite. – O seu olhar cruza-se com o de Luís Henrique, demonstrando não recear as consequências do que se prepara para dizer. – Estava escuro. As silhuetas dos actores, que aguardavam a sua vez de entrar em cena, podiam parecer mais carregadas ou mais fugazes, consoante os finos raios de luz que incidiam sobre as suas figuras. Tinham terminado os dois primeiros actos e o terceiro já ia avançado. Eu (ou seria melhor dizer Inês?) permanecia no centro do palco, completamente só, condenada e abandonada, como estão sozinhos aqueles que sabem que vão morrer. Sentia-me consumida pelo desespero da Castro: iriam matar-me em breve, mas, na cólera contra os assassinos do rei, exprimia ainda o que restava da minha força. Houve um instante em que olhei para os bastidores e me pareceu ter-te visto. Depois prossegui, expondo o sofrimento de quem aguarda os seus carrascos, numa absorção total da loucura humana, natural em alguém que luta pela própria vida. Ao mesmo tempo, a minha memória recolhia os pormenores desses segundos em que virara a cabeça, armazenava-os, tentando esclarecer o significado daquele vulto.

»Era um daqueles momentos em que a personagem já se sabia morta, mas o seu coração insistia em bater. Entrei totalmente na pele de uma mulher a quem os algozes estavam prestes a trucidar com os seus punhais. Os homens do rei rodeavam-me. Cravava nos meus assassinos as pupilas apavoradas quando me foi dado ver, nos bastidores, o brilho do cano de um revólver. Distingui a tua silhueta à meia-luz. Devias estar escondido, hesitando puxar o gatilho. A obscuridade naquele local era tão densa quanto as tuas dúvidas, mas eu pressentia os teus movimentos e a tua hesitação com mais rigor do que se estivesse a observar o que estavas a fazer. No entanto, não tive medo. Prossegui com a minha fala, porque o meu destino já não dependia de mim. Chorei e implorei, como estava escrito no texto, que me poupassem a vida e, já com o peito a sangrar, gritei uma última vez que não era culpada de nada, que o meu único pecado era ter amado. Por fim, caí desfalecida. Os aplausos foram ensurdecedores. Remoinhos de

abraços uniram os artistas quando o pano caiu. Corri imediatamente aos bastidores à tua procura, mas não te encontrei em lado nenhum.

»Ainda perplexa, regressei de mãos dadas com os outros actores ao palco para agradecer ao público. A noite foi triunfal. Quando finalmente as cortinas se fecharam pela última vez, perguntei por ti. Ninguém me soube dizer se assistiras à representação, ninguém te vira no teatro essa noite. Não se podia negar que havia alguma coisa suspeita no teu desaparecimento. Podia ter ido para casa logo a seguir, mas o coração batia-me desagradavelmente perante a ideia. Decidi cear com os meus colegas e tentei esquecer o que acontecera, quis crer que fora tudo uma alucinação. Era intolerável pensar que o meu próprio marido tentara matar-me. – Violante cala-se. Quer perguntar, mas não pergunta. A questão esteve em suspenso durante vinte e cinco anos: Porque não tinha ele disparado? Tenta afastá-la da sua mente. Prossegue simplesmente: – Mal cheguei a casa, soube que te tinhas ido embora. E, no momento em que tive consciência da tua partida. Convenci-me que fugias de ti próprio, pois se ficasses ao meu lado acabarias por matar-me. Passei revista aos teus armários e a tua roupa tinha desaparecido. Revirei a casa como uma louca em busca de um simples bilhete, mas nada. Não te despediste, não deixaste aviso algum. Ofereceste-me como último presente o teu silêncio. A meio da madrugada, deixei-me cair na cama. Resignei-me à ideia de que o alvorecer traria consigo o fim do nosso casamento. À medida que a luz avançava sobre a manhã, soube que não voltarias.

A voz de Violante altera-se, é agora mais forte e mais acusadora, sobe de tom. É o timbre de uma grande actriz que dá realce a cada uma das palavras que profere. Falta-lhe ainda falar do assunto mais delicado e difícil, aquele que a mortificou durante vinte e cinco anos.

– Os meses seguintes foram terríveis – diz. – É preciso não esquecer que vivia a gravidez completamente só. As pessoas sabiam que tinhas desaparecido, mas não perguntavam nada, atribuindo a separação aos rumores sobre o meu adultério. Para eles as tuas razões não eram difíceis de entender.

Na minha solidão recordava a última vez que te vira: tu apontando-me uma arma. Quando convocava essa memória, imaginava-me a observar-te fixamente o rosto, tentando perscrutar o teu íntimo, e cada vez que o fazia algo no meu olhar morria, uma luz essencial extinguia-se.

Luís Henrique empalidece, sente-se atingido pelas palavras de Violante. Tenta defender-se, dizendo que, se tivesse estado no teatro nessa noite para a matar, não havia então qualquer razão para a ter deixado viva. E acrescenta:

– Tu nunca distinguiste a tua pessoa das personagens. Quando Inês estava a ser morta, acreditaste que eu próprio te matava. Foi tudo um delírio! Mas, seja lá o que for que tenha acontecido, não há razão para estares tão perturbada. – A indignação assenta no rosto de Violante. Não se contém, quase grita:

– Algures dentro de ti a verdade perdeu-se. Achas que quero que me confesses que nessa noite me apontaste uma arma? Pouco me importa que saias por aquela porta com o teu segredo intacto. Pensas que essa questão ainda me atormenta? Como te enganas! Sempre soube a verdade. E, já que falas da actriz que sou, convenhamos que, do ponto de vista teatral, seria a consagração suprema do papel da Castro: morrer no momento em que estava a ser assassinada no palco. Mas não foste capaz de cumprir os teus planos, não foi? Deve ser terrível viver com essa memória, Luís Henrique: a de teres planeado matar a tua mulher. Sei o que experimentaste nessa noite nos bastidores, como se o tivesse vivido por ti. Senti-me assim quando dei o meu filho para ser criado por outra mulher. Pensei que jamais fosse capaz de reconstruir-me depois disso, sonhei vezes sem conta com esse bebé, que praticamente não cheguei a ver. Sonhava-o como uma criança perfeita que não falava, nem podia abrir os olhos. Acordava depois lavada em lágrimas. Mas foi por causa desse filho que aqui vieste hoje, não foi? Então, fica e ouve até ao fim.

»Como te disse, depois de partires deixei de comer. Tudo me repugnava. E culpava a gravidez por todos os males, sobretudo pelo teu abandono. Para ser sincera, rejeitava a criança. Eu sei que este é um sentimento pouco maternal, mas não podemos acusar-nos por causa de um sentimento, muito simplesmente porque não temos qualquer poder sobre ele.

Eu nunca fizera grandes amizades entre as colegas do D. Maria. As actrizes prezam mais a rivalidade do que os afectos; mas, ao ver-me tão desesperada depois de me abandonares, a Catarina (certamente te lembras dela) aproximou-se de mim e acabei por lhe confidenciar toda a nossa história. Foi ela quem me convenceu a doar o menino. Disse-me que seria a única forma de te recuperar e, como ainda quase ninguém se dera conta de

que eu estava grávida e já só tínhamos mais duas representações de *A Morta*, aconselhou-me a ficar em casa depois disso até o bebê nascer. Estava tão desesperada que aceitei sem pensar o conselho da minha amiga. Ela conhecia uma senhora de boas famílias, cujo marido era um militar de elevada patente, que havia anos tentava engravidar e daria uma excelente mãe. Recordo Catarina sentada diante de mim, com aqueles olhos que me fitavam a direito, brilhantes, com incrível fixidez, enquanto dizia estas coisas. Contou-me, inclusivamente, que a senhora em causa ainda era tua parente e que, se algum dia regressasses e quisesses assumir a paternidade ou reclamar a criança, pelo menos seria mais fácil recuperá-la. Só tarde demais me interroguei sobre as motivações dela ao fazer tal sugestão. O sentido altruísta da amizade, as tentativas para evitarmos o sacrifício do outro, as alianças de lealdade, talvez só se construam na infância. Até àquele momento nunca fôramos muito próximas. Fui eu quem cometeu o erro de permitir a Catarina que penetrasse na minha intimidade. Aqueles, como ela, que parecem modestos e humildes, arrastam às vezes consigo profundas amarguras. Entre certas pessoas os gestos de boa vontade mascaram os mais intensos ressentimentos. Talvez ela quisesse ver-me profundamente infeliz por invejar o meu sucesso; talvez a acuse injustamente, por ter sido ela a convencer-me a dar o meu filho. Mas agora também já não importa.

»Houve também egoísmo e ambição da minha parte quando dei o menino. Já que tinha perdido o teu amor, não podia ser mantida à margem do meu público. Disse-o a Catarina, e também ela afirmou não fazer sentido algum eu criar aquela criança sozinha, seria até uma crueldade ficar com ela. Não teria pai e, por causa da minha vida artística, estaria sempre longe da mãe. Num dia em que me foi visitar ao fim da tarde, comecei a sentir as dores. Ela mandou a criada chamar de imediato a parteira. Rodrigo só veio ao mundo no dia seguinte, ao amanhecer. Nessa madrugada, pouco depois do parto, um relâmpago iluminou a rua, mas de súbito escureceu de novo. Os trovões sucediam-se para se desmancharem numa quietude sinistra. Esses momentos em que as forças do mundo interior da terra se misturam com os medos humanos, esses minutos em que os instintos da noite soltam os últimos suspiros, tornam-nos vulneráveis e levam-nos a procurar luz onde ela não existe. Depois de o Rodrigo nascer, o vento começou a soprar mais forte, fazendo bater as janelas. Sentei-me na cama e pedi para ver a

criança. Nenhum pensamento me ocorreu enquanto fixava o menino que acabara de sair das minhas entranhas. Fechei os olhos, estendi os braços e entreguei-o a Catarina para que o levasse, como antes havíamos combinado.

»Há momentos na vida em que se experimenta uma espécie de vertigem, em que não se antecipam as consequências, em que não se percebe até que ponto estamos a ser fracos e cobardes. Esses instantes mudam a nossa vida, como aconteceu na madrugada em que passei o meu filho para os braços de Catarina.

»Em poucos meses, ao contrário do que pensava, acabei por me refazer da tua partida, mas nunca recuperei do abandono do meu filho. Vivía a minha vida pela cadência das estreias e das digressões. Regressei também à sociedade. Movia-me com aparato, exprimia-me com alegria, mas parecia que o mundo inteiro era um palco onde me deslocava, participando de cada acontecimento com os artifícios da representação. Aperaltava-me, gastava uma fortuna em roupas de última moda, o tipo de vestuário vistoso que usam as mulheres infelizes quando já não acreditam em nada. Continuava a ir a festas, a dançar nos salões, porque queria esquecer. Não havia, no entanto, maneira de escapar ao passado. A imagem do meu filho continuava a tocar em tudo. Essa dor sinto-a até hoje – acrescenta em surdina. Os seus olhos estão cheios de lágrimas. – Uma dor que era também a impossibilidade de ver o meu filho crescer e de assistir aos seus amuos e às alegrias infantis. No funeral de Rodrigo, foi ainda por mim que chorei e não tanto por ele.

Luís Henrique levanta-se instintivamente para a consolar, mas ela afasta-o e continua:

– Seja como for, cada um de nós, à sua maneira, reencontrou o seu caminho neste mundo. Passaram-se muitos meses até ouvir falar de ti e tomar conhecimento de que estavas a representar num teatro de Londres. Os acontecimentos sucederam-se: mataram o rei, veio outro rei e depois implantaram a República. Espalharam-se as greves e as insurreições armadas, o mundo incendiou-se com a guerra, a Europa quase desapareceu nesse fogo que matou dez milhões de pessoas, ao ponto de se poder pensar que, no meio das cinzas de tantos cadáveres, não haveria espaço para desgostos privados. Quase tudo o que era uma certeza na época em que nos casámos já não vigora. Talvez tenha restado apenas a minha reputação de actriz. E, durante anos, fingi aceitar que a fama era uma consequência do

gesto imperdoável de me ter privado do meu filho. Sobrou também essa angústia que não se distingue de quem fui e ainda sou.

»Para se viver com verdade é preciso amar alguém até ao fundo e sustentar esse amor com todas as forças, por maiores que sejam as contrariedades, como fez o meu filho. Rejeitei esse princípio no momento em que o abandonei. A amargura tornou-se a minha perpétua vigília. Sempre que via uma criança aproximar-se, procurava no seu rosto infantil o olhar do bebé que vira apenas uns instantes. Não me era permitido, contudo, profanar a inocência desses meninos com as minhas lágrimas.

A Luís Henrique não passa despercebida a menção ao facto de Violante saber algo que se passou na vida de Rodrigo, assegurar que ele sustentou um amor até à morte com todas as forças. Mas não tem tempo de a interpelar, porque ela já retoma o discurso:

– Tudo se passou há muito tempo. Hoje em dia, ninguém interrompe o silêncio em volta da campa do meu filho. No seu túmulo já só suspiram sombras. Durante todos estes anos nunca cessei de criar laços imaginários com ele. Agora o meu filho está morto e nós sobrevivemos ao facto de não termos sido os seus pais. Tu partindo para Inglaterra e eu representando no Teatro Nacional. Terei resistido por cobardia e, no entanto, com brilho, se se conceder importância à fama com que a sociedade me premiou. Imagino que também pensaste nele sempre que vias uma criança. Aliás, tenho a certeza de que vieste cá para obter uma resposta à pergunta que tem sido a verdadeira questão da tua vida: será que o Rodrigo era teu filho?

– Tens razão, foi para isso que vim – responde Luís Henrique. Mas fala numa voz arrastada, quase segredando, como se tivesse medo da resposta.

Aquele momento contém um silêncio especial. Violante, porém, não dá mostras de o querer esclarecer e o que diz continua a inscrever-se na história das suas lágrimas. As perdas, os sofrimentos, os dias sombrios e as noites insones formaram esse enredo. Endireita-se no sofá e levanta ligeiramente a voz, parecendo de novo exaltada:

– Que valor tem o sucesso, o teu ou o meu, quando não se salvaguardou o mais importante? Que importância tem a fama quando nos perdemos das prioridades? Sabes qual foi o propósito da minha vida depois de te teres ido embora e de eu ter abandonado o Rodrigo? Nenhum. Simplesmente, queria respirar, dormir e acordar no dia seguinte, respirar e dormir para me desligar das tensões humanas. Desejava unicamente que as estações se

seguissem umas às outras e que o meu tempo acabasse o mais depressa possível. Viver assim implica um sentimento de infinita solidão. Nunca mais fui capaz de me entregar a ninguém. Os aplausos anónimos do público constituíram, durante muito tempo, o meu único alimento. O distanciamento dos meus gestos do dia-a-dia explica a minha confiança nos palcos. Suguei a vida com uma espécie de força selvagem e primitiva de quem não quer saber de mais nada senão representar. Ainda sou assim.

Violante respira profundamente, como se alguém a tivesse amordaçado durante anos. Observa calada o rosto familiar, tão dolorosamente familiar, do marido que não via há vinte e cinco anos. E é como se ele tivesse envelhecido tudo o que envelheceu naquela noite.

– Não te respondi sobre o Rodrigo porque não disponho de uma resposta – diz finalmente. – Mas agora todas as perguntas são inúteis e sem esperança. O meu filho faz parte daquela multidão de cadáveres de várias nacionalidades que invadiu o subsolo da Europa. Jaz, como os outros, naquele terreno onde a vitória e a derrota dos países se confundiram. – Faz uma pausa e olha Luís Henrique fixamente. – Queres perguntar, mas passas ao lado da pergunta certa. O que é que ganhaste com a tua partida? Recuperaste a honra? Que importava o que as pessoas pensariam sobre quem seria o pai do Rodrigo? Aliás, ninguém tinha conhecimento dos factos. E mesmo que tivessem!? No fim de contas, a opinião dos outros não interessa para nada. Só importa o que persiste nos sentimentos, o que faz mover o coração. Aprende isso de uma vez por todas, e aprende-o com as palavras de um morto.

Perante o olhar espantado de Luís Henrique, Violante levanta-se e dirige-se à escrivaninha, donde traz as cartas que leu várias vezes desde o funeral de Rodrigo. Estende-lhas, mas não lhas dá ainda, quase parecendo que lhe custa separar-se delas. O gesto é feito com lentidão, como se a sua vontade se tivesse tornado uma pedra que exerce o seu peso para a arrastar até à imobilidade. Prossegue, agarrando ainda as cartas:

– A questão essencial resume-se a saber o que perdemos com o nosso orgulho – diz-lhe. – Se eu te tivesse encoberto a verdade, como teria sido a continuação das nossas vidas? Terias duvidado do teu amor pelo meu filho? Provavelmente, irias amar o menino como qualquer pai, vibrando mil vezes com as suas conquistas, gritando de alegria com as suas vitórias. Por outro lado, se te tivesses mantido ao meu lado, decerto prosseguirias com as tuas

aventuras extraconjugais, mas, ao perdoar-te uma vez, talvez eu acabasse por considerar ridículas as tuas traições. Seduzirias mais esta ou aquela mulher sem ter uma razão concreta, amores que não eram dirigidos a ninguém a não ser ao próprio desejo. Talvez o meu amor serenasse, e deixasse de ser preciso castigar-me ou punir-te. Ou não: talvez voltasse a sentir-me dilacerada pelo ciúme e um dia partisse para o campo numa carruagem com Rodrigo nos braços, procurando refúgio na minha aldeia. Mas teria o meu filho comigo, teria uma razão para viver que fosse verdadeira, que não fosse só mais uma representação. No fundo, também sabes que o desastre das nossas vidas se resume a esse laço que nunca tivemos com aquele bebé.

Luís Henrique tem um violento ataque de tosse. É o seu corpo que desiste quando a sua existência já provou ser um completo malogro. Violante ouve bater as horas no relógio, aguarda que ele se restabeleça e conclui:

– Nada nos espera. Já é muito tarde, a manhã está prestes a raiar, mas o dia não nos trará nada de novo. Não soubemos agarrar as verdadeiras oportunidades. O sol irá nascer triste, uma luz tão sombria como o vínculo que nos ligou. Irás partir em breve, tacteando na escuridão de sempre, sem saberes por mim mais do que no momento em que aqui entraste. O círculo fechou-se. Esta errância pelo passado foi, sem dúvida, inútil. A vida de Rodrigo nunca acabará para nós, tendo já terminado. Nada é mais doloroso do que um luto que se faz sob a indiferença dos demais e é eterno. Todos os meus amigos desconhecem que tive um filho e consequentemente não sabem que morreu. As únicas datas que o ligam a mim são os dias em que nasceu e que foi a enterrar. Foram os únicos em que estive presente, não participei em mais nenhum. Tenho de conformar-me com o facto de a minha dor não ser sentida por mais ninguém. Para o mundo sou apenas uma actriz, transformei-me naquilo que os outros vêem. E o mesmo se passou contigo.

Luís Henrique permanece calado, fixa a luz ténue do candeeiro com olhos míopes. O dia está para nascer. Aquela sala não é mais do que um cenário em que qualquer coisa do passado continuará sempre a vaguear depois do que foi dito. A sua vida foi sempre, e só, uma representação. O seu rosto faz-se cinza na luminosidade viscosa da madrugada. Levanta-se, como se de pé fosse mais fácil enfrentar o caos dos próprios pensamentos. Fora do refúgio da poltrona, fica mais exposto. Pela primeira vez nessa noite, num

gesto lento, agarra as mãos de Violante. Ela defende-se desse gesto, que talvez seja ainda de afecto, entregando-lhe as cartas.

– Lê-as e decide tu se Rodrigo era teu filho – declara. – A mim, parece-me que não saiu a ti na coragem com que amou até ao fim, na sua fidelidade, na indiferença em relação ao que o mundo pudesse pensar dele. Ao mesmo tempo, também fugiu o meu filho de quem amou sem se despedir, também decidiu ir para longe para evitar o escândalo, exactamente como aconteceu contigo. Nunca se sabe, mas talvez, ao leres estas cartas, descubras a resposta à tua pergunta.

Luís Henrique olha o maço de cartas na mão, enquanto Violante o conduz até à saída, não conseguindo deixar de pensar que a sua masculinidade se sentirá atingida com as inclinações sexuais de Rodrigo, mas que, quando o choque o abandonar, tal como aconteceu com ela, admirará a sua capacidade de amar incondicionalmente para além de todas as interdições. Sentir-se-á um covarde ao pé dele, pois, apesar da sua fuga e de todas as amantes que teve ao longo da vida, Violante foi, afinal, o grande amor pelo qual não foi capaz de lutar.

Já à porta da rua, sabe que está a despedir-se dela, mas não lhe diz adeus. Inclina-se os dois formalmente, como velhos cúmplices que têm medo dos fantasmas que deixaram para trás. Violante abre a porta e o *hall* de entrada enche-se de angústias, preenche-se com as variantes possíveis de uma vida conjugal que nunca aconteceu. No último instante, Violante beija-o ao de leve nos lábios. É um beijo estranho, breve e accidental. Mais do que um gesto de carinho, é uma resposta imprecisa e terna a uma pergunta a que não se pode responder com palavras. Finalmente, Luís Henrique sai daquela casa com a consciência de que nunca mais a voltará a ver. O silêncio matinal da rua vazia é cortado pelo ranger de uma porta que se fecha.

Ainda Violante não se virou e já se ouvem os aplausos. A criada aparece atrás de si vinda do nada e bate palmas efusivamente. Diz à sua senhora que aquele foi, de longe, o melhor ensaio a que assistiu desde que se lembra. E, antes que Violante possa dizer alguma coisa, acrescenta:

– Houve momentos em que pensei que estava a falar da sua vida, quase acreditei que isto se teria mesmo passado, de tal forma foram convincentes.

Levada pelo entusiasmo, prossegue elogiando o desempenho sublime da patroa e dizendo que nunca até ali outro papel lhe assentou de forma tão perfeita: representar uma actriz! Adorou a peça, na qual havia de tudo:

cartas vindas do além, amores sublimes, infidelidade e dupla traição, tentativas de assassinato e abandono de um pobre órfão. Absolutamente tudo! O fim, então, dava vontade de chorar. Ninguém como a sua senhora para transmitir a exaltação, o desespero, a raiva ou o amor, fundindo numa só cena todas as emoções da alma. Não apenas através das palavras, mas do estremecer das rugas do rosto, das veias do pescoço, das asas do nariz ou do canto da boca. Ah, ela era uma simples criada e não estava ao seu serviço assim há tanto tempo para cometer tal abuso, mas desta vez pedia-lhe: quando a peça se estreasse, poderia ir vê-la ao teatro? E agora já podiam abrir a porta ao senhor?

Epílogo

Lisboa, 14 de Julho de 1918

Querido Rodrigo,

Morreste-me e, embora me tenhas avisado de que a morte nas trincheiras nunca cessa, reconheço que não estava à espera do que aconteceu.

Queria poder dizer que esta é uma resposta às tuas cartas, mas ambos sabemos que nunca antes tive intenção de ta dar. Só agora te escrevo porque o homem que neguei ter amado está, afinal, dentro de mim e tenta fazer-se ouvir; o cadáver que trago comigo ainda está por enterrar. Antes de vir para esta secretária sentei-me no vão da janela a ver o dia declinar. Tinha acabado de ler no jornal a notícia da tua morte. As árvores frondosas do outro lado da rua recortavam-se negras contra os últimos raios de sol e um bando ruidoso de pássaros descrevia círculos, disputando um ramo para passar a noite. Pensei em ti, mas as lágrimas não caíam, como se os meus olhos fossem duas fendas estreitas, vazias e secas.

Lentamente, dirigi-me à secretária. Já sentado, evoquei a tua figura. A recordação que guardo de ti começa já a esboroar-se. A tua expressão, os teus gestos, vão perdendo nitidez como as pequenas partículas de folha de ouro que se desprendem quebradiças de um quadro. Será que um dia a tela inteira vai ficar vazia?

Vejo-te, mas és uma imagem pálida e fugidia. Esforço-me por conservá-la, mas tenho dificuldade em a fixar. A sensação de te estar perder para o esquecimento fez com que começasse a escrever. Vou deixar esta carta, juntamente com as outras que me enviaste, no teu túmulo. Nunca a irás ler, mas preciso que me entendas, ou então sou eu que preciso de me compreender.

Tu partiste e eu fiquei aqui parado, olhando o espaço em branco do papel e segurando o arrependimento. Devia ter-te respondido. Desde que me conheço que desejei ser outra pessoa. Nunca suportei o confronto entre as minhas inclinações sexuais e as ideias feitas que a minha educação me havia inculcado. Sabes tão bem como eu que o essencial da vida é perpetuar a espécie. O amor, os beijos e as grandes cerimónias de casamento não são mais do que cenários que preparam esse grande momento. Eu queria ter um filho, não o nego.

Quando o nosso desejo grita por homens, e não mulheres, temos de nos conformar com aquilo que somos e ao mesmo tempo ter consciência de que só iremos sobreviver se nos escondermos. Como homossexuais, a nossa única liberdade é escolher entre a amargura da repressão dos sentidos e os prazeres clandestinos. Consegui fazer as duas coisas: fingir o que não sou, casando-me, e ainda assim conviver fugazmente com homens e depois retornar ao meu papel de marido.

Pensei que tinhas compreendido a minha forma de viver, mas tu desejavas o amor e isso era mais do que conseguia proporcionar-te. Ao contrário de ti, eu achava que as coisas podiam ser bastante mais simples: ambos tínhamos um corpo de que usufruíamos e nele o coração ocupava um ínfimo lugar. No entanto, nos momentos em que estava contigo, a tua entrega amorosa libertava-me do fardo de ser quem não era. O teu olhar sobre mim ateava um fogo nas profundezas da minha alma e eu permitia-me sentir-me livre de todas as opressões. Era como se tivesse viajado para uma floresta num lugar remoto onde não existissem outros olhos para além dos nossos e, mesmo com as árvores à volta, só se alcançasse a luz do céu. Sentíamo-nos felizes juntos e não éramos infelizes quando estávamos separados, o que era mais do que a maioria das pessoas consegue no casamento.

Estou consciente agora de que o meu amor por ti foi contaminado por um temor que consumiu todos os afectos. E quero dizer-te que entendi a tua partida para a guerra como uma dádiva, como um terrível presente que me

libertaria de mim próprio e das minhas inclinações. Durante alguns meses saboreei a felicidade de viver sem aventuras e sem o desejo delas. Depois, as tuas cartas foram chegando e perturbaram-me, fizeram-me vacilar e, por isso, decidi que a única resposta que irias obter de mim era um silêncio glacial.

Então, como aliás previste, há poucas semanas arranjei outro amante, pois o desejo manifesta uma tendência volúvel para se transferir, num movimento frívolo e despiedado, de um objecto para outro. Uma aventura sensual, comum, banal, onde só existia o corpo e as suas necessidades. Voltei a pensar em ti, porque nos nossos beijos, carícias e abraços era insaciável a sede de dar e receber. Tão diferente daquele amplexo amoroso em que rapidamente as bocas se deixavam de interessar uma pela outra e o coração nem se dava conta daquele escandaloso desinteresse recíproco.

Quando li a notícia no jornal sobre o teu funeral soube que a dimensão do meu amor por ti fora mantida em segredo até para mim próprio, para não despertar a indignação dos outros. Mas, se depois da morte houver outra forma de vida, se formos para um mundo em que as mentiras sejam impossíveis, tu serás, sem dúvida, a minha paixão. O encanto que sobre mim lançaste irá corroer-me para sempre. Vou transportar-te comigo até ao momento em que morrer e esta é a única imortalidade que ainda te posso oferecer.

Teu,

Eduardo

O meu obrigada à Rosário.